



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA**  
**LINGUAGEM**

**GABRIEL GOMES DE MELO**

**“NOSSO BONDE É SINISTRO”:** O BREGA-FUNK COMO  
REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA DO  
RECIFE

RECIFE

2023

GABRIEL GOMES DE MELO

**“NOSSO BONDE É SINISTRO”**: O BREGA-FUNK COMO  
REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA DO  
RECIFE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, tendo como área de concentração os Estudos Interdisciplinares da Linguagem.

**Orientador:** Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M528"

Melo, Gabriel Gomes de Melo

"Nosso bonde é sinistro": o brega-funk como representação da desigualdade socioeconômica do Recife / Gabriel Gomes de Melo Melo. - 2023.  
123 f. : il.

Orientador: Iran Ferreira de Melo.

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, 2024.

1. Periferia. 2. Discurso. 3. Transitividade. 4. Análise Crítica do Discurso. 5. Fairclough. I. Melo, Iran Ferreira de, orient. II. Título

CDD 470

---

GABRIEL GOMES DE MELO

**“NOSSO BONDE É SINISTRO”: O BREGA-FUNK COMO  
REPRESENTAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA DO  
RECIFE**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco, à seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo  
(Orientador – PROGEL/UFRPE)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vicentina Ramires  
(Examinadora – PROGEL/UFRPE)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jaciara Josefa Gomes  
(Examinadora – UPE)

RECIFE

2023

## AGRADECIMENTOS

A realização de um mestrado sempre foi um sonho desde minha graduação, tempos em que eu pegava três ônibus e passava por duas integrações todos os dias, levando 1h40m pra ir de Arthur Lundgren I, Paulista, até a FOCCA, em Olinda. Isso sem contar a volta.

Esse sonho não se trata de um fim em si mesmo, porque apesar de ter me identificado com a atuação nas salas de aula do Ensino Regular, eu sempre me identifiquei muito mais com o Ensino Superior, com as discussões acadêmicas a respeito da minha tão amada Linguística e suas infinitas ramificações. Ainda chegarei lá!

Dito isso, eu começo agradecendo a todos os professores e todas as professoras que dialogaram minha existência desde 2015, ano em que ingressei no Curso de Letras. Depois que me tornei um, percebi que nosso trabalho – intelectual e físico – é inesgotável, e não digo isto com orgulho. Ainda assim sigo aqui, tal como cada um deles e delas também seguem. A razão sabemos bem qual é.

Como nem só de trabalho deve viver o ser humano, agradeço também às minhas companhias fora do espaço profissional: meus amigos e amigas. Primeiro aos que fiz/reforcei durante minha atuação no emprego em que passei a maior parte dessa pós-graduação, em especial a Amanda, Helder, Júlia, Lorena, Patrícia, Roberta, Ueudja e Wend.

Gostaria também de agradecer ao PROGEL, esse programa de pós-graduação que é um verdadeiro *achado* e que eu espero contribuir e muito ainda para com seu desenvolvimento, pois acredito demais no trabalho que está sendo desenvolvido por todas/as os/as envolvidos/as e no peso que tem seu sua produção científica comprometida com a mudança social.

Falando no PROGEL, agradeço também aos/às amigos/as que cá fiz, principalmente a Alícia, Ighara e Layanne pelos diversos momentos de discussão dentro de sala e de resenha fora.

Agradeço também a Julyanne do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco (GPLP) por toda sua paciência e empenho em catar livros que foram muito importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Expresso minha gratidão também à minha família, à minha esposa e ao meu querido amigo Neto pelo ininterrupto suporte desde sempre.

Não poderia deixar de fora o meu professor, orientador e amigo Iran. Que nossa parceria seja longa, prof!

Um abraço em todos/as!

## RESUMO

A presente pesquisa procura compreender a desigualdade socioeconômica da cidade do Recife e o discurso presente em canções de brega-funk a partir de seu sentido representacional. Para tanto, dados recentes sobre o tema envolvendo a capital pernambucana foram levantados e debatidos, sobretudo a partir das contribuições de Soares (2021). Também foi realizada uma contextualização histórica da fundação da cidade e do estabelecimento de sua atual configuração centro-periferia. Tendo como base os estudos de Orlandi (2004; 2017), o brega-funk foi apresentado como um fenômeno que reflete e produz conflitos entre as classes socioeconômicas recifenses e como uma prática que estabelece uma intrínseca equivalência entre a periferia e os/as periféricos/as da cidade. O *corpus* é composto por cinco canções de diferentes autorias que possuem mais de um milhão de visualizações na plataforma de vídeos YouTube, tendo sido lançadas a partir de 2018, o qual é tido como o ano em que o brega-funk atingiu sucesso nacional. As canções foram analisadas com base na Análise Crítica do Discurso, mais especificamente na abordagem de Norman Fairclough (2003) acerca do discurso como representação dos eventos sociais, tendo como critério linguístico o sistema de transitividade oracional segundo as diretrizes da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014). A análise apontou para uma ocorrência maior de processos comportamentais, materiais e relacionais, respectivamente. A transitividade como um todo, por sua vez, suscitou três elementos temáticos pelos quais a desigualdade socioeconômica do Recife pôde ser discutida: sexualidade, criminalidade e territorialidade.

**Palavras-chave:** periferia; discurso; transitividade; Análise Crítica do Discurso; Fairclough.

## ABSTRACT

This research seeks to understand the socioeconomic inequality in the city of Recife and the discourse present in brega-funk songs from its representational meaning. To this end, recent data on the topic involving the capital of Pernambuco were collected and debated, especially the ones based upon the contributions of Soares (2021). A historical contextualization of the city's founding and the establishment of its current center-periphery configuration was also carried out. Based on studies by Orlandi (2004; 2017), brega-funk was presented as a phenomenon that reflects and produces conflicts between Recife's socioeconomic classes, and as a practice that establishes an intrinsic equivalence between the periphery and the peripherals of the city. The corpus is made up of five songs by different authors that have more than one million views on YouTube, having been released since 2018, which is considered the year that brega-funk achieved national success. The songs were analyzed based on Critical Discourse Analysis, more specifically on Norman Fairclough's (2003) approach to discourse as a representation of social events, using the transitivity system as a linguistic criterion according to the guidelines of Systemic-Functional Linguistics of Halliday and Matthiessen (2014). The analysis pointed to a greater occurrence of behavioral, material and relational processes, respectively. Transitivity, in turn, raised three thematic elements through which Recife's socioeconomic inequality could be discussed: sexuality, criminality and territoriality.

**Keywords:** periphery; speech; transitivity; Critical Discourse Analysis; Fairclough.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| Fig. 1 - Thadysia e suas amigas em um encontro de passinho na Praça do Marco Zero                       | 21  |
| Fig. 2 – chamada para o evento A Favela Venceu, realizado em 2 de fevereiro de 2019 no bairro Rosarinho | 30  |
| Fig. 3 – As Caciques se apresentando na Praça do Marco Zero   | 46  |
| Fig. 4 – Modelo Tridimensional do Discurso  | 61  |
| Fig. 5 – revisão dialética da linguagem.  | 64  |
| Fig. 6 – exemplo de níveis de abstração do discurso.  | 70  |
| Fig. 7 – tipos de Processos   | 73  |
| Fig. 8 – encadeamento discursivo do brega-funk enquanto representação da periferia recifense            | 104 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO _____  | 10 |
| CAPÍTULO 1 – O BREGA-FUNK E O RECIFE _____  | 17 |
| 1.1 A delimitação de um conflito _____  | 18 |
| 1.2 Uma aparente simetria _____   | 24 |
| 1.3 A favela venceu? _____  | 28 |
| CAPÍTULO 2 – RECIFENSES DE ANTES E DE AGORA _____                                       | 33 |
| 2.1 Breves considerações sobre a história da urbanização do Recife _____                | 35 |
| 2.1.1 O fator cana-de-açúcar _____  | 38 |
| 2.1.2 Entre sobrados e mocambos _____   | 39 |
| 2.2 A consolidação da dualidade centro-periferia no Recife _____                        | 41 |
| 2.3 O brega-funk como resistência da periferia _____                                    | 44 |
| 2.4 Uma individualização adversa _____  | 47 |
| CAPÍTULO 3 - POR UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO _____                                  | 49 |
| 3.1 O discurso até a ACD _____  | 49 |
| 3.2 Compreendendo a ACD através de sua história _____                                   | 53 |
| 3.3 ACD por quê? _____  | 54 |
| 3.4 A teoria faircloughiana em um primeiro momento _____                                | 56 |
| 3.4.1 Tridimensionalidade do discurso: texto, prática discursiva e prática social _____ | 59 |
| 3.5 A teoria faircloughiana num segundo momento _____                                   | 63 |
| 3.5.1 Os tipos de sentido: Ação, Representação e Identificação _____                    | 65 |
| CAPÍTULO 4 – REPRESENTANDO O MUNDO _____  | 68 |
| 4.1 O discurso como representação do mundo _____  | 68 |
| 4.2 Falando sobre o sistema (de transitividade) _____                                   | 72 |
| 4.2.1 Processos e Participantes _____   | 72 |
| 4.2.1.1 Processos Materiais _____   | 73 |

|   |     |
|---|-----|
| 4.2.1.2 Processos Mentais _____             | 74  |
| 4.2.1.3 Processos Relacionais _____         | 75  |
| 4.2.1.4 Processos Verbais _____             | 76  |
| 4.2.1.5 Processos Existenciais _____        | 76  |
| 4.2.1.6 Processos Comportamentais _____     | 76  |
| 4.3 As Circunstâncias _____                 | 77  |
| CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> _____ | 80  |
| 5.1 As canções _____                        | 81  |
| 5.2 À discussão! _____                      | 83  |
| 5.2.1 A questão da sexualidade _____        | 84  |
| 5.2.2 Sobre a criminalidade _____           | 89  |
| 5.2.3 Entre territorialidades _____         | 95  |
| 5.3 Mas então, o que fazer? _____           | 101 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS _____                  | 103 |
| REFERÊNCIAS _____                           | 106 |
| APÊNDICE _____                              | 113 |
| ANEXOS _____                                | 120 |

*Ó, Senhor!  
Por que tanta humilhação?  
Paraíso pros safado  
Inferno pros irmão*

- MC Leozinho

## INTRODUÇÃO

O ininterrupto fluxo do trabalho intelectual da humanidade nos legou a compreensão de que todas as nossas relações sociais perpassam o nível do discurso. Isso significa dizer que não há interação sem o discurso, pois o discurso é em si mesmo a própria interação. Estamos o tempo todo produzindo e reproduzindo interações, e com isso produzindo e reproduzindo práticas que definem nossa existência, nossas relações de poder, nossos abusos e prazeres. Não há escape – como disse Foucault (2014a), somos escravos da significação.

À luz de Fairclough (2003), os discursos são formas de representar aspectos do mundo, seja o mundo material, mental ou social. Na dinâmica de continuidade espaço-temporal em que vivemos, mudam os discursos e mudam também os aspectos do mundo. Assim, os discursos são também diferentes perspectivas sobre o mundo, o que resulta, ao fim e ao cabo, nas diferentes perspectivas que temos sobre nós mesmos enquanto indivíduos e sociedade.

Com isso, é possível dizer que temos o poder de afirmar, reafirmar e/ou negar certas visões de mundo, ou seja, através do discurso temos o poder de afirmar, reafirmar e/ou negar uns/umas aos/às outros/as. Inúmeros são os casos ao longo da história da nossa espécie em que foram ou ainda são negados o poder da palavra, como aos/às *loucos/as*, às mulheres, à população negra, LGBTQIAPN+, periférica etc.

Há aqui uma implicação importantíssima para começo de conversa: o poder da palavra não é negado de forma natural, mas sim estrutural – trata-se da manutenção de um sistema que atende aos interesses de uma determinada classe social em detrimento dos interesses de outra classe. Vamos considerar a população periférica da cidade do Recife, o local de onde falo<sup>1</sup>. Se há, em primeiro lugar, uma periferia, é porque há um centro, sua imediata dicotomia. As relações urbanas da cidade, sua organização, a forma com que estão postas as ruas esburacadas e sem saneamento básico de bairros pobres e periféricos como Passarinho, os morros de terra da Guabiraba com as casas na beira a ponto de desmoronar ou as palafitas à beira do mangue na ilha de Joana Bezerra não por acaso contrastam com as ruas asfaltadas e arborizadas de bairros *nobres* como o

---

<sup>1</sup> Eu nasci em Recife no ano de 1995, mas desde sempre morei na cidade do Paulista, Região Metropolitana do Recife (RMR). Apesar disso, me considero recifense, pois compartilho a sensação de que toda a RMR é periferia e existe em função da capital/centro – é tanto que desde o começo dos anos 2010, da minha adolescência à vida adulta, a maior parte das minhas relações sociais e profissionais se deram no Recife, não em Paulista.

Espinheiro, com a tranquilidade da vizinhança em Santana ou com os apartamentos de 1 milhão de reais na Av. Boa Viagem.

Orlandi (2013) chama de urbano o aspecto organizacional da cidade, a forma com que seu aspecto real – a materialidade das ruas, prédios, casas etc. – está organizado ou, mais importante, desorganizado. Quando falo em periferia, trato desse último elemento – a periferia é desorganizada. Mas desorganizada por quem e por quê?

A forma com que nossa capital pernambucana e nossa sociedade como um todo está organizada, se dá dentro de uma dinâmica e luta de classes, uma luta que é sobretudo política, como diz Marx e Engels (1997), uma tal que implica numa relação hierárquica entre opressores e oprimidos/as, exploradores e explorados/as.

Há, portanto, uma confluência entre a desorganização da periferia, a privação de direitos básicos à moradia, de acesso ao saneamento básico, lazer público etc., e a negação do poder da palavra a nós periféricos/as, à população negra, LGBTQIAPN+ e demais *minorias*: elas atendem aos interesses da classe dominante, da manutenção dessa estrutura que enriquece tão poucos/as ao custo do empobrecimento da esmagadora maioria do povo – elas atendem ao capitalismo. É nesse sentido que Orlandi (2004; 2013) afirma e reafirma que a ausência do poder público na periferia é necessário, pois se há uma luta de classes, é preciso que esteja definido o lugar de cada uma no espaço citadino.

A grande questão é que a privação da plena ocupação da cidade pela maioria de sua população não é uma ação sem reação – há diversas consequências, e uma delas é a resistência. Se o poder é em parte exercido através do discurso, a resistência a esse poder também. Duas coisas: primeiro, o poder de que falo é o poder da classe dominante – a classe dominante do Recife – para ser mais específico, em manter o estado das coisas, a *normalidade* do capitalismo; segundo, a resistência a que me refiro se dá através de um discurso que não só vem da periferia, como também a representa – é um discurso cultural, um tal que, nos últimos anos, tem tido grandes projeções não só localmente, mas nacionalmente. Falo aqui do brega-funk.

Herdeiro dialógico do brega pernambucano e dos funks carioca e paulista, o brega-funk, enquanto discurso, é uma amálgama de ações, identidades e representatividades do lugar de onde vem. Suas canções, portanto, cantam sobre a periferia, sobre sua realidade (des)organizacional, sobre o seu descaso por parte das autoridades políticas, sobre, enfim, sua desigualdade socioeconômica, resultado direto da estrutura capitalista da qual fazemos parte. Mas de que forma?

É a partir deste questionamento que concebi este trabalho. É por esse viés, portanto, que objetivo investigar, de maneira geral, como o discurso das canções de brega-funk gera sentidos de representação da desigualdade socioeconômica da periferia do Recife. Com isso perpasso alguns outros objetivos de maneira mais específica, a exemplo de: (1) debater o contexto sociocultural no qual o brega-funk está inserido; (2) discutir dados históricos e recentes a respeito da desigualdade socioeconômica da cidade; e (3) desenvolver uma isonomia entre a periferia recifense e seus indivíduos periféricos.

Tal percurso requer uma base teórico-metodológica de investigação, o que me fez recorrer à Análise Crítica do Discurso (ACD). A principal razão para tanto é a sua perspectiva crítica, termo que não se dá por acaso. A ACD advoga uma postura abertamente parcial por parte do/a pesquisador/a que, partindo do micro para o macro, de eventos específicos para estruturas gerais, deve apresentar e discutir dados seguindo uma linha retórica que denuncie e combata as desigualdades sociais, sejam elas quais forem – econômicas, de classe, gênero, etnia etc. (VAN DIJK, 1993; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Esta denúncia, porém, deve partir do discurso, ou de um conjunto de discursos, que compreende o *corpus* da pesquisa. O *corpus* deste trabalho em específico compreende cinco canções de brega-funk selecionadas a partir do YouTube. Os critérios que tomei para sua seleção foram: terem sido lançadas a partir de 2018<sup>2</sup>, terem mais de um milhão de visualizações, e serem de artistas diferentes. As canções são: *Envolvimento* (MC Loma e as Gêmeas Lactação); *Gera Bactéria* (Shevchenko e Elloco); *Cheiro Pó na Bunda Delas* (CL no Beat, MC Boyugo, MC João Maloka); *Apona pro Bandido – Uni Duni Duni Tê* (MC Abalo, MC Chefe Coringa, MC Reino, MC Moana, MC Magrinho); e *Festinha de Traficante 2* (CL no Beat, MC Chefinho da ZO, MC Zangão).

Tendo selecionado o *corpus*, o próximo passo tomado foi a seleção da categoria linguística de análise. Por estar considerando o discurso do brega-funk enquanto representação da desigualdade da cidade do Recife, escolhi a transitividade oracional para ser essa categoria. A grande questão a ser considerada neste passo é que a transitividade oracional leva em conta os Participantes, os Processos e as Circunstâncias das orações presentes em um texto como um todo – neste caso, em uma canção.

---

<sup>2</sup> O professor Thiago Soares (2021) atribui enorme importância deste ano ao brega-funk em razão do lançamento da canção *Envolvimento* (MC Loma e as Gêmeas Lactação), considerando-a como um divisor de águas para o sucesso do referido gênero.

Halliday e Matthiessen (2014), ao proporem a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) – uma das bases para a ACD, conforme discutiremos mais para frente –, apontaram que a análise da transitividade oracional a partir dos Participantes, Processos e Circunstâncias, dão luz a como as pessoas, suas ações e os cenários que as envolvem são representados pelo discurso. Dizendo de outra forma, a análise da transitividade oracional, a partir da LSF, se constitui como uma ferramenta para a interpretação de como as pessoas, ao dizerem o que dizem, representam: a si mesmo ou a outras pessoas (Participantes); o que fazem ou o que está sendo feito a elas (Processos); e onde, quando ou de que forma tudo isso ocorre (Circunstâncias).

É preciso que esse sentido representacional, porém, seja compreendido dentro de um todo. Fairclough (2003), numa releitura da LSF, aponta que os textos podem ser vistos simultaneamente como Ação, Representação e Identificação. Exemplo: *o bagui é louco; o processo é lento; eu vou te mostrar, como funciona lá dentro*<sup>3</sup>. Nesta canção o enunciador está representando o carnaval do Recife, ele está falando sobre como ocorrem algumas relações sociais durante a festividade (*x tem a ver com y* – Representação), mas ao mesmo tempo ele declara que vai informar a respeito do tema (a relação entre *x* e *y* está sendo/será apresentada – Ação), e demonstra também seu ponto de vista a respeito, como ele se relaciona com o que diz (*x é y, não foi ou vai ser* – Identificação).

Por questões metodológicas, o sentido do discurso que busquei discutir no *corpus* é o Representacional. Como falei anteriormente, isso *casa* com o objetivo geral que é investigar como o discurso de canções do brega-funk gera sentidos de representação da desigualdade socioeconômica do Recife. Ademais, o percurso metodológico geral que adotei pode ser concisamente representado pelo quadro a seguir:

1. Selecionar um problema social

2. Identificar os obstáculos para que esse problema seja resolvido, realizando:

2.1 Observação da conjuntura em que ele está inserido

2.2 Observação de sua prática particular e de sua relação com outras práticas

2.3 Análise do discurso por meio da:

2.3.1 Descrição da ordem do discurso

2.3.2 Interpretação dos dados linguísticos

<sup>3</sup> Trecho da canção *Ai, Ui, Ui, Ai – Maconha, Cocaína, Loló e Tudo Mais* (MC Marley). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ziOghiqVgA>. Acesso em: 25 nov. 2023.

|  |
|--|
| 3. Função do problema na prática                         |
| 4. Identificar possíveis formas de superação do problema |
| 5. Refletir criticamente sobre a pesquisa realizada      |

Quadro 1 – etapas metodológicas da ACD (adpt. CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 60)

A realização da Etapa 1 se caracteriza pela motivação inicial da existência da pesquisa, a qual tem a ver com os altos índices de pobreza e extrema pobreza, tendo a capital pernambucana sido a mais desigual nos anos de 2016 e 2019, além de ter ficado entre as cinco mais desiguais em 2020 e 2021 (G1, 2020; 2022). Soma-se a isso o fato de que o Grande Recife – a capital e sua Região Metropolitana – é a região do país em que a população pobre é mais pobre (MORAES, 2021). Foi a partir desta problemática que estabeleci a existência desta pesquisa, especialmente porque, em paralelo, neste mesmo espaço de tempo, o brega-funk foi tendo um sucesso cada vez maior não só localmente como também nacionalmente (SOARES, 2021). E por entendermos, dentro da ACD, que o discurso reflete e refrata a realidade contextual de onde, por quem e quando está sendo praticado, a questão se dá não em verificar se há uma relação entre a desigualdade socioeconômica do Recife e o brega-funk – pois é certo que há –, mas sim em investigar como ela ocorre.

Assim, uma vez selecionado o problema, a Etapa 2 consiste em uma soma de subetapas que partem da seguinte questão: de que maneira este problema está constituído e, provavelmente, sendo mantido? Para tentar responder, é preciso primeiro observar a conjuntura do problema (2.1), isto é, a intersecção entre estruturas e eventos particulares, o que, neste caso, significa voltar os olhos para a constituição da cidade do Recife, para as formas históricas com que suas relações sociais foram se desenrolando e, mais importante, a que interesses elas atenderam e ainda hoje atendem – trata-se, sobretudo, de visualizar a constituição da periferia da cidade e de qual classe social foi condicionada a este espaço.

Dentro dessa perspectiva, partindo do micro para o macro, observo também as relações entre o brega-funk, a periferia recifense e sua estrutura econômica imediata – o capitalismo (2.2). Com isso, levo em conta a dinâmica da luta de classes e busco apresentar como podemos visualizá-la nas práticas que envolvem a produção e reprodução do brega-funk na capital pernambucana. Esta ação, por consequência, leva à

análise do discurso das canções de brega-funk (2.3), que se dá aqui por meio da descrição de sua ordem, da forma com que ela está organizada dentre outras práticas discursivas (2.3.1), além da interpretação de seus dados linguísticos por meio da transitividade oracional segundo a Linguística Sistêmico-Funcional (2.3.2).

A Etapa 3, por sua vez, consiste numa virada epistêmica que passa da compreensão para a explicação do texto – Fairclough (2003) afirma que não se pode advogar que o texto possua uma única forma de compreensão, pois entende que isso depende das combinações de diversos fatores do próprio texto e do/a pesquisador/a; por sua vez, a explicação tem a ver com a realização de uma abordagem teórica particular do/a pesquisador/a sobre o texto como um evento social. Isto significa dizer que minha interpretação deve trazer uma avaliação ancorada na problemática como um todo, mas categoricamente subjetiva – minhas vontades de verdade, como diz Foucault (2014b).

Já nas duas últimas etapas, a pesquisa segue na perspectiva trazida pela Etapa 3, desta vez apresentando possíveis formas de superação do problema, considerando toda a estrutura que abrange sua existência. Trato de apresentar, portanto, maneiras nas quais podemos melhor democratizar este debate, além de (re)pensar o papel do/a cientista da linguagem na luta contra a reprodução das desigualdades, questão essencial para o debate científico contemporâneo na área (RAJAGOPALAN, 2016). Por fim, na Etapa 5 será feita uma reflexão teórica sobre o trabalho realizado, abordando suas limitações e interesses particulares.

Toda essa jornada metodológica está inserida em cinco capítulos. Começo a discussão com a apresentação do brega-funk enquanto fenômeno periférico da cidade do Recife, abordando questões que vão desde suas características enquanto gênero musical a práticas sociais envolvendo artistas e figuras políticas ao longo dos últimos anos. Faço esse recorte pensando não somente na contextualização conjuntural, mas também na constituição da relação entre o espaço periférico e as pessoas periféricas. O principal aporte teórico para esta primeira parte é o trabalho do professor da Universidade Federal de Pernambuco, Thiago Soares, em sua obra *Ninguém É Perfeito e a Vida É Assim* (SOARES, 2021)<sup>4</sup>.

No segundo capítulo, aprofundo o debate sobre a relação entre a periferia e o/a periférico/a recifense, pensando o brega-funk não somente como uma representação deste espaço, mas como uma prática de resistência face à hegemonia da classe dominante e,

---

<sup>4</sup> Cabe aqui afirmar que esta obra foi originalmente lançada em 2017. Sua publicação de 2021 se trata de uma reedição feita pelo autor, sobretudo por conta do sucesso nacional do brega-funk a partir de 2018.

consequentemente, do capitalismo; para tanto, parto de uma breve consideração a respeito da história da cidade do Recife e da constituição de sua periferia. Como aporte teórico principal para esta parte, trago Orlandi (2004; 2017).

No terceiro capítulo eu foco um pouco mais na discussão a respeito do discurso e da Análise Crítica do Discurso, trazendo suas principais perspectivas teóricas e metodológicas com base Fairclough (2019; 2003), e Chouliaraki e Fairclough (1999). Já no quarto, abordo a teoria da transitividade e as principais características dos Processos, Participantes e Circunstâncias, tendo como base a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Por fim, no quinto e último capítulo eu me dedico à discussão do *corpus*.

## CAPÍTULO 1 – O BREGA-FUNK E O RECIFE

Na segunda metade dos anos 1990 o cenário musical da cidade do Recife foi protagonizado pelo manguebeat, movimento liderado por grupos musicais como Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, Mestre Ambrósio, entre outros, não tardando para que o estilo passasse a ser reproduzido no restante do Brasil (RIBEIRO, 2020). Foram necessários, porém, pouco mais de 20 anos para que a música recifense estivesse nos holofotes nacionais uma outra vez. O responsável por essa nova *visibilidade* foi o brega-funk que, tendo surgido numa cidade que já foi considerada a quarta pior capital do mundo para se viver, segundo *The Washington Post* (1990)<sup>5</sup>, é um movimento essencialmente periférico com origens no funk, no brega e no arrocha, três gêneros de longa tradição histórica nas periferias do Recife (ABRAMUS, 2015; SOARES, 2021).

O brega-funk, portanto, surge num contexto de uma capital brasileira com extrema desigualdade socioeconômica que se traduz em altos índices de fome, miséria e violência (GUERRA, 2021; MORAES, 2022; MORAES, 2021). Assumo com isso que o discurso de nós recifenses que residimos em bairros periféricos – os que mais sofrem com a desigualdade existente na cidade – é, entre outras coisas, uma prática social que reflete e refrata a realidade da qual fazemos parte. Dessa forma, o brega-funk ganha palco no Recife e, posteriormente, no restante do Brasil, representando o espaço em que está inserido.

Neste capítulo, trarei alguns eventos de ordem sócio-histórica relacionados ao brega-funk que ocorreram durante os anos 2010 no intuito de dar início a uma compreensão do gênero musical como uma prática social de representação da periferia em relação à sua desigualdade socioeconômica. Realizei uma subdivisão em três partes: na primeira conheceremos um pouco mais sobre o contexto de surgimento do brega-funk e sua relação com os problemas sociais do Recife; na segunda discutiremos um momento em que ele aparenta ser menos estigmatizado pela classe dominante da cidade; e na última trataremos o brega-funk a partir de sua cosmopolitização.

---

<sup>5</sup> O estudo, à época, foi realizado pela ONG Population Crisis Committee que avaliou regiões metropolitanas em 45 países. Os indicadores de avaliação foram: taxa de homicídio, preço de alimentos, espaço para moradia, acesso à suprimentos básicos de limpeza/saúde, número de telefones por pessoa, educação, mortalidade infantil, qualidade do ar, poluição sonora e congestionamento de trânsito. Recife se destacou entre as 5 piores ao lado de Lagos, Nigéria; Kinshasa, Zaire; Kanpur, Índia; e Dhaka, Bangladesh. Ainda nos anos 1990, essa pesquisa foi um dos elementos que motivou a produção do Manifesto Manguebeat, tendo sido eternizada na canção *Antene-se* de Chico Science & Nação Zumbi.

## 1.1 A delimitação de um conflito

Podemos visualizar que, na música, pensando-a como uma prática social inserida em relações de poder, há disputas de valores entre os gêneros tomados por canônicos e os marginalizados. De acordo com Soares (2021), a disputa que envolve o brega-funk se dá principalmente no nível institucional do Governo do Estado e da Prefeitura do Recife a partir de políticas públicas de fomento à (re)produção cultural dos cânones em contraste com outros gêneros musicais. Essas políticas governamentais de incentivo e reconhecimento das (re)produções artísticas, ou a falta delas, refletem diretamente nas relações sociais que permeiam os locais e os indivíduos residentes nas periferias pobres do Recife, a capital do estado e sua cidade mais populosa.

Apesar da Lei nº 16.044/2017 – proposta pelo então deputado estadual Edilson Silva, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) – conferir ao brega o *status* de expressão cultural pernambucana (ALEPE, 2017), o espaço do brega-funk – que, como veremos a seguir, é uma das vertentes do brega – nos carnavais recifenses dos anos de 2018, 2019, 2020 e 2023, por exemplo, foi limitado a eventos privados, como o Rec-Beat (FREIRE, 2020).

Em relação aos gêneros tomados como canônicos pelas instituições citadas, Soares (2021) cita o frevo, maracatu e caboclinho, enquanto a swingueira e o brega, especialmente o brega-funk, permanecem sendo marginalizados por meio da muito pouca ou nenhuma contratação de artistas do gênero para tocarem em eventos oficiais da prefeitura ou do governo. Apesar de haver essa canonização de manifestações da cultura popular, ela nem sempre esteve presente. O maracatu, por exemplo, era considerado um *batuque de negros incivilizados* pela classe dominante até meados da década de 1950 e corria o risco de desaparecer nas décadas seguintes, tendo sobrevivido graças a intelectuais entusiastas da cultura popular e jovens militantes do movimento negro, além da incessante luta dos mestres, rainhas e demais artistas que (re)produziam o gênero (IPHAN, 2021).

Contextualizando um pouco mais o gênero musical brega, em Pernambuco ele possui três fases que, apesar de poderem ser entendidas linearmente, não se sobrepõem umas às outras e coexistem até os dias atuais (SOARES, 2021), possuindo também subgerações. São elas: o brega clássico, o brega romântico e o brega-funk. O brega clássico tem seu início no ano de 1966 com o lançamento do álbum *O Pão*, pelo artista Reginaldo Rossi. Além dele, consolidaram-se outros artistas/grupos como Bartô Galeno,

Labaredas e Walter de Afogados (décadas de 1970/80), e Conde Só Brega (final da década de 1990). A segunda fase tem início na primeira década dos anos 2000 e carrega consigo uma presença muito forte de artistas mulheres nos vocais, a exemplo de Michelle Melo, Banda Carícias, Mancha de Batom e Nega do Babado em um primeiro momento, e Banda Torpedo, Banda Saíra, Priscila Senna (antes Musa do Calypso), Banda Sedutora e Raphaela Santos em outro.

O brega-funk, por sua vez, surge no final da primeira década dos anos 2000 a partir da junção de elementos do brega e do funk, tanto os paulistanos e cariocas quanto o recifense. A força do funk foi tão marcante, porém, que alguns artistas funkeiros de antes mantiveram o termo *MC* em seu nome, como o MC Leozinho, MC Abalo e MC Troia (ou Troinha), MC Sheldon – este posteriormente *abandonou* o MC de seu nome artístico e seguiu na linha do brega romântico – etc. Alguns/as artistas que já surgiram no contexto do brega-funk foram Shevchenko e Elloco, MC Loma e as Gêmeas Lacração, Dadá Boladão, MC Lucy, Rayssa Dias etc.

Por ter se consolidado durante a década de 2010, o brega-funk fez da internet seu maior meio de divulgação através de *blogs* e *sites* em geral que disponibilizavam as canções para serem baixadas gratuitamente, e através de redes sociais como Facebook, Instagram, YouTube etc. Algumas características notáveis do brega-funk são a utilização de 150 batidas por minuto, que não existiam antes em nenhum dos dois gêneros que o originou, e o passinho, nome da dança realizada durante as performances musicais do ritmo (ALSANNE, 2019).

Outro fator muito importante para o surgimento do gênero foi o contexto de repressão policial e midiática aos artistas de funk do Recife durante a segunda metade da década de 2000, o que os levou a uma certa necessidade de se reinventar, buscando ter mais notoriedade e *legitimidade* no cenário musical local; foi, sobretudo, uma questão de sobrevivência (BRAGA, 2020; GOMES, 2021). Observo que essa busca tem a ver com considerar a linguagem uma prática social que “[...] implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 94-95).

Ademais penso que, imersa na dita disputa de valores, está também a disputa por um lugar na cidade, e aqui trago à tona a ambivalência existente entre uma classe socioeconomicamente dominante e outra explorada. Nas palavras de Lehan (1998, p. 8, tradução minha), localizando seu discurso sobre o conceito de cidade a partir de um contexto inglês, vemos que

À medida em que a cidade foi transformada [...], o centro se tornou mais complexo conforme o trabalho e a população foram se diversificando. Tal diversidade levou inevitavelmente ao “Outro” – um elemento urbano, geralmente uma minoria, considerada como “de fora” da comunidade<sup>6</sup>.

Aqui delimito esse Outro na cidade do Recife – em uma conexão com a visão de Perlman (2005) a respeito dos moradores das favelas do Rio de Janeiro – como nós indivíduos explorados e reprimidos, não marginalizados, mas sim estigmatizados e culturalmente excluídos por um sistema capitalista que opera na esteira da exploração.

Trata-se da classe explorada que *assusta* clientes e lojistas ao se reunir para um passeio num centro de compras na Zona Sul do Recife (JC, 2014); em ocasião paralela, os artistas de brega-funk MC Troia e Tocha foram impedidos de subir ao palco num evento de São João de Caruaru, interior de Pernambuco, no ano de 2017, tendo a prefeitura da cidade alegado que poderia haver problemas de segurança, caso os dois se apresentassem (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2017); outro evento semelhante foi quando a dupla de artistas Shevchenko e Elloco foi expulsa por guardas municipais do Parque da Jaqueira, um local público na Jaqueira, *bairro nobre* na Zona Norte do Recife (LEIAJÁ, 2019).

A questão fica mais opressora quando a Polícia Militar se envolve. A PM, braço armado do estado, força de repressão da classe dominante, já fez algumas demonstrações do cumprimento do seu papel na delimitação territorial da população periférica<sup>7</sup>. Uma reportagem do Marco Zero Conteúdo (2019) aponta que, numa sexta-feira, dia 25 de janeiro de 2019, quando estava ocorrendo um encontro de passinho na Roda de Fogo – comunidade do bairro de Torrões – a Rádio Patrulha, batalhão da PMPE, chegou e começou a revistar os jovens que estavam no local<sup>8</sup>. Pouco tempo depois começou uma *correria* e, a maioria das pessoas, sem saber o porquê, seguiu o fluxo. Uma delas foi um

---

<sup>6</sup> “As the city was transformed [...], the center became more complex as both work and the population became diversified. Such diversity led inevitably to the “Other”—an urban element, usually a minority, deemed “outside” the community.”

<sup>7</sup> Althusser (2008) distingue os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE) dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), porém ele o faz evidenciando que nenhum aparelho é puramente repressivo ou puramente ideológico. A Polícia Militar brasileira, por exemplo, atua na defesa do Estado Burguês, do sistema capitalista, de forma muito mais forma repressiva, mas ao mesmo tempo possui uma forte estrutura ideológica tanto na formação de seu contingente como na ordem do discurso jurídico – defesa do patrimônio, proteção contra a *bandagem*, guerra às *drogas* etc. Contextualizarei melhor a seguir.

<sup>8</sup> Segundo o próprio site do batalhão, ele foi criado em 1950 no segundo governo de Agamenon Magalhães, “[...] como a Unidade composta de homens de físico diferenciado com a finalidade de **combater a marginalidade** da época” (BPRP, 2023, grifo meu).

rapaz, menor de idade, que, tendo sido interpelado por um policial logo em seguida, parou, mas, mesmo assim, o cabo da PM atirou uma bala de borracha em seu rosto, lhe deixando cego de um olho.

Alguns dias depois, na Praça do Marco Zero, também em um encontro de dançarinos/as de passinho, a PM chegou com spray de pimenta para *dispersar* quem lá estava. Thadysia, uma das pessoas que organizou o encontro, deu um depoimento afirmando que “Há locais nas cidades que são dominados por ricos. Qualquer atividade que fuja ao perfil da classe média é reprimida” (CORREIA, 2019).



Fig. 1 - Thadysia e suas amigas em um encontro de passinho na Praça do Marco Zero (CORREIA, 2019).

Esses que, seguindo a visão de Thadysia, fogem do perfil da classe média, esse Outro de que falei anteriormente, trata-se de nós periféricos/as da classe explorada, uma maioria politicamente minorizada que desde o início do desenvolvimento do Recife “foi sendo empurrada para terrenos de menor valor, cada vez mais afastados do centro comercial ou de terrenos ocupados pelos setores enriquecidos” (JUCÁ, 2004, p. 140).

É importante destacar que, por classe explorada, compreendo os/as empregados/as (proletariado) de toda e qualquer área de atuação profissional, do trabalho manual ao intelectual. Já por classe dominante, entendo a contradição, os empresários (burgueses) e afins, que enriquecem às custas da nossa força de trabalho. A luta de classes começa pela própria existência do proletariado e se trata de uma luta sobretudo política (MARX; ENGELS, 1997).

Considerando essa contradição, a hegemonia da classe dominante – isto é, o monopólio do poder que esta exerce na sociedade como um todo (FAIRCLOUGH, 2019) – converge na hegemonia dos gêneros musicais canonizados de Pernambuco, relegando o brega-funk ao incômodo, como se a existência de nós socialmente explorados e nossa

produção artística não fossem legítimas, como se a primeira não fosse digna de ser visualizada em todo e qualquer local de circulação pública e a segunda não merecesse ser fomentada por políticas públicas de incentivo à cultura.

Não quero com isso afirmar que os gêneros musicais canonizados em Pernambuco (frevo, maracatu, caboclinho etc.) não tenham sido um incômodo. Como mencionei anteriormente, o maracatu quase foi extinto antes de se tornar um patrimônio cultural e passasse a integrar festivais populares promovidos pelo Governo do Estado e prefeituras; o frevo também foi alvo de muita discriminação por parte da classe dominante durante muito tempo, e só foi se legitimar como um símbolo da cultura pernambucana na década de 1980

Depois de surgir nas ruas, expressando o seu povo, e de ser registrado em artefatos criados pela tecnologia, como fotos, filmes e discos, que lhe serviram como meio de propagação, o frevo se cristaliza como arquétipo estilístico (DOSSIÊ IPHAN, 2016, p. 57).

A grande questão é que o brega-funk está em um ponto no qual muitas outras manifestações culturais populares de Pernambuco, mas não apenas – o samba no Rio de Janeiro é também um exemplo –, já estiveram em relação à discriminação por parte da classe dominante.

A princípio limitada às carrocinhas de DVDs e CDs piratas, aos camelôs espalhados pela cidade, como em frente ao *shopping center* – não dentro dele –, e às casas de shows espalhadas pelos bairros da periferia, a reprodução do brega-funk na cidade parece reforçar a visão de que a ela está sendo disputada por meio desta prática social. Em destaque, aqui cabe trazer à tona que tal disputa compreende os discursos existentes nas letras das canções do gênero e abarca também questões morais (SOARES, 2021).

Por ser o discurso uma prática social de representação e significação do mundo (FAIRCLOUGH, 2019), os indivíduos que se expressam discursivamente através das letras de suas canções estão, em certa medida, cantando o que o mundo significa para eles, aquilo que representa sua existência, além de estarem também reconstruindo tal existência, ressignificando-a. Neste sentido o brega-funk engendra uma disputa pela cidade.

A classe dominante então destaca, na sua compreensão das canções, uma apologia às drogas, ao crime e à prática sexual, e considerando tudo isso moraliza o debate (SOARES, 2021), resgata uma dualidade sobre o certo e o errado, o positivo e o negativo, como o Projeto de Lei 494/2019 criado pela deputada estadual Clarissa Tércio, do Partido

Social Cristão (PSC), que dispunha “[...] sobre a proibição de exposição de crianças e adolescentes no âmbito escolar, a danças que aludam a sexualização precoce e inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate à erotização infantil nas escolas do estado de Pernambuco” (ALEPE, 2019).

Embora o PL não mencionasse o brega-funk ou o passinho diretamente, dado o contexto do ano de 2019, como veremos mais adiante, eles aparentam ter sido a motivação da deputada para criar tal projeto, ela que foi eleita por um partido que tem como alguns de seus valores fomentar a liberdade econômica, a redução da maioridade penal e se pôr contra a legalidade do aborto (PSC, 2023). Pouco tempo depois, a dupla Shevchenko e Elloco lançou a canção *Passinho Não É Crime* em resposta ao PL (LAMIR; GONZAGA, 2019); nela eles cantam: *Respeita os moleques do passinho / Não sou bandido / Não sou traficante / Só quero amostrar a cultura pro Brasil / Não sou bandido / Sou de Pernambuco / Só quero amostrar a cultura pro Brasil.*

Quando levamos em consideração que o brega-funk é uma manifestação cultural e periférica da cidade do Recife, e destacamos que apenas um bairro da periferia não tem uma população de maioria negra (RECIFE, 2023), podemos visualizar que essa moralização, além da questão econômica, oculta também uma questão racial.

Assumo, portanto, que a simplificação do debate a este nível de moralidade que a classe dominante busca, a exemplo do PL proposto pela deputada Clarissa Tércio, configura-se como uma estratégia da classe dominante para fugir da problematização que se configuraria no questionamento do porquê os discursos de músicas de brega-funk podem fazer apologia às drogas, ao crime e à sexualização tanto do homem quanto da mulher, apesar de ser mais comum a objetificação da mulher. A escolha da moralização, ao invés do debate crítico, é aqui uma forma de prolongamento das relações de dominação.

É como se o brega-funk fosse agora a *bola da vez* após o maracatu, o frevo e outras manifestações culturais populares pernambucanas terem sido por muito tempo discriminadas e rotuladas pejorativamente como *coisa de pobre* e/ou *coisa de negro/a*. As consequências disso são inúmeras. Se pensarmos no aspecto econômico, por exemplo, muitos/as artistas se dedicam exclusivamente ao brega-funk em termos de vida profissional, e não bastasse a inexistência de políticas públicas que lhes forneçam espaço em festivais populares – como o carnaval – e em criações de festivais específicos para o gênero, há também a discriminação, que não é só uma discriminação do discurso, mas

também, e talvez principalmente, de quem são e do lugar de onde vêm – são pessoas periféricas e majoritariamente negras.

Há, todavia, uma outra significação despertada pelo discurso de letras de músicas de brega-funk que parece não incomodar e pode ser vista como um importante contraponto nessa disputa pela cidade – a ostentação material.

## 1.2 Uma aparente simetria

A cultura da ostentação no brega-funk muito se associa, dentre outros, ao cenário *gangsta rap* estadunidense e ao funk ostentação originário da cidade de São Paulo. Em todos os casos estamos falando de indivíduos, em sua maioria negros, pobres e periféricos (SOARES, 2021), cuja relação com o consumo material, dada suas condições financeiras, é extremamente limitada em comparação à classe dominante. Marx (2021), em sua discussão sobre o trabalho alienado, afirma que quanto mais nós trabalhadores produzimos, quanto mais trabalhamos, menos temos condições de possuir; neste sentido, tudo aquilo que se faz por existir no mundo através da nossa produção, nos é estranho, não há uma relação de posse entre o/a produtor/a e seu produto. Esse não-possuir, de certa forma, é uma marca registrada da nossa classe, a classe explorada, enquanto, por outro lado, roupas e sapatos de grife, correntes de ouro, brincos de diamante, motos e carros esportivos são marcas registradas da classe dominante.

No Brasil, apesar de quase 60% da população ser negra (pretos/as e pardos/as), os homens brancos têm um salário em média 40% maior que os homens negros, e a diferença entre as mulheres brancas é de 70% a mais que as negras (HAMMES, 2022; ALMEIDA, 2022). Além disso, somente 28% dos/as membros/as do Congresso Nacional são negros/as (SOUZA, 2022). Visualizar esse elemento ostentação a partir do recorte de raça e pobreza tem a ver com a compreensão do espaço que a classe dominante nos *permitted* ocupar não só na cidade do Recife, mas em todo o território nacional, além de quais tipos de discurso podem ser aceitos nesta relação de dominação.

Uma vez que a classe dominante impõe um debate moralista a respeito do brega-funk, alguns artistas passam então a delinear em suas letras musicais uma temática voltada não só para o consumo de bens materiais, mas também para sua ostentação. Neste contexto, a dupla de MCs Metal e Cego, e MC Sheldon, foram denunciados ao Ministério Público de Pernambuco por utilizarem o termo *novinha* em suas canções – cuja significação fora então associada a menores de idade – e por MC Sheldon (que na época

ainda se intitulava MC), em específico, ter composto uma canção com o seguinte trecho: *Se eu mato, eu vou preso / Se eu roubo, eu vou preso / Se é pra pegar novinha / Eu vou preso satisfeito* (GAMA, 2011). Neste sentido, seria preciso uma reinvenção no brega-funk, algo que garantisse seu futuro como um movimento cultural e que também assegurasse a carreira de alguns artistas (SOARES, 2021). E assim a história se repetiu, uma vez que o próprio brega-funk não existiria sem que o funk recifense, no final da primeira década de 2000, tivesse passado por uma reinvenção parecida (GOMES, 2021). Tratou-se, em ambos os casos, de uma questão de sobrevivência.

Ainda sobre esse tópico, um MC de brega-funk declarou em uma entrevista ao Diário de Pernambuco que iria aderir à ostentação, à estética da “Corrente de ouro, camisa Dudalina de botão, estilo New York... isso dá reconhecimento, ajuda a Zona Sul a nos respeitar” (LINS, 2015). Conforme nota Soares (2021), é curiosa a percepção dele vir atrelada à materialidade e, portanto, à ostentação, ao *estilo New York*, rememorando o *gangsta rap* americano, e como é inusitado, ou não, o fato de que ao mesmo tempo em que ele busca um reconhecimento das *elites* da cidade do Recife, o mesmo MC vende letras de músicas para artistas de renome nacional como Wesley Safadão e Gabriel Diniz.

Vale destacar que essa cultura da ostentação no Brasil tem sua gênese no funk de São Paulo. No documentário *Funk Ostentação*, produzido por KondZilla (2013), o artista Boy dos Charmes afirma que o funk na capital paulista, antes do movimento ostentação, era muito carregado de apologia ao crime, o que acabava trazendo más influências à juventude. Pereira (2014) chama atenção para a alta repressão do Estado, por meio da Polícia, aos bailes que costumavam ocorrer nas ruas com *paredões* tocando músicas do chamado funk proibidão – letras carregadas de criminalidade que por vezes exaltava até facções criminosas, como o Comando Vermelho. Essa questão repressiva, dentre outras, provocou uma reinvenção dos/as artistas paulistas que até então estavam emulando o funk carioca, e com isso vieram as letras de ostentação que exaltavam o consumo de marcas de roupa de grife, carros e motos esportivas etc.

Assim, no ano de 2008, Backdi e G3 lançam a música *Bonde da Juju*. Mais importante que isso foi o lançamento do clipe em 2010 pelo KondZilla que inaugurou toda uma estética de ostentação na música brasileira com base na produção de *rappers* americanos. Essa estética discursiva mais tarde viria a ser replicada não só no brega-funk recifense, mas também em gêneros musicais bem aquém do universo do funk, como o pagode, forró e sertanejo universitários.

Voltando para o Recife, um MC afirmou que “Quanto mais eu ostento, maior é meu retorno” (LINS, 2015), e nesse mesmo percurso seguem outros, como a dupla Shevchenko e Elloco e o MC Leozinho, os quais garantiram “[...] ter abandonado as letras estigmatizadas, que incitavam o sexo e falavam da violência nas comunidades. O tempo das correntes de ouro é também, segundo eles, de letras mais racionais” (LINS, 2015). Essa *atualização* no brega-funk acompanhou uma tendência nacional da época que, como vimos, abrangeu outros gêneros musicais cuja reprodução discursiva não configurava um incômodo à classe dominante, o que acabou trazendo aos/às artistas de brega-funk uma concessão para se apresentarem em espaços além das periferias, como em casas de show dos bairros do Pina e de Boa Viagem, na Zona Sul.

Falo em concessão porque as casas noturnas da Zona Sul do Recife são historicamente frequentadas por pessoas com maior poder financeiro, tendo em vista que se trata de uma região de bairros caros e caracteristicamente associados à classe dominante (MORAES, 2021). Toda essa questão novamente evidencia as hegemonias discursivas que apontam aquilo que pode ou não ser dito; em outras palavras, é um questionamento sobre

[...] quem pode falar ou escrever o que, para quem, em quais situações? Quem tem acesso aos vários gêneros e formas do discurso ou aos meios de sua reprodução? Quanto menos poderosa for uma pessoa menor o seu acesso às várias formas de escrita e fala (VAN DIJK, 2018, p. 43-44).

E por poder, entendamos recursos de valor como: riqueza monetária, *status*, cargos considerados de alta importância na estrutura social – a exemplo de latifundiários, empresários, juízes, militares de alta patente etc. Em que lugar no prestígio social se encontram os/as artistas de brega-funk é o que nos importa refletir sobre, ou seja, qual o poder e até mesmo qual o direito que eles/as têm dentro da conjuntura socioeconômica atual de discursar abertamente sobre determinados temas em suas letras musicais.

Uma vez que o repúdio se dá explicitamente não só às canções, mas aos/às artistas, às pessoas físicas, é importante pensar na dimensão que isso toma, porque essas pessoas físicas vêm de um lugar e falam sobre um lugar que também é físico e, portanto, visível, palpável. O repúdio a esses indivíduos é também um repúdio ao seu lugar de origem, às suas ideologias, entendendo estas como as significações e construções da realidade, do mundo físico e das relações e identidades sociais que são (re)produzidas através de práticas discursivas (FAIRCLOUGH, 2019).

A questão da mudança temática, das *letras conscientes* que passam então a vigorar no brega-funk, é resultado – não só, mas também – de uma tentativa de silenciamento das vozes da periferia e, portanto, da própria periferia, uma vez que a classe dominante, em sua hegemonia discursiva, *escolhe* aquilo que pode e o que não pode ser cantado. Esses problemas nos levam a entender

[...] os lugares em que as questões da vida dos sujeitos periféricos estão fazendo sentido e entram em conflito com outros. As categorias de contradição e conflito são o núcleo da maneira de entendimento do mundo que passa pelo reconhecimento de hegemonias e contra-hegemonias, iguais e diferentes. É importante não somente mapear a contradição, mas também perceber a sua dinâmica, suas utopias de mudança e justiça, reordenamento das visões de mundo (SOARES, 2021, p. 24).

A dimensão dessa utopia é novamente a ideia de ascensão social, tanto do brega-funk em si quanto de seus/suas artistas. Na dinâmica do capitalismo, quando os artistas apontam que quanto mais ostentam, mais respeito e dinheiro ganham, tanto mais ainda ganham os empresários e produtores responsáveis pela criação dos eventos que ele participa. Cria-se assim um intencional imaginário coletivo nos indivíduos historicamente explorados da cidade do Recife, o de que através do brega-funk é possível *mudar de vida*, e assim, mais uma vez, os problemas sociais que atravessam as periferias são silenciados, principalmente os problemas socioeconômicos que envolvem, dentre outras coisas, o racismo estrutural no qual todo o Brasil está imerso, estrutura esta que produziu e reproduz a própria periferia<sup>9</sup>.

Nesse silenciamento, que gira em torno da questão da ostentação, ficam de fora do debate público os elementos que levam ao indivíduo periférico, materializado no/a artista de brega-funk, a falar sobre os problemas que inundam o lugar de onde vem. Esse fenômeno então “[...] passa a ser uma espécie de necessidade temática para sair da dicotomia em torno da contravenção e da sexualização” (SOARES, 2021, p. 234). Observo com isso que os/as artistas periféricos podem então passar a não mais se verem como tal, estigmatizados e socioeconomicamente inferiores, mas sim como potenciais indivíduos de sucesso.

A grande questão é que esse sucesso não significa uma plena aceitação, tampouco uma ascensão de classe no sentido social, pois, apesar de ser possível haver no sentido

---

<sup>9</sup> Por estrutural entende-se que o país foi historicamente constituído através de políticas racistas que perpassam diversas dimensões sociais. Silvio Almeida (2019, p. 30) afirma que “As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista”.

econômico, os/as artistas de brega-funk que, entre outras coisas, passam a comprar um carro do ano, casas de praia, que fazem reformas nas casas de seus familiares com o dinheiro que ganham de seu trabalho artístico etc., aos olhos da classe dominante, dos *playboys* e *doutores* da Zona Sul, continuam sendo favelados/as – continuam sendo um incômodo.

### 1.3 A favela venceu?

Naturais de Prazeres, bairro da cidade de Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana do Recife, MC Loma e as Gêmeas Lacração protagonizaram um momento importante para o brega-funk. Em janeiro de 2018 elas lançaram um videoclipe da canção *Envolvimento* que logo passou a ser considerado o *hit* do carnaval daquele mesmo ano. Como observa Soares (2021), porém, a canção não só foi o *hit* do carnaval, como foi também a responsável por apresentar o brega-funk ao mercado musical brasileiro.

Não tardou para que pessoas de influência, como Anitta, artista brasileira mais influente da atualidade, e Felipe Neto, dono de um dos maiores canais no YouTube do Brasil, dessem destaque em suas redes sociais para o trabalho feito pelas artistas pernambucanas (SOARES, 2021). Com tudo isso, elas se mudaram para a cidade de São Paulo, assinaram contrato com uma gravadora e fizeram uma *versão power* do clipe pelo KondZilla, a principal produtora de videoclipes de funk do Youtube (KONDZILLA, 2018) que leva o mesmo nome artístico de seu criador.

Ainda no ano de 2018, reforçando o sistema capitalista de exploração da força de trabalho da classe trabalhadora, MC Loma e as Gêmeas Lacração processaram juridicamente o empresário com o qual assinaram contrato alegando que estavam recebendo bem menos do que deveriam pelos shows que andavam fazendo (MATOS, 2018). Alguns anos depois, MC Loma, lembrando o caso, afirmou que ele havia abusado da inocência delas (BENTO, 2021).

Após o sucesso que foi a *versão power* do clipe lançado pelo canal KondZilla, rapidamente atingindo milhões de visualizações na plataforma digital, pouco menos de um ano depois, em 2019, outro artista recifense de brega-funk, Dadá Boladão, também lançou um videoclipe pela produtora, junto com a paulista Tati Zaqui e o carioca OIK, rendendo milhões de visualizações no YouTube. Ao final do ano de 2019, o Spotify Brasil, também através de seu canal no YouTube, lança um documentário chamado *O Brega-funk Vai Dominar o Mundo*, projetando o gênero musical pernambucano para o

nível internacional. O documentário estava, no primeiro semestre de 2023, com mais de dois bilhões e meio de visualizações.

Essa cosmopolitização do brega-funk, impulsionada pelo sucesso da canção *Envolvimento*, é um momento singular para melhor compreendermos o espaço que o brega-funk vem historicamente ocupando na cidade do Recife. Após um percurso de incômodo e notório estigma social permeados por discursos moralistas protagonizados pela classe dominante da cidade, ao qual se seguiu um outro que busca sua aceitação e respeito, o brega-funk passa a simbolizar não só nas mídias, mas também por entre os/as próprios/as artistas, uma certa superação da classe explorada, trazendo visibilidade nacional para a periferia recifense e sua produção cultural.

Tomando esse fenômeno a partir das relações socioeconômicas do capitalismo, é possível visualizar que não só o Recife, mas o Nordeste em si, é uma periferia em relação ao Brasil como um todo, sobretudo em relação ao Sudeste. Historicamente, como trataremos com um pouco mais de profundidade no próximo capítulo, a nossa região foi industrializada muito tardiamente e ainda hoje tem um baixo índice em relação ao sul/sudeste<sup>10</sup> – assim o centro da cultura no país passa a se confundir com o centro da economia, e se for levado em conta que o setor industrial é sinônimo de modernidade, progresso e futuro, o Nordeste estaria atrasado.

Com isso, a produção econômica do Nordeste – na qual a cultura está de certa forma inserida –, imersa no capitalismo, sucedeu-se obedecendo a uma lógica periférica que,

[...] longe de serem obstáculo ao processo de expansão industrial e da dinâmica econômica [...], foram favorecedoras do desenvolvimento industrial, pois o baixo custo da força de trabalho rural propiciou o êxodo rural e a formação de um exército de reserva de assalariados, sendo fundamental para a produção industrial e a acumulação do capital, ou seja, para alavancar o “moderno”. (BARROS; TRINDADE, 2017, p. 5-6).

A suposta superação da classe explorada por meio do brega-funk, portanto, estaria atrelada a essa percepção de que o movimento cultural não só saiu da periferia recifense para o centro da cidade, como também do estado de Pernambuco e *ganhou* o Brasil. Ela pode ser associada à trajetória do já mencionado KondZilla, nome artístico de Konrad

---

<sup>10</sup> Segundo a Confederação Nacional da Indústria (2021), entre 2017 e 2018 o Nordeste teve uma participação de apenas 12,93% no setor industrial do país, em contraste com 53,97% do Sudeste e 19,40% do Sul. Pernambuco, por exemplo, teve mais de 75% de sua economia voltada para o setor de serviços e apenas 19,70% voltada para a indústria no ano de 2016, margem percentual que se mantém há mais de 10 anos (ARAÚJO; SANTOS, 2019).

Cunha Dantas, que começou sua carreira de empresário como produtor e diretor de videoclipes para artistas de funk da periferia que morava na cidade de São Paulo e hoje possui o maior canal de vídeos no YouTube do Brasil. *A favela venceu!* é seu lema. Em uma entrevista para o site UOL, ele afirma: “Eu acredito que ao projetar a vitória fica mais fácil vencer. Foi daí que surgiu o lema, para que as pessoas acreditem que irão vencer” (BRESSIANI, 2017).

O brega-funk recifense, após sua cosmopolitização, isto é, após *ganhar* o Brasil, apropriou-se do discurso *a favela venceu!*, não tardando para que ele passasse a ser inserido em letras de canções e até em chamada para show no Recife.



Fig. 2 – chamada para o evento A Favela Venceu, realizado em 2 de fevereiro de 2019 no bairro Rosarinho (SYMPLA, 2019).

Aposto que todo esse contexto suscita que a cultura periférica da capital pernambucana ocupou um lugar de destaque não só regionalmente, mas nacionalmente com músicas *estourando* em plataformas digitais de música (DEEZER, 2021) e emplacando hits no carnaval (SOARES, 2021). É possível apontar como auge desse reconhecimento o sancionamento do projeto de lei que declara o brega – manifestação cultural da qual o brega-funk faz parte – como patrimônio imaterial do Recife. Nas palavras do então prefeito João Campos, no dia 1 de julho de 2021, “O brega é uma manifestação cultural nossa, um patrimônio nosso e ninguém pode diminuir isso” (RECIFE, 2021).

Aqui nos cabe refletir um pouco mais sobre esse *reconhecimento* do brega por parte de uma entidade governamental, neste caso a Prefeitura do Recife. Conforme já mencionei, o terceiro momento do brega pernambucano é representado pelo brega-funk (SOARES, 2021) e esse movimento tem suas origens no final da década de 2000 (ALSANNE, 2019), tendo somente o brega-funk pouco mais de dez anos à época do

sancionamento da mencionada lei, sem contar os quase 60 anos de existência do brega como um todo no estado de Pernambuco.

Com isso traço um paralelo entre o reconhecimento governamental – isto é, a visibilidade que a hegemonia da classe dominante concede ao brega-funk – e o sucesso nacional que o movimento cultural da periferia recifense atingiu a partir de 2018 com a canção *Envolvimento*. Há, assim, um viés de oportunismo político que pode render capital financeiro a empresários por intermédio de ações públicas no âmbito cultural. Em outras palavras, é somente quando o brega transcende a camada pobre da sociedade recifense e tem sua existência *respeitada* pelas elites da Zona Sul e emplaca *hits* nacionais que, representado pelo brega-funk, torna-se patrimônio.

Ainda assim, porém, o brega-funk não deixa de ser um incômodo – no mais recente Carnaval do Recife, em 2023, não houve nenhum dia no palco principal do Marco Zero ou algum polo específico na cidade voltado para o brega-funk. Houve, em 2023, um dia do Brega em que alguns/as artistas de brega-funk se apresentaram, mas de forma extremamente sucinta – tocando uma música ou duas. Sendo assim, atualmente ainda não há nenhuma garantia a nível institucional que vise agregar o brega-funk a festivais culturais tradicionais, tampouco há a garantia da criação de novos espaços, pois a expectativa para o ano de 2024 é a mesma. O brega-funk, fenômeno cultural da periferia recifense, segue o baile em casas de shows privadas, longe do fomento público, apesar de sua popularidade.

No intuito de compreendermos melhor essa relação de classes catalisada no brega-funk, vejamos alguns dados. A cidade do Recife foi, nos anos de 2016 e 2019, a capital mais socioeconomicamente desigual de todo o país (G1, 2020), ficando em segundo lugar no ano de 2021 (G1, 2022). A Grande Recife – Recife e sua Região Metropolitana –, por sua vez, tem 40% das pessoas vivendo com 1/4 do salário-mínimo vigente no ano de 2021 (R\$1.100,00) e se configura como a região de todo o país em que os pobres são mais pobres (MORAES, 2021).

Atendo-se à cidade do Recife, é em sua periferia que reside a grande maioria da população pobre, é nela onde estão os altos índices de gravidez na adolescência (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2019), bem como o constante tráfico de drogas (VITORIANO, 2021) e a violência (SANTOS, 2021), estando os dez bairros mais violentos da cidade localizados nas periferias, a exemplo Passarinho, Nova Descoberta e Ibura (GUERRA, 2021). Neste sentido, afirmo que a favela não venceu!

É possível que a classe dominante recifense possa ter enxergado, no brega-funk – que a princípio evidenciava mais veementemente, através do discurso presente nas letras dos artistas, a realidade periférica da sexualização inconsequente, do tráfico de drogas e da violência, cujos dados apresentados acima reforçam –, um meio de permanecer ignorando os problemas de ordem política que assolam a população pobre da capital. Aponto, portanto, que é do interesse da classe dominante que o lema *a favela venceu!* seja cada vez mais difundido, que seja contínua a divulgação em programas de TV aberta os poucos exemplos de indivíduos que *venceram na vida*, pois a vitória, nesse caso, é a eventual fama e/ou ascensão financeira de um/a ou outro/a favelado/a, não a superação da favela enquanto uma realidade sociopolítica.

Compreender assim o brega-funk como palco da luta de classes na cidade do Recife, visualizando seu percurso que vai desde sua estigmatização, perpassa pela tentativa de criminalizar seu discurso e chega à sua *aceitação* por parte dos indivíduos da *alta sociedade*, desperta um olhar para as raízes históricas do conflito. Assim vemos que a luta de classes nesse contexto é também uma luta de raça, considerando que os pobres e periféricos da cidade são, em sua grande maioria, pessoas negras. A disputa que se dá através do brega-funk precisa então ser entendida a partir de um viés socioeconômico que está intimamente atrelado à história não só da cidade, mas também do país como um todo.

Não à toa existe o elemento funk no brega-funk – as inspirações do gênero que vem principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo se fazem dialogicamente presentes em uma realidade de exclusão sociocultural que, apesar de localizadas em outros espaços geográficos, compartilham mazelas semelhantes. Os problemas que permeiam essa disputa protagonizada pelo brega-funk no Recife estão, portanto, intimamente ligados ao processo de formação do Brasil – falamos aqui de uma enorme porção de terra que por séculos fora saqueada e explorada de forma sistemática por outras nações agindo sob a bandeira do colonialismo.

Consequentemente, observamos que muitos dos conflitos que perpassam a existência do brega-funk são heranças de processos históricos que perduram até os dias atuais. Vamos falar mais um pouco sobre isso neste capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 2 – RECIFENSES DE ANTES E DE AGORA

Ao pensarmos em nós mesmos como indivíduos periféricos, evidenciamos, ainda que silenciosamente, indivíduos outros que não o são – trata-se de um conflito antagônico existente entre centro e periferia cujo palco é a cidade. Orlandi (2017) apresenta a cidade a partir de dois aspectos macroestruturais: a noção de “ordem” e a de “organização”. A primeira diz respeito ao real da cidade, à sua materialidade palpável – as ruas, os prédios etc. –, já a segunda tem a ver com a urbanização – com a organização dos seus espaços existentes e, conseqüentemente, com seus aspectos simbólicos e políticos. Toda essa ordem e organização é consequência das relações sociais que compõem a materialidade da cidade, e ao falarmos de relações sociais, falamos de nós mesmos enquanto seres humanos inseridos no espaço-tempo histórico que é o convívio cidadão.

Enquanto indivíduos, “Nosso corpo, urbano, que se textualiza como um corpo de cidade, ocupa um espaço e é ocupado por ele” (ORLANDI, 2017, p. 201). Localizando a discussão para o Recife, somos ao mesmo tempo causa e consequência do real da cidade e da urbanização da capital pernambucana. O ponto principal dessa discussão é reconhecer como se dá essa ordem e organização ao pensarmos nas disposições centro-periferia, ricos-pobres, dominantes-explorados/as, porque, se dentro do espaço material nós visualizamos esses antagonismos, eles não estão aí por acaso, mas sim como frutos de uma construção histórica – a história do Recife e dos/as recifenses.

Essa história se trata de eventos passados que contribuíram para a formação do cenário atual, a saber: um Estado Burguês – um sistema capitalista de organização social complexo que permite à classe dominante assegurar sua dominação sobre a classe explorada (ALTHUSSER, 1999). Nesse sistema é a classe dominante que constitui e mantém não só as relações entre os indivíduos, mas também o espaço existente no território em que ele se dá.

Há, portanto, uma organização, uma tal que se dá verticalmente – de forma hierárquica. Nós, indivíduos da classe explorada, somos enformados por esse sistema que nos pauta como sendo indivíduos de direitos e deveres ao mesmo tempo livres, responsáveis e donos de nossa verdade (ORLANDI, 2017). Logo, é o Estado que, à serviço da classe dominante, nos individualiza: tomamos sua forma para atendermos às suas demandas.

Assim, as disposições centro-periferia, ricos-pobres, dominantes-explorados/as são formas antagônicas de composição do Estado, e no Recife não é diferente: aqui os/as

ricos/as da classe dominante ocupam os centros, enquanto os/as pobres da classe trabalhadora ocupam as periferias. A verticalização/hierarquização pode ser visualizada no modo como as relações sociais são constituídas, uma vez que há, em menor quantidade, quem possui muito poder socioeconômico, as chamadas *elites* que moram nos lugares mais bonitos, mais organizados e mais seguros da cidade, que frequentam os melhores bares, restaurantes, teatros, cinemas, shoppings, e que têm acesso garantido a elementos básicos como água encanada e esgoto. É vertical e hierárquico porque esse poder se dá de cima para baixo: os que têm mais constituem e determinam como se dará a organização do espaço urbano, bem como as formas nas quais serão mediadas as relações sociais entre os indivíduos.

Assim podemos perceber que não há igualdade de direitos nem de deveres, e que tampouco somos livres e/ou donos/as de nossa vontade se ocupamos a base do sistema capitalista. A nós da classe explorada resta então o pouco ou nenhum acesso ao poder, levando em conta que quem decide os rumos de uma fábrica são os acionistas e sua diretoria, não os/as operários/as, por exemplo; ou os que propõem, discutem, sancionam ou vetam as leis são os membros do poder legislativo, os/as eleitos/as, cujas campanhas são massivamente financiadas por membros/as da classe dominante para que atendam às suas demandas, não às demandas da base popular que os/as elege.

Considerando que nós, enquanto indivíduos sociais, cidadãos e periféricos, somos enformados dentro desse escopo de discurso e poder proveniente da dominação que a classe dominante exerce através do Estado Burguês, nosso espaço e capacidade de agir através do discurso – uma prática social (FAIRCLOUGH, 2019) – é por ela limitado. Como enfatizei anteriormente, nossa proposta aqui é reconhecer como a organização urbana da periferia recifense, organizada pela classe dominante, exerce uma influência sobre aquilo que produzimos enquanto discurso, já que o corpo urbano e o indivíduo se misturam como um só (ORLANDI, 2017).

É nesse sentido que trago as canções de brega-funk para a análise, porque tal gênero musical, enquanto discurso, é uma prática social de indivíduos das periferias recifenses. É, portanto, sobre esse entrelaçamento entre urbano/indivíduo, mais especificamente entre periferias e periféricos/as recifenses que discutiremos neste capítulo, sobre como isso está inserido na dinâmica do poder que a classe dominante exerce sobre a classe trabalhadora a partir da gerência da organização urbana da cidade do Recife, sendo o brega-funk uma direta consequência disso.

Começarei por realizar uma breve contextualização histórica do processo de formação e urbanização do Recife, mais especificamente sob o escopo dos antagonismos da luta de classe e da dinâmica centro-periferia. Num segundo momento, trarei a discussão sobre a periferia recifense do século XX aos dias de hoje e como a ingerência desse espaço pelo Estado Burguês pode refletir em nós indivíduos periféricos no que diz respeito à formação de nossa identidade, encaminhando assim para a última parte do capítulo em que trarei o brega-funk como prática discursiva de resistência da periferia recifense face à sua segregação social.

## **2.1 Breves considerações sobre a história da urbanização do Recife**

Quando me disponho a pensar a cidade e o urbano, quero, a partir de Orlandi (2017), estabelecer uma diferença entre o real da cidade e o urbano. Apontar para o primeiro significa discutir a respeito do espaço físico em si, enquanto apontar para o segundo significa discutir sua organização, suas configurações administrativas. Trazendo essa discussão para o Recife, o real da cidade é a avenida Conde da Boa Vista, a avenida Agamenon Magalhães, o bairro de Casa Amarela, Afogados, o Morro da Conceição e as pontes do centro da cidade, por exemplo. Já o urbano quer dizer o trânsito, os espaços de disputa entre pedestres e automóveis, as paradas de ônibus, os camelôs, os esgotos a céu aberto, a poeira, o lixo nas ruas etc.

Focando no aspecto da organização urbana, julgo importante notar que na prática do capitalismo, do Estado Burguês, há quem organiza e quem é organizado, havendo uma tendência para que os indivíduos ligados à administração dessa materialidade atuem “Em geral, ignorando, silenciando as reais necessidades histórico-materiais do espaço enquanto instância real, própria à cidade que está sempre em movimento” (ORLANDI, 2017, p. 1999). Ao resgatar a forma histórica de urbanização da cidade do Recife, reforço que essa administração da organização urbana esteve por pouco mais de trezentos anos ligada ao colonialismo europeu, cujo início do processo se deu com os portugueses no começo do século XVI, passando depois por quase três décadas sob domínio dos holandeses, entre 1630 e 1654, seguida da retomada dos portugueses, e culminando, no início do século XIX (REYNALDO; ALVES, 2017), na independência e no período republicano que se estende até a contemporaneidade.

Nos períodos iniciais da colonização do Recife, o local era apenas uma pequena comunidade pesqueira anexada à cidade de Olinda, então capital de Pernambuco. À

época, sua estrutura urbana se limitava ao porto pelo qual a produção de cana-de-açúcar embarcava para a Europa (REYNADO; ALVES, 2017) e aos arredores da igreja de Santelmo. Assim, sem nenhum planejamento urbanístico, ao “deus dará”, o Recife foi crescendo durante a segunda metade dos anos 1500 (VIANA, 1959). No século seguinte, o Império Holandês, a partir da Companhia das Índias Orientais, passou a colonizar a cidade no ano de 1630.

A essa altura, Recife já havia sido elevada à categoria de povoação no ano de 1561 (VIANA, 1959) e contava com uma população de mais de 7.000 habitantes e cerca de 150 edificações (JUCÁ, 2004). Sete anos depois da ocupação dos holandeses, em 1637, com a chegada do conde Maurício de Nassau – que trouxe consigo arquitetos, engenheiros e outros profissionais voltados para o desenvolvimento urbanístico da cidade –, ocorreu um grande processo de urbanização de Maurícia (atual Bairro do Recife), com a construção da primeira ponte que a interligava à ilha de Antônio Vaz (atuais bairros de Santo Antônio e São José) e também de palácios, lojas de comércio e igrejas, além da expansão da principal moradia do centro na época: os sobrados (REYNALDO; ALVES, 2017; JUCÁ, 2004).

Antes da ponte, a ilha de Antônio Vaz se limitava a comunidades pesqueiras e um convento de frades,

Mesmo assim, nos começos de 1640, não havia lugar para quem chegasse da Europa. Só se improvisando. Maurício e seus companheiros se empenharam com o maior afã em fazer construir casas para os recém-chegados em Antônio Vaz; mas “alguns mais poderosos”, sem dúvida comprando terras nas zonas a se desenvolverem em subúrbios, aproveitaram-se da situação para explorarem a falta de casa e a angústia de espaço (FREYRE, 1990, p. 187).

Enquanto a burguesia se assentava na península, em Antônio Vaz, e sobretudo em Maurícia, foram se amontoando os sobrados ocupados pelos funcionários da Companhia das Índias Orientais, pela classe operária, soldados, marinheiros, artífices, prostitutas etc. (FREYRE, 1990). Ao final da colonização holandesa, em 1654, Maurícia, como fora chamado o Recife, contava com cerca de 8.000 habitantes distribuídos em 290 sobrados na parte mais afastada do porto, enquanto na área mais próxima havia uma mistura de residências burguesas, comércio e atividades administrativas relacionadas ao próprio porto; ao mesmo tempo, a ilha de Antônio Vaz passou a ser uma zona residencial, comercial e institucional (REYNALDO; ALVES, 2017).

É possível verificar então que, à época em que a cidade voltou ao controle da colonização portuguesa, a urbanização do Recife se limitava a Maurícia (Bairro do

Recife) e Antônio Vaz (Santo Antônio e São José), ao passo que os engenhos canavieiros da planície, um pouco mais afastados, não recebiam projetos urbanísticos de ligação com o porto, mais se caracterizando como uma área rural com estradas e algumas praças circundando os casarões dos engenhos e sobrados suburbanos. Diante dessa configuração, proponho haver uma primeira configuração centro-periferia na cidade do Recife, sendo o Bairro do Recife, Santo Antônio e São José o que considero o centro. Por sua vez, a periferia era composta pelos engenhos nos arredores do centro, dispendo-se dos atuais bairros da Boa Vista ao Curado, ou seja, estavam tanto ao lado dos bairros de Santo Antônio e São José como a quase 10km de distância.

Foi somente no Brasil Império, no século XIX, pouco mais de cento e cinquenta anos após a volta do Recife para domínio português, que o cenário começou a mudar. Na década de 1840 iniciou-se então

[...] um processo de modernização e expansão da antiga cidade colonial, com o objetivo de adaptá-la às necessidades do notável crescimento demográfico e econômico. Este exige construção de equipamentos públicos, dotação de serviços urbanos, tais como transportes públicos, redes de abastecimento d'água e de esgoto, elaboração do regulamento de construção e articulação viária, resultando em notáveis intervenções no período (REYNALDO; ALVES, 2017, p. 4).

Essa expansão, que se dá a partir do bairro da Boa Vista, marca o início da urbanização da periferia enquanto espaço de planejamento público voltado para o desenvolvimento da cidade como um todo. E nesse ponto evidencio uma segunda configuração centro-periferia recifense, momento em que parte considerável da zona semirrural de antes perde sua condição de periferia e passa a integrar o centro da cidade. A periferia mais afastada, no entanto, manteve sua configuração socioeconômica de latifúndio, com casarões e sobrados suburbanos.

Esse desenvolvimento expansivo do século XIX, porém, ainda se deu majoritariamente em torno da cana-de-açúcar, e nesse ponto eu saliento que a formação da identidade do indivíduo recifense, fosse da periferia ou do centro, da burguesia ou do proletariado, estava intimamente ligada a essa produção, bem como o projeto urbanístico pelo qual Recife passou a partir da década de 1840, uma vez que os alargamentos das ruas e a criação do transporte público visavam facilitar essa ligação entre os canaviais da periferia e o porto do centro. Dessa forma, tomo a cana-de-açúcar – que, tal qual os colonizadores, foi uma invasora destas terras – como um fator essencial na história da cidade do Recife e do recifense.

### 2.1.1 O fator cana-de-açúcar

É a partir da monocultura da cana-de-açúcar que se instauram as primeiras classes recifenses: foi com ela que o branco se aristocratizou em senhor às custas da degradação do indígena e, principalmente, do negro escravizado (FREYRE, 1959). Ao mesmo tempo, ainda no século XVI, surge a classe proletária advinda da Côrte, embora em menor número: eram indivíduos desterrados ou ávidos por dinheiro (BEZERRA, 1965). Toda a planície recifense, até pouco antes da chegada dos holandeses, como já mencionei anteriormente, era ocupada por engenhos canavieiros, os quais muitos bairros do Recife atual herdaram seu nome, como o engenho “Madalena” que atingia o que hoje é o bairro da Boa Vista, o engenho “Jiquiá”, atual bairro de Afogados, o “Torre”, “Apipucos”, “Casa Forte”, “Engenho do Meio”, “Curado” etc.

Dispôs-se assim a formação de duas classes no Recife, tendo em vista o contexto socioeconômico colonialista no qual se encontrava. A estrutura exigia que houvesse uma

[...] minoria senhorial, doutorada e sempre privilegiada. Privilégios de sesmarias, de títulos, de comendas, de fabricantes de açúcar sem o fabricar, de casa grande e sobrados. Com dinheiro farto e, principalmente, dispendo de escolas. O outro, maioria nascida preada, caçada, desterrada, recalçada e explorada. Sem privilégio de espécie alguma durante séculos. Dependendo da boa vontade do senhor. Plantando cana, morando em mocambo, esperando escolas. Miscigenando-se a princípio discretamente e, depois, às carreiras. Parindo cablocos e cafusos, curibocas e zambos, cabras e mulatos, a fim de não perecer. A fim de se firmar. De se misturar. De se nivelar. De ter os mesmos privilégios. De não ser enterrada mais na bagaceira (BEZERRA, 1965, p. 28).

Aqui vale reforçar que essa estrutura foi predominante por quase quatrocentos anos, tendo em vista que a monocultura de cana-de-açúcar no Recife, apesar de seu porto desde sempre ter sido um grande centro comercial, foi a maior fonte de sustento econômico da cidade até o início do século XX (BEZERRA, 1965).

Para além dos aspectos socioeconômicos, a monocultura canavieira moldou também a relação dos/as recifenses com a natureza: alterou-se cursos de rios, tornou-se distante as florestas e desprezou-se os “bichos do mato” ou então os antagonizou como inimigos da cana (FREYRE, 1959). Os engenhos de cana-de-açúcar e toda sua estrutura política capitalista foram formando uma cidade cuja organização estava voltada para essa monocultura não só enquanto produção agrícola, mas também, e talvez principalmente, enquanto relação com o mundo. Essa relação foi sobretudo social, e

A sociabilidade, assim sobredeterminada pelo urbano, não é pensada como parte do social na história. Passa ao largo do polido (social) deslizando para o policiado, para o controle na manutenção do arranjo urbano, sendo este significado pelo administrativo no sentido diretivo da organização urbana. Relações sociais são *relações de sentido* e estas estão, nessas condições, já preenchidas pela sobredeterminação do urbano (ORLANDI, 2004, p. 35).

Dessa forma o Recife estava se voltando (classe dominante) ou sendo voltado (classe trabalhadora) direta e indiretamente para o trabalho nos engenhos. A rua, a casa, o trabalho e o lazer estavam inseridos nesse contexto de produção e organização capitalista que é verticalizado, havendo quem ordena e quem é ordenado. Neste percurso penso também a relação dos indivíduos recifenses com suas moradias, uma vez que estão também inseridas nessa sobredeterminação urbanística.

### 2.1.2 Entre sobrados e mocambos

Essa relação com o mundo de que falei anteriormente se estende do trabalho para casa. Quando falo dos engenhos, falo da periferia recifense, tendo em vista que o centro, onde hoje estão os bairros de Santo Antônio, São José e o Bairro do Recife, era voltado para a economia portuária. A situação do centro foi, já desde a ocupação holandesa iniciada no ano de 1630, de maior organização em relação à periferia.

Enquanto a burguesia se assentava nas áreas rurais da península em seus casarões e sobrados suburbanos, no centro, em Maurícia e Antônio Vaz, amontoava-se a classe trabalhadora composta por operários, artífices, soldados, marinheiros, prostitutas etc. (FREYRE, 1990). Conforme apontei anteriormente, essa foi a primeira disposição histórica centro-periferia da cidade do Recife, e é interessante notar que, nesse momento, a periferia era ocupada pela classe dominante, pelos senhores de engenhos e demais burgueses.

O cenário das moradias holandesas em Antônio Vaz e Maurícia era composto por grandes aglomerados residenciais, prédios com dois, três andares que amontoavam até oito residentes por quartos – os sobrados. Freyre (1990) chama a atenção para como esse elemento contribuiu para uma mudança no aspecto urbanístico do Recife em contraste com a organização portuguesa que a antecedeu: os casarões, moradias de antes que mais pareciam conventos, costumavam voltar suas frentes para o rio ou para as estradas, ao passo que os sobrados voltavam suas frentes uns para os outros, com varandas e janelas se escancarando para as ruas que eram por muitas vezes estreitas. Assim não só a paisagem do Recife se transformou, mas também a relação entre os/as recifenses.

Gostaria de destacar que até então deixei de fora o elemento racial da urbanização da cidade. Durante a administração holandesa e as décadas que a sucederam até pouco antes do final do século XIX, a população negra, quando não estavam nas senzalas dos engenhos em condição de escravidão – sua imensa maioria –, estava liberta em luta diária pela sobrevivência e residindo sobretudo em mocambos. Ao contrário dos sobrados – que, por mais que tivessem seus defeitos, ainda assim foram estruturas pensadas e construídas dentro de uma proposta urbanística –, os mocambos eram construções que se davam nos alagados dos mangues que circundavam o Recife,

Zona dos “mocambos” – cidade aquática – com casas de barro batido a sopapo, telhados de capim, de palha, de folha de flandres. Cumbucas negras boiando nas águas. Mocambos – verdadeiras senzalas remanescentes, fracionadas em torno as Casas Grandes da Veneza Americana. Poesia primitiva de negros e mestiços fazendo xangô e cantando samba. Fisionomia africana (CASTRO, 1959, p. 227).

Os mocambos sempre compuseram parte da paisagem recifense dos tempos holandeses em uma espécie de disputa com os sobrados, disputa essa, destaco, pela ocupação da cidade, evidenciando que desde então a urbanização recifense não pretendia atender às necessidades de todos/as. As construções dos mocambos cresceram ainda mais após a retomada do Recife pelos portugueses, uma vez que os projetos de aterramento dos manguezais foram abandonados e as construções passaram a ser feitas de acordo com as necessidades individuais de boa parte da classe trabalhadora que não tinha como pagar por suas moradias (BEZERRA, 1965). Outro fator que contribuiu para a expansão da prática mocambeira foi a constante migração do interior do estado, após a abolição da escravatura, composta por indivíduos que vinham à cidade em busca de melhores condições de sobrevivência (JUCÁ, 2004).

Reforço que apesar de não fazerem parte do processo de organização administrativa da cidade, os mocambos também compunham o aspecto urbano do Recife, uma vez que tanto a organização quanto a desorganização produzem significações das relações existentes entre os indivíduos e a cidade (ORLANDI, 2004). Sob a esteira dessa proposta inicial – com a exposição do peso que teve a monocultura canavieira e com a demonstração contrastiva entre sobrados e mocambos – busco também evidenciar que

Na planície recifense, a agricultura canavieira sendo explorada em toda plenitude da favorável possibilidade da terra, congregou, forçosamente, os interesses gerais e **cooperou, ainda mais, para a formação de classes sociais e culturais bastante desiguais**. Assim, foi marcada, em definitivo, a trajetória do comportamento das futuras populações quer proletárias, quer não (BEZERRA, 1965, p. 96, grifo meu).

É a partir desse recorte na história da luta de classes do Recife que proponho uma investigação sobre a relação entre sua desigualdade socioeconômica e o brega-funk enquanto discurso proveniente da atual configuração periférica da cidade. Essa relação se dá sobretudo a partir dos indivíduos e de suas identidades que perpassam o urbano da capital pernambucana, seja de outrora ou da contemporaneidade. Para isso, no entanto, é preciso traçar mais algumas considerações sobre o antagonismo centro-periferia, constatando uma terceira definição histórica desse elemento.

Lembrando que a primeira se deu com a administração holandesa que projetou uma urbanização da cidade a partir de Maurícia e Antônio Vaz – atual Bairro do Recife e bairros de Santo Antônio e São José, respectivamente –, sendo as duas ilhas o centro da cidade e toda a península sua periferia. Já o segundo momento se deu a partir da década de 1840 com a expansão do centro para a península no intuito de interligar com mais eficácia os engenhos ao porto. Discutamos agora uma terceira configuração.

## **2.2 A consolidação da dualidade centro-periferia no Recife**

Para compreender essa consolidação é preciso ter em mente que a posse regulamentada das terras era feita, desde os primórdios da colonização portuguesa, através das sesmarias. Esse sistema dava poder aos Governadores Gerais das capitanias hereditárias para doarem porções de terras a quem quisessem, desde que a sexta parte dos lucros – a *sesma* – fosse paga como forma de imposto, e

É lógico que a Coroa Portuguesa, por intermédio dos Capitães ou Governadores, procurasse usar o sistema na imensidão das terras virgens e favorecer com estas doações a colonos que se aventurassem a vir para o Brasil ou que encontrassem nessa transferência a última saída ou solução para os seus problemas econômicos, religiosos, políticos e até mesmo os da justiça comum. De qualquer modo, eles recebiam o privilégio das sesmarias que, juntamente com o outro de escravizar indígenas e africanos, **lhes dava o domínio da terra e os transformava, pouco a pouco, na classe senhorial** (BEZERRA, 1965, p. 37, grifo meu).

Os mocambos eram ocupações de terras sem a devida regulamentação da administração pública porque seus residentes não tinham os privilégios necessários para tanto, sendo sua grande maioria, até o final do século XIX e início do século XX, composta por escravizados libertos e *mestiços* da classe explorada, conforme já mencionei. Esse processo de ocupação dos mocambos durante toda a história da cidade ocorreu quase sempre de forma pacífica, o que não chegava a incomodar as devidas

autoridades. Isso mudou justamente no ponto histórico em que considero a terceira configuração centro-periferia do Recife.

Como resultado direto da expansão da periferia a partir de 1840, o centro passa também a se expandir e não mais a se limita ao Bairro do Recife, Santo Antônio e São José. Em 1919 começa a ser regulamentada a construção de zonas residenciais por meio de sobrados, a oeste (atuais bairros da Madalena, Espinheiro, Casa Amarela e Graças, por exemplo), e que seriam ocupadas pela classe dominante (REYNALDO; ALVES, 2017). O mesmo ocorre em direção ao sul já nos primeiros anos da década de 1920 com a construção da ponte do Pina e da Avenida Boa Viagem, à época chamada de Avenida Beira Mar, apesar da área não ter sido tão povoada logo de imediato.

Com isso a periferia foi sendo constantemente *empurrada* para áreas mais afastadas do centro e a diferença crucial é que ela passou a ser habitada majoritariamente pela classe explorada, ao passo que a classe dominante foi se firmando nas zonas oeste e sul da península que também passaram a fazer parte do centro da cidade. Nos anos 1940, ao avançar do século XX, 30% da população recifense vivia dos e nos manguezais, e com o ritmo crescente do setor imobiliário na cidade, a desocupação dos mocambos nas áreas do centro se tornou uma prática cotidiana para a construção de bairros *mais elegantes*, a exemplo da Ilha do Leite e Paissandu (JUCÁ, 2004). Assim “Crescia então a cidade. Abriam-se ruas e avenidas e estradas. Fazia-se aterro, invadindo-se os mangues e disputando até com sangue as terras afogadas do Recife” (BEZERRA, 1965, p. 39).

### 2.2.1 A condição do/a periférico/a

De acordo com o mais recente censo levantado pelo IBGE, dos 94 bairros que a cidade do Recife possui, apenas 24 (25,5%) têm uma maioria populacional de cor branca (RECIFE, 2023). Destes, somente Pau-Ferro – bairro que faz divisa com Aldeia, no município de Camaragibe – não se encontra na região central da cidade. Enquanto isso, a população negra do Recife é, percentualmente, ainda segundo o censo, a segunda maior dentre todas as capitais do Brasil, ficando atrás somente de Salvador, e uma das dez maiores dentre todas as cidades do país. Esses dados nos ajudam a compreender o perfil da periferia recifense na contemporaneidade – bairros pobres com a população de maioria negra (pretos/as e pardos/as).

Considerando a história socioeconômica da capital pernambucana que brevemente abordei ao longo deste capítulo, a dicotomia centro-periferia que atualmente

se apresenta é, de certo modo, previsível. Como vimos, a relação que a população branca teve com o território da cidade desde os primórdios de sua existência foi a de posse regulamentada e incentivada pelo poder administrativo da terra colonizada, ao passo que a população negra esteve por séculos escravizada ou em péssimas condições de sobrevivência, seja antes ou após a abolição da escravatura. Tomo como consequência dessa política colonialista, embora não apenas, os altos índices de gravidez na adolescência (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2019), a falta de saneamento básico (BARROS, 2022), as centenas de mortes em épocas de chuva por causa das más condições de moradia (ALVES, 2022), o tráfico de drogas (VITORIANO, 2021) e a violência (SANTOS, 2021; GUERRA, 2021) que acomete os bairros da periferia de maioria negra e pobre no Recife de hoje.

Pensando em todos esses aspectos, trago à tona a discussão sobre a relação entre esse espaço e os indivíduos que o ocupam; em outras palavras, abordo a relação entre a periferia e o/a periférico/a do Recife no sentido de que

[...] a cidade se materializa em um espaço que é um espaço significativo: nela, sujeitos, práticas sociais, relações entre o indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço, cidadão, com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados (ORLANDI, 2017, p. 200).

Dessa forma, trato a periferia e os/as periféricos/as do Recife como elementos indissociáveis na medida em que a existência de um está atrelada à existência do outro. Se visualizamos que a periferia recifense é dotada de bairros que sofrem com problemas de diversas ordens em comparação com os bairros do centro, como a falta de saneamento básico, violência e tráfico de drogas, para citar apenas alguns, esses problemas refletem em nossas práticas diárias enquanto indivíduos periféricos que somos, bem como em nossa própria identidade.

Saliento, mais uma vez, que essa configuração não está aí por acaso; como já discutimos, há todo um contexto social, político e econômico que tem sido estabelecido através da materialidade histórica na qual a capital pernambucana se insere – o padrão capitalista. Consequentemente, quando evidencio a periferia recifense, trato de sua materialidade urbana, da forma com que suas ruas, avenidas, becos, vielas, casas, comércio etc. são organizados e, mais importante, por quem eles são organizados e quais as consequências dessa organização, tendo em vista que “A ingerência sobre o urbano é a ingerência sobre os sujeitos, tal como eles são significados no imaginário social” (ORLANDI, 2017, p. 201).

Quando levantei os dados sobre falta de saneamento nas ruas e as mortes em períodos de chuva, quis evidenciar que essas situações ocorrem porque o Estado funciona na periferia pela falha e não pela presença (ORLANDI, 2017). Sua ingerência no espaço urbano periférico cumpre um propósito – o da manutenção do sistema capitalista. Essa ingerência, que se traduz na manutenção do sistema, tem uma direta influência na constituição de nossa identidade enquanto indivíduos periféricos que ocupam um espaço na cidade e em suas relações sociais;

Nesse sentido, o Estado, por sua vez, individualiza [...] pelas instituições e pelos discursos, daí resultando não o indivíduo como nasce, mas uma forma sujeito que o Estado individualiza, logo, um sujeito individualizado, ou seja, um indivíduo que se identifica [...] em certos sentidos e não outros, constituindo-se em uma posição sujeito com sua existência, que se inscreve, com suas práticas, na sociedade (ORLANDI, 2017, p. 202).

Essa inscrição social se dá sobretudo através do discurso, tomando este como uma prática social pela qual o indivíduo representa e significa o mundo em que está inserido (FAIRCLOUGH, 2019). Dispomos então da seguinte configuração hierárquica: o discurso → a classe dominante → o Estado → a organização do espaço urbano → a periferia e os/as periféricos/as → o discurso.

O discurso, como primeira e última instância neste encadeamento, está ciclicamente associado a toda estrutura social da qual fazemos parte – o mundo que ele representa e significa enquanto prática social está condicionado a esta estrutura. Debateremos mais detalhadamente sobre essa relação nos próximos capítulos.

Através do discurso enquanto prática social nós construímos, portanto, nossa identidade – a da periferia recifense, e enquanto esta estiver alinhada com os interesses da classe dominante, reproduzindo as condições materiais da estrutura na qual estamos imersos, tudo estará dentro da *normalidade*.

Dito de outra forma: enquanto nós, indivíduos da periferia recifense, estivermos, através dos nossos discursos, reproduzindo nossa exploração pelo capitalismo, o sistema tende a seguir sem nenhuma perturbação. Quero aqui tratar do adverso, de quando nossos discursos não estão alinhados com o interesse da classe dominante e do Estado que ela controla, e é dentro desse recorte que insiro o brega-funk.

### **2.3 O brega-funk como resistência da periferia**

Quando falo da manutenção do sistema capitalista pelo discurso do/a periférico/a recifense, quero dizer, em primeiro lugar, que o Estado Burguês, em sua atuação na periferia da cidade através da ausência, concede a nós da classe explorada a condição de indivíduo apenas quando adequamos nossas práticas sociais aos padrões do sistema. Essas práticas têm a ver com discursos do tipo: *somos livres para fazermos o que quisermos*; ou *se nos esforçarmos, trabalharmos duro, seremos recompensados no final* – a tal meritocracia. No entanto, já discutimos que uma sociedade capitalista não funciona assim, uma vez que ela é composta por um sistema verticalizado cuja base, composta por uma grande quantidade de trabalhadores pobres, sustenta uma pequena quantidade rica exploradora do seu trabalho. Dessa forma, resgatando Marx (2021), é somente através do trabalho que o Estado, a serviço da classe dominante, nos concede o *status* de indivíduo.

Esse trabalho, no entanto, é uma condição de sobrevivência no sentido de que o pobre trabalhador tende a se manter vivo apenas se se submeter à condição de exploração da classe dominante. Dentre outras coisas, isso resulta num estranhamento com seu trabalho, assim o/a periférico/a recifense, em nosso caso específico, não se vê naquilo que produz enquanto trabalhador/a, e porque o Estado Burguês nos considera indivíduos apenas enquanto formos trabalhadores/as, também somos estranhos/as a nós mesmos/as. Conseqüentemente, por tomarmos o indivíduo periférico e a periferia do Recife como uma só coisa, a periferia, seguindo a ideologia hegemônica, é também estranha a si mesma.

Quando ouvimos nossos familiares falarem algo como: *estude pra ser alguém na vida*, podemos perceber que o Estado se faz presente no meio familiar também através desse discurso, uma vez que tal *estudo* tem como pretensão formar mão-de-obra qualificada para a manutenção do capitalismo (ALTHUSSER, 1998). Por outro lado, dentro dos condomínios do centro, os indivíduos de alta renda, os ricos da classe dominante, já são *alguém na vida* por simplesmente ocuparem o topo da hierarquia social. Os discursos que circulam, portanto, são outros: *vou presentear meu filho com um carro quando ele completar 18 anos*, ou *esse final de semana vou viajar para Nova York*. À periferia não cabem esses discursos enquanto práticas sociais que são, pois não fazem parte da sua realidade.

Afirmar, portanto, que a ela é estranha a si mesma, é afirmar que nós indivíduos periféricos não nos reconhecemos como tal, que o pobre não se reconhece como pobre, e que população negra, conseqüentemente, não se reconhece como população negra. É dessa forma que penso o discurso à serviço da manutenção do *status quo*, do sistema

capitalista que inunda nossa existência enquanto indivíduos – como uma forma de reprodução daquilo que está posto como se fosse algo natural e imutável, não como um dado material historicamente construído. Em uma percepção dicotômica, se não nos reconhecemos como pobres da classe explorada, nos reconhecemos, portanto, como potenciais ricos/as da classe dominante.

Há, no entanto, divergências – tons de cinza, e coloridos, neste preto-e-branco que é o verticalismo capitalista. Quando nós indivíduos pobres e periféricos nos reconhecemos como classe explorada, nos tornamos uma ameaça em potencial – uma ameaça à classe dominante e ao Estado Burguês –, pois a partir de então o reconhecimento e questionamento do sistema se torna possível. É por esse viés que trago aqui o brega-funk – uma prática social pela qual a periferia, através do discurso, se reconhece como periferia. E, como discutimos no capítulo anterior, essa prática é incômoda porque, entre outras coisas, põe em evidência os padrões do sistema capitalista, as disposições contrastivas que nele se encontra: a segurança nas ruas e condomínios do centro contra a insegurança nos becos e favelas da periferia; ou a riqueza para os *playboys* brancos e a pobreza para os/as maloqueiros/as negros/as.

Quero aqui evidenciar a autoconsciência dos/as artistas de brega-funk sobre esse aspecto de resistência às desigualdades socioeconômicas da cidade, do sistema capitalista que nos consome, com uma entrevista cedida por Vitória Santos cedida ao Marco Zero Conteúdo (CORREIA, 2019). Vitória, à época da entrevista, era membra do grupo de passinho *As Caciques* então liderado pela costureira e estudante de Recursos Humanos, Jaqueline Castro. No seu depoimento ela afirmou: “A praça tá aqui para o povo se divertir. A gente quer mostrar que o passinho é cultura igual a todas as danças”.



Fig. 3 – As Caciques se apresentando na Praça do Marco Zero (CORREIA, 2019)

## 2.4 Uma individualização adversa

O reconhecimento e questionamento do sistema capitalista que o discurso do brega-funk proporciona à periferia recifense se faz possível principalmente pela própria falha do Estado em sua ingerência do espaço urbano que historicamente dispôs a dicotomia centro-periferia da cidade, falha tal que não se caracteriza como uma falta de interesse ou descaso, mas sim como uma necessidade para o funcionamento do sistema; é uma contradição: “[...] o que segrega é o que torna possível a ruptura do processo de individuação, de identificação [...]” (ORLANDI, 2017, p. 230).

A individualização a partir do brega-funk é adversa porque se dá na contramão da ideologia dominante – significações/construções da realidade que podem contribuir para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2019) – a qual individualiza dentro do sistema capitalista: rico/pobre, branco/negro, patrão/empregado etc. Assim, em ruptura, o brega-funk apresenta outras ideologias, outras significações da realidade – a realidade da periferia recifense.

Se a partir da ideologia dominante a periferia é vista de *fora*, como local de insegurança, violência e pobreza que deve ser continuamente isolada do centro, no brega-funk a periferia é vista de *dentro*, como elemento inerente à sua própria existência. Tais visões ideológicas, em ambos os casos, são concebidas a partir do discurso, sendo o segundo mais especificamente através das canções. Orlandi (2004, p. 52), estudando o rap dentro dessa perspectiva centro-periferia, afirma que as canções “sempre contam um caso, em uma cena, ou falam de uma situação social, de degradação, de crime, de droga, de família, do social trivial, do vivido, da rua, do todo dia”, e aqui tomo suas palavras para afirmar o mesmo sobre o brega-funk na realidade da periferia da capital pernambucana.

Para a classe dominante ele deve ser criminalizado, como vimos anteriormente, sendo proibido de ser reproduzido nas escolas, conforme o Projeto de Lei da então deputada estadual Clarissa Tércio; expulso de um parque público em um bairro do centro, a exemplo do ocorrido com a dupla Shevchenko e Elloco; entre outros casos. Em nossa visão isso se sucede porque para a ideologia da classe dominante a periferia do Recife, dada sua configuração atual, não teria sentido outro de existência além daquele que contribuísse para a reprodução dessa relação de dominação – produzir mão-de-obra

alienada a ser explorada pelo processo econômico do capitalismo. Dentro desse cenário o brega-funk, portanto, não tem sentido, pois suas canções

Produzem um lugar em que a separação entre o popular e o erudito não tem função, e nesse lugar a ideologia [dominante], ao ser escancarada, produz a divergência, o trocadilho, porque o que está imobilizado dentro do outro faz falar o absurdo, o impossível, o sem-sentido (não é o não-sentido que traria outro sentido possível, é o que não faz sentido mesmo!) (ORLANDI, 2004, p. 52).

É dentro desse escopo do sem-sentido que considero a resistência da periferia através do discurso do brega-funk. Ela é causada pelo conflito de interesses em relação à classe dominante e ao Estado Burguês através das instituições que estão sob seu controle, a exemplo da Igreja, Escola, Justiça e Polícia. Estas produzem discursos cujos significados estão em concordância com a exploração exercida pelo sistema capitalista – fala-se em obediência às autoridades, cumprimento das leis, preservação do patrimônio público e dos elementos culturais pré-estabelecidos, uso de roupas modestas, sobretudo para as mulheres, entre outras coisas. Adversamente, o brega-funk fala das gírias da periferia, das relações – inclusive sexuais –, entre os periféricos, do uso de drogas lícitas e ilícitas, da criminalidade etc.

Logo, ao mesmo tempo que pensamos no brega-funk, pensamos em nossas práticas sociais que representam e significam o mundo no qual estamos inseridos, que é o da periferia da cidade do Recife, bem como a ingerência deste espaço urbano pelo Estado Burguês, a qual é necessária para a manutenção do sistema capitalista que significa, ao fim e ao cabo, a histórica exploração de uma minoria rica e majoritariamente branca por sobre uma maioria pobre e majoritariamente negra. Porque o Estado Burguês intencionalmente falha na periferia, outras condições de individualização se tornam possíveis, condições adversas que entram em conflito com a norma estabelecida – condição de resistência; “Não é, pois pela magia, nem pela vontade, mas pela práxis que a resistência toma seu lugar” (ORLANDI, 2017, p. 231). Essa práxis é o discurso – o nosso discurso.

## CAPÍTULO 3 - POR UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Até então tenho falado em discurso, poder e ideologia, porém sem realizar um debate mais aprofundado sobre esses conceitos. A perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), a lente teórica pela qual busco debater o brega-funk, traz uma abordagem característica a respeito do discurso e sociedade, que são as relações de dominação. Nesse sentido, a ACD teve como princípio, no início da década de 1990, analisar discursos nos quais fossem identificados abusos de poder que resultassem no estabelecimento ou manutenção da desigualdade social (VAN DIJK, 1993).

Após alguns anos, os quais se estendem para a contemporaneidade, a ACD foi ramificando seu escopo para estudos de gênero, racismo, mídia etc. (WEISS; WODAK, 2003), sempre tomando o discurso – seja verbal, imagético ou ambos – como ponto de partida. A noção de crítica na ACD tem a ver com a postura do/a analista frente ao *corpus* de sua pesquisa: trata-se de um posicionamento sociopolítico que compreende a exposição do seu ponto de vista, princípios e objetivos (VAN DIJK, 1993) que se soma a um comprometimento com a mudança social, isto é, com a terminação das relações de abuso de poder e dominação em todas as esferas sociais (FAIRCLOUGH, 2019).

A proposta deste capítulo é realizar uma exposição mais detalhada sobre a ACD e suas raízes teóricas. Para isso iniciarei com uma breve discussão sobre o discurso e suas diferentes compreensões. No segundo tópico trarei uma abordagem histórica sobre a ACD. No terceiro trarei a teoria faircloughiana sobre o discurso, relacionando-a com as noções de ideologia e poder. Por último aprofundarei um pouco mais a respeito da relação dialética entre o discurso e a sociedade a partir dos sentidos de Ação, Representação e Identidade que os eventos sociais possuem.

### 3.1 O discurso até a ACD

A constituição científica da linguística se dá a partir da obra Curso de Linguística Geral (CLG), que trouxe a público, no início do século XX, o pensamento de Ferdinand de Saussure organizado por dois de seus alunos. Saussure (2006) faz uma distinção entre linguagem e língua, afirmando que a segunda, ao contrário da primeira, é um produto social e individual passível de ser classificado estruturalmente – um sistema. Ele então, sob essa ótica sistemática, divide a língua entre *langue* e *parole*. Por *langue* devemos entender o aspecto formal das línguas, como elas estão organizadas dentro de um recorte

no espaço-tempo, como suas palavras se conectam uma com as outras, como se classificam etc. Já a *parole* diz respeito às maneiras particulares nas quais os indivíduos utilizam as línguas.

A linguística então estabelecida por Saussure nos legou, a princípio, duas perspectivas antagônicas – o formalismo e o funcionalismo. Para Resende e Ramalho (2006, p. 12) “As diferenças entre as abordagens formalista e funcionalista decorrem de duas visões distintas acerca da linguagem: a *formalista* julga a linguagem um objeto autônomo, enquanto a *funcionalista* a julga um objeto não suficiente em si”. O formalismo, portanto, está mais preocupado em descrever os aspectos formais da linguagem verbal, os aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos que compõem uma língua específica, por exemplo. Já o funcionalismo enxerga a língua como um instrumento de interação verbal, levando em consideração não somente seu aspecto formal, mas, principalmente, seu aspecto social. Resgatando a perspectiva saussuriana, o formalismo se aproxima mais da *langue*, ao passo que o funcionalismo está mais próximo da *parole*.

Dessa dicotomia temos também duas noções de discurso: na perspectiva formalista, ele é visto como uma unidade hierárquica que se constitui mais ou menos assim: fonema < palavra < sentença < discurso. Já na funcionalista, é tido como a língua em uso, ou seja, como indivíduos reais fazem uso dela nos inúmeros cenários sociais – dentro de casa com a família, em um passeio com os amigos, no local de trabalho etc.

Algumas décadas depois, à esteira do funcionalismo, Émile Benveniste (1989) apresenta sua Teoria da Enunciação, a qual podemos compreender como sendo um colocar a língua em funcionamento a partir de um ato individual. É imprescindível destacar, porém que esse ato individual pressupõe uma coletividade, pois só é possível considerar um *eu* se houver um outro que *não eu*;

Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o *quadro figurativo* da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 87).

Aqui devemos ter o cuidado, porém, para não confundir o enunciado com a enunciação. O enunciado tem a ver com a forma simbólica em sua materialidade, as palavras e as frases, por exemplo: *sou um militante socialista*. Quando pensamos na enunciação, consideramos um determinado recorte no espaço-tempo em que o enunciado

foi produzido: quem disse, para quem, onde e quando. É possível que o enunciado se repita, ou seja, a forma simbólica *sou um militante socialista*, neste caso um texto verbal escrito, pode aparecer em diversos lugares e em diversos momentos, mas a situação em que ele é enunciado, é irrepetível.

Para além da Teoria da Enunciação, as abordagens funcionalistas da linguagem a partir dos anos 1960 passam a compreender também

[...] a Pragmática, para qual é indispensável que se compreenda a linguagem como modo de ação sobre o mundo; a Sociolinguística, que identifica a relação entre a composição da linguagem e a identidade sociocultural de seus falantes; a Análise da Conversação, na qual se legitima a ideia de que a estrutura da interação verbal ocorre considerando fatores situacionais (canal ou suporte, grau de intimidade entre os interactantes, etc.); a Psicolinguística, onde se formatou a responsabilidade da cognição nas atividades de aquisição e desenvolvimento da linguagem; a Linguística Textual, reconhecedora de aspectos sociocognitivos importantes (conhecimentos enciclopédico – de mundo – e procedural – de ações) na atribuição de sentido aos textos; e as Análises do Discurso, para as quais o foco de interesse é a investigação de como os sistemas linguísticos funcionam na representação da realidade, na construção de relações e identidades e na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias (MELO, 2011, p. 1337).

Atendo-nos a esta última área de estudo mencionada, Michel Foucault (2014a), um dos principais teóricos das Análises do Discurso, afirma que os enunciados estão imersos em uma espécie de memória coletiva na qual contém todas as possibilidades daquilo que pode ser dito. Os enunciados que são porventura *trazidos à superfície* em uma determinada enunciação, podem criar aglutinações, passando a ter formas que podem ser identificadas como semelhantes – as formações discursivas. Nesse sentido podemos pensar em *discurso conservador*, *discurso liberal*, *discurso socialista*, *discurso cristão*, *discurso de esquerda* etc.

Além de apresentar uma certa consistência no nível superficial, as formações discursivas conferem diferentes significações aos enunciados, uma vez que eles carregam regularidades específicas. Assim, o enunciado *sou um militante socialista* na formação discursiva da direita conservadora tem significações específicas, ao passo que na formação discursiva do movimento sindical, tem outras.

A partir desta visão foucaultiana, podemos visualizar que o discurso “[...] constitui os objetos de conhecimento, os sujeitos e as formas sociais do ‘eu’, as relações sociais e as estruturas conceituais” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 66). O *eu*, dentro dessa perspectiva, é instável, e nós, indivíduos, ao ocuparmos diferentes formações discursivas em nosso convívio social, ocupamos também diferentes posições de sujeito – ora nos identificamos como consumidores, ora como funcionários/as, professores/as, alunos/as, filhos/as,

eleitores/as etc. Nossos discursos, desta maneira, constituem não só a nós mesmos, mas também as instituições que compõem a estrutura social na qual estamos imersos/as.

Dando seguimento a essa perspectiva, Foucault (2014b) num outro momento, argumenta que o discurso está também imerso em regras sociais que pressupõem indivíduos/grupos controladores e indivíduos/grupos controlados. Ao considerarmos o *discurso conservador* e o *discurso socialista*, por exemplo, é importante levarmos em conta que as regularidades que os compõem estão contidas em uma macroperspectiva que diz respeito a normas sociais de controle, seleção, organização e redistribuição do que pode ser dito e, sobretudo, de quem pode dizer – são as ordens do discurso. Assim, o *discurso conservador* e o *discurso socialista* estão contidos na ordem do discurso político, e quais são os grupos que controlam essa ordem? Quem tem o poder de dizer o que significam esses discursos? Quem tem o poder de selecioná-los e (re)distribuí-los?

Portanto, reconhecer que o discurso faz parte de uma ordem é, acima de qualquer coisa, entender que essa ordem está atrelada a uma hierarquia social na qual há quem ordena e quem é ordenado, e, reforçando o que demasiadamente enfatizei nos capítulos anteriores, essa dinâmica se dá dentro do sistema capitalista, sendo quem está acima na hierarquia a classe dominante – quem ordena e tem o poder de controle sobre as ordens do discurso –, uma pequena fração de pessoas que tem sua riqueza adquirida às custas da nossa exploração.

Não se trata, porém, de uma redutibilidade, ou seja, não quero dizer que o discurso está fadado a um determinismo socioeconômico; trata-se do entendimento de que as relações de poder que existem em nossa sociedade se confundem com o acesso ao discurso, uma vez que quanto mais controle um grupo social – em nosso caso a classe dominante da cidade do Recife – possui sobre os variados gêneros discursivos que circulam em sociedade, bem como os contextos em que eles ocorrem e a audiência em que circulam, mais poderoso ele é (VAN DIJK, 2018).

Aqui já começamos a adentrar no campo da ACD e de imediato perceber que, por discurso, entendemos “[...] o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou de variáveis situacionais” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 94). A partir de sua compreensão como uma prática social, visualizamos que ele tem muito mais a ver com a forma na qual nós indivíduos agimos uns com os outros e como enxergamos e representamos o mundo ao nosso redor. Assim, o discurso está em tudo e tudo está no discurso: poder, relações sociais, práticas materiais, instituições, crenças etc. são resultados do discurso e, ao mesmo tempo, o discurso é seu resultado

(CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Esse entendimento é fundamental para a ACD, uma vez que ela se propõe a levantar um diálogo entre teorias linguísticas e sociais.

### 3.2 Compreendendo a ACD através de sua história

Adentrando nos detalhes da formação da ACD, Ruth Wodak (2004) afirma que é possível considerá-la tanto como uma continuidade da Linguística Crítica (LC) quanto como uma vertente dela. Se seguirmos a partir da primeira colocação, tomaremos a LC, de certa forma, como uma perspectiva teórica cristalizada no espaço-tempo que já rendera frutos, mas não possui mais relevância. Se, por outro lado, enxergarmos a ACD como uma vertente de estudos dentro da LC, compreenderemos que ambas coexistem em razão de um mesmo objetivo: a crítica social.

Antes de avançarmos, é preciso esclarecer o que é a Linguística Crítica. Chouliaraki e Fairclough (1999) afirmam que os estudos críticos sobre a linguagem podem ser traçados desde Valentin Voloshinov, linguista russo do círculo de Bakhtin que, sob grande influência das obras de Marx, publicou o livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* nos anos 1920. Para além desse momento, a partir dos anos 1970, teve início na Europa Ocidental e América Latina uma forte tradição de estudos que interligavam a linguagem e a sociedade a partir das relações de poder e ideologia. Uma dessas vertentes foi a Linguística Crítica.

Roger Fowler (2004) afirma que a LC emergiu a partir da publicação, junto a Bob Hodge e Gunther Kress, do livro *Linguagem e Controle* no ano de 1979. A proposta dos autores na época era, principalmente, analisar a conjuntura linguagem-sociedade a partir de análises sobre as ideologias contidas nos discursos, sobretudo os de ordem política, no intuito de trazê-las à tona, à superfície, desvelando-as. Para tanto, fizeram-se valer da Gramática Sistemico-Funcional do linguista Michael Halliday que, desenvolvida alguns anos antes, trata a linguagem a partir de aspectos funcionais, debruçando-se sobre o *como* e o *porquê* a linguagem varia de acordo com seus falantes e contextos de uso, além de fornecer uma técnica e instrumentos de descrição para a análise de textos (GOUVEIA, 2009).

Entretanto, Fowler (2004), realizando uma retrospectiva sobre as contribuições da LC, conclui que faltava algo mais à teoria, pois as críticas eram feitas, as ideologias dos discursos desveladas, mas e daí? Assim então argumenta seu colega Gunther Kress:

Tendo estabelecido que os textos estão em todos os lugares e que são inevitavelmente estruturados pela ideologia, e que a estruturação ideológica tanto da linguagem quanto dos textos pode ser relacionada rápida e claramente às estruturas e processos sociais que deram origem a esses textos, qual é o próximo passo? (KRESS, 1985 *apud* FOWLER, 2004).

Dessa forma a Linguística Crítica, enquanto teoria, com iniciais maiúsculas, durou pouco não só por conta da autocrítica de seus fundadores, mas por eles terem seguido outros caminhos pouco depois. O legado da LC, digamos assim, tem se revelado em tomar a linguística em si de forma crítica, e é nessa perspectiva que a Análise Crítica do Discurso se encontra, uma vez que “[...] a ACD deve ser vista como uma contribuição para um campo de pesquisa crítica na modernidade tardia, não como uma narrativa ou teoria em particular” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Mais para frente falarei um pouco mais sobre esse conceito de modernidade tardia para a ACD.

Retomando, portanto, a colocação de Wodak (2004) que eu trouxe no começo do tópico, talvez a realidade não seja nem uma coisa nem outra, isto é, talvez a LC tenha estabelecido um paradigma no que diz respeito à relação discurso-sociedade nas quais se encontram as pesquisas em ciências da linguagem. Rajagopalan (2016) afirma que, por muito tempo, a “neutralidade” do(a) linguista em suas pesquisas foi uma questão imperativa. Adversamente, a linguística crítica apresenta a concepção de que a linguagem é um palco de intervenção política pelo qual injustiças sociais e lutas de classe são manifestadas. Portanto,

A consciência crítica começa quando se dá conta de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas. Em outras palavras, toma-se consciência de que **trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente**, com toda responsabilidade ética que isso acarreta (RAJAGOPALAN, 2016, p. 125, grifo meu).

É dentro desse agir politicamente que, tomando a linguística crítica como base, o paradigma da Análise Crítica do Discurso dentro de estudos linguísticos veio a se estabelecer. Vamos falar mais um pouco sobre isso.

### 3.3 ACD por quê?

Tendo como base os estudos em Linguística Crítica e o funcionalismo de Michael Halliday, a Análise Crítica do Discurso já existia por volta do final da década de 1980 com publicações de Ruth Wodak, Norman Fairclough e Teun van Dijk, por exemplo. No entanto, é somente em janeiro de 1991, num simpósio realizado por esses e outros

cientistas em Amsterdã, nos Países Baixos, que a ACD se consolidou como uma perspectiva sólida que visava a colaboração entre os diferentes pesquisadores e as diferentes abordagens que já vinham sendo realizadas (WODAK, 2004). A partir de então a integração passou a ser cada vez maior e a perspectiva transdisciplinar da ACD foi sendo cada vez mais reafirmada.

No Brasil, a ACD sempre se destacou dentro das pesquisas sobre a linguagem e sua relação com as questões de poder e desigualdade social, além da dominação ideológica e hegemonia política (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013). Dentre a diversidade de pesquisadores/as, poderíamos destacar Izabel Magalhães que, além de ter publicado pesquisas na área desde os primórdios da ACD, foi responsável pela tradução do primeiro e até então único livro de Norman Fairclough publicado no Brasil – *Discurso e Mudança Social* –, o que permitiu uma maior democratização de estudos na área, isso no ano de 2001, quase dez anos após a publicação original, que foi em 1992. Destacam-se também Célia Maria Magalhães, Viviane Resende e Viviane Ramalho, cujas obras sobre a ACD servem de base para muitas pesquisas em nosso território nacional (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013).

A perspectiva da mudança social através das pesquisas em ACD nos ajuda a compreender que esta não se propõe, nem nunca se propôs, a ser uma teoria ímpar e específica, mas sim que, ao contrário disso, implica estudos multifacetados que derivam das mais diversas circunstâncias materiais, orientando-se assim para uma diversa gama de dados e metodologias (WEISS; WODAK, 2003). Isso se dá, como já discutimos, pela perspectiva política na qual a ACD toma o discurso e sua relação com a sociedade, a qual tem sido profundamente reestruturada desde os anos 1980, pelo menos, sobretudo com o advento da modernidade tardia.

Estes últimos 40 anos têm sido um período de profundas mudanças em escala global, principalmente nos parâmetros econômicos, tendo o capitalismo se convertido para um sistema muito mais voltado para a venda e consumo de serviços do que de produtos – como costumava ser no período denominado fordismo –, ao mesmo tempo em que se ampliaram as redes de produção em massa, causando a transnacionalização de inúmeros setores empresariais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Mais importante para debatermos neste momento é a compreensão de que esse período trouxe mudanças também nas práticas sociais e, conseqüentemente, na dimensão do discurso.

Chouliaraki e Fairclough (1999) seguem argumentando que esse fenômeno trouxe muitas disrupções e até sofrimento para muitos grupos de indivíduos, como mineradores

de carvão no Reino Unido, o que nos faz refletir sobre quantos empregos foram extintos em razão do *avanço da tecnologia*, sobretudo com a democratização do acesso à internet já no século XXI. Aqui no Brasil, somente na segunda metade da década passada nós passamos por uma reforma da previdência, do trabalho e do sistema escolar. A grande questão é que, quer sejam favoráveis ou prejudiciais para a maior parte da população, essas mudanças são postas como inevitáveis. Reforço, porém, que elas são, isso sim, mudanças inseridas em um recorte socioeconômico específico que dizem respeito a estratégias e metas específicas de um grupo específico de pessoas – tudo no qual poderia e pode ser diferente (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

A partir desse enquadre, a motivação de uma ciência social crítica, de uma linguística crítica, mais especificamente, se dá em contribuir para que haja uma compreensão consciente dessas mudanças e, sobretudo, das motivações por trás delas, e é nesse ponto que a ACD busca intervir, uma vez que “As práticas, assim compreendidas, são constituídas na vida social, nos domínios da economia, da política e da cultura” (RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 193).

Mas, em linhas gerais, o que tudo isso significa para nós indivíduos da periferia recifense? A grande questão é que precisamos enxergar essa construção da realidade em que estamos inseridos como um processo dialético que envolve outras práticas sociais, pois

A proposta é que não se pode construir (representar) semioticamente a realidade sem simultaneamente se identificar e se relacionar com outras pessoas de maneiras particulares, e vice-versa; mas também que não se pode fazer nenhum dos dois sem se envolver simultaneamente na atividade semiótica de fazer texto (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 50, tradução minha)<sup>11</sup>.

Ou seja, é preciso que compreendamos a representação/construção do mundo em que vivemos, nossas identidades, interações e discursos como processos indissociáveis uns dos outros.

### **3.4 A teoria faircloughiana em um primeiro momento**

---

<sup>11</sup> “The claim is that you cannot semiotically construct (represent) reality without simultaneously identifying yourself and relating to other people in particular ways, and vice versa; but also that you cannot do either without simultaneously engaging in the semiotic activity of making text.”

Quando falei anteriormente sobre a relação entre as músicas do brega-funk e a desigualdade socioeconômica do Recife, mencionei, a partir de Orlandi (2017; 2004) o quanto que nossas ações enquanto indivíduos periféricos são moldados pela (des)organização dos aspectos urbanos no sentido de que o Estado Burguês funciona na periferia pela ausência, que não é uma falha, mas sim uma necessidade para a operação do sistema capitalista. Alinhado com a ACD, proponho aqui tomar o brega-funk como uma prática social e com isso perceber que ele, através do discurso, evidencia uma relação direta entre nós e o mundo em que vivemos – a periferia recifense –, pois

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2019, p. 95).

Tendo em vista que a relação entre o Recife e os recifenses como um todo, do centro e da periferia, está imersa no sistema capitalista, e que este consiste na relação de exploração que a classe dominante exerce sobre nós trabalhadores, o poder de constituir a realidade, moldar e restringir as dimensões da estrutura social, bem como constituir as identidades individuais e institucionais, está muito mais nas mãos do Estado Burguês, da classe dominante, do que nas nossas, classe explorada. Compreender, portanto, de quais formas o discurso contribui para com as significações, constituições e manutenção desse contexto social em que vivemos e, sobretudo, para com a relação de dominação na qual estamos inseridos, é um ponto fundamental para que possamos revolucionar esse estado de coisas.

Seguindo com sua teoria social, Fairclough (2019) propõe pensar o discurso a partir de três macro funções sociais: Identitária, Relacional e Ideacional. A primeira diz respeito a como o discurso contribui para a formação das nossas identidades; a segunda tem a ver com a relação entre o discurso e as nossas relações sociais; já a terceira se refere à forma na qual o discurso constrói, mantém e transforma os significados existentes no mundo. Apesar de colocar em perspectiva a noção de que o discurso está em toda parte, é preciso destacar que ele não determina o social, e que tampouco o social determina o discurso – a proposta é que há uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, uma interdependência (FAIRCLOUGH, 2019), semelhantemente à relação periferia-periféricos/as.

Dentre as várias orientações das práticas sociais através do discurso, como a econômica, cultural, pedagógica etc., me preocupo aqui com a dimensão da política e da ideologia que dela decorre: a prática política-ideológica. O que é mais caro para a ACD, em se tratando dessa dimensão política-ideológica, é a relação de poder que nela há. A prática política estabelece, mantém e transforma relações de poder; a ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados provenientes da prática política. Assim, “a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder” (FAIRCLOUGH, 2019).

Se pensarmos numa escola como exemplo, podemos visualizar que as relações de poder entre os/as professores/as e os/as alunos/as são geralmente mediadas não pelo/as aluno/as, mas sim pelo/as professores/as, e isso se reflete em quem pode falar o que, quando e como. O mesmo pode ser dito sobre as relações familiares em que os pais e mães exercem seu poder sobre os/as filhos/as também a partir do controle sobre seu discurso. A grande questão é quando esse exercício de autoridade, que está em diversas esferas da prática social, gera relações de dominação de determinados grupos sobre outros – o abuso de poder.

Por esse viés Fairclough (2019) pensa, em primeiro lugar, que as posições de sujeito que os indivíduos ocupam dentro de uma sociedade são resultados das estruturas que as sustentam, isto é, quando nos identificamos como aluno/a, professor/a, político/a, eleitor/a, cantor/a, fã, cliente etc., nos identificamos a partir das relações político-ideológicas pré-existentes em nossas sociedades, as quais estão historicamente imbuídas de relações de poder, e isso vai resultar em práticas que podem, inconscientemente – uma vez que essas relações são tidas como naturais – ou não, reproduzir essas relações de poder por vezes abusivas e sustentadas a partir da dominação.

Em segundo lugar, as consequências dessas práticas têm resultados e efeitos sobre as estruturas nas quais estamos inseridos e são muitas vezes geradas de forma inconsciente também. E por último, as práticas utilizadas para a contestação e mudança da estrutura passam também pelo discurso, e esse ponto é crucial para a ACD, considerando que a preocupação com o político-ideológico se dá em razão da mudança das estruturas de dominação a partir da conscientização das relações de poder existentes no discurso.

Trago com isso a concepção tridimensional do discurso, a qual nos ajudará a compreender melhor a ligação entre ele, o exercício ideológico do poder, e a possibilidade

de transformação das estruturas de dominação. Para ao momento de análise das músicas de brega-funk que farei no último capítulo, é crucial a compreensão do discurso como um evento complexo que envolve três elementos: texto, prática discursiva e prática social. Assim, a análise de um discurso em específico precisa interligar essas três dimensões ao mesmo tempo (FAIRCLOUGH, 1995).

#### 3.4.1 Tridimensionalidade do discurso: texto, prática discursiva e prática social

Há duas considerações iniciais importantes a respeito do discurso como texto. A primeira é que a natureza de seu significado é socialmente motivada, ou seja, os significados de um texto não são arbitrários e possuem mobilizações sociais por trás de sua existência, as quais “[...] envolvem processos cognitivos de produção e interpretação textual que são baseados nas estruturas e nas convenções sociais interiorizadas (daí o prefixo ‘socio-’). (FAIRCLOUGH, 2019, p. 104). Esse significado em potencial exige uma interpretação textual dos participantes do discurso, os quais a realizarão sociocognitivamente, resgatando suas experiências enquanto indivíduos imersos no mundo. Logo,

[...] os textos em geral são altamente ambivalentes e abertos a múltiplas interpretações. Os intérpretes geralmente reduzem essa ambivalência mediante opção por um sentido particular, ou um pequeno conjunto de sentidos alternativos (FAIRCLOUGH, 2019, p. 107).

Uma vez considerada tais questões, a macrocategoria discurso como texto possui quatro microcategorias: o vocabulário trata das palavras individuais; a gramática, das palavras combinadas em orações e frases; a coesão, das ligações entre as orações e frases; e a estrutura textual, das formas de organização do texto em larga escala (FAIRCLOUGH, 2019). É a partir do discurso como texto que realizamos os apontamentos em direção à prática discursiva e social.

A categoria da prática discursiva complementa a do discurso como texto com mais três microcategorias além das outras quatro que esta possui, sendo elas: força, coerência e intertextualidade. Elas aqui se encaixam mais por, de certa forma, extrapolarem aspectos formais do texto. Por outro lado, as microcategorias da prática discursiva propriamente dita são: processos de produção, distribuição e consumo do texto.

Melhor explicando, Fairclough (2019) afirma que a força dos enunciados tem a ver com o discurso enquanto atos de promessa, ameaça etc. A coerência tem a ver com a

potencialidade significativa que o texto pode causar nos indivíduos que estão em interação discursiva. Já a intertextualidade quer dizer as relações históricas que os textos possuem uns com os outros em suas construções e interpretações.

A prática discursiva, por estar um nível acima da análise textual, por assim dizer, começa a considerar o texto enquanto ação. Por processos de produção, portanto, entendemos que “[...] os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos [...]” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 111). Essa produção pode ser individual ou coletiva: podemos afirmar ser algo comum que um artigo científico possua mais de um autor, ao passo que um poema, não. A distribuição, por sua vez, pode ser simples ou complexa. Uma conversa casual entre amigos em um bar geralmente pode tender a não extrapolar os participantes imediatos do local em que foi produzida, já uma música de brega-funk escrita por um/uma MC e reproduzida em plataformas de mídia social está propensa a uma distribuição mais ampla.

Quanto ao consumo, ele também pode ser individual ou coletivo, embora tenha mais a ver com repetição a que se volta para um mesmo texto e quais os resultados dessa repetição. Um livro didático, por exemplo, possui um consumo coletivo e repetitivo; além disso, os/as alunos/as e professores/as a ele se voltam constantemente durante o ano letivo. Por outro lado, um livro literário de ficção costuma ser consumido individualmente e dificilmente é relido constantemente.

Por último temos o discurso enquanto prática social, o qual diz respeito a elementos que a princípio perpassam o indivíduo de forma inconsciente, moldando as maneiras nas quais os praticantes e intérpretes do discurso produzem seu mundo individual e coletivo, ocorrendo por meio de “[...] estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos [...]” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 104-105). Seguindo na tridimensionalidade do discurso, a prática social é sua última instância, a qual envolve o discurso enquanto texto e prática discursiva. Isso significa dizer que sua existência é um resultado direto dessas duas questões que acabam por criar outros processos que ultrapassam seus domínios, mas acabam para eles se voltando de forma que o discurso enquanto evento seja retroalimentado, podendo assim estar em constante estado de atualização. Assim:

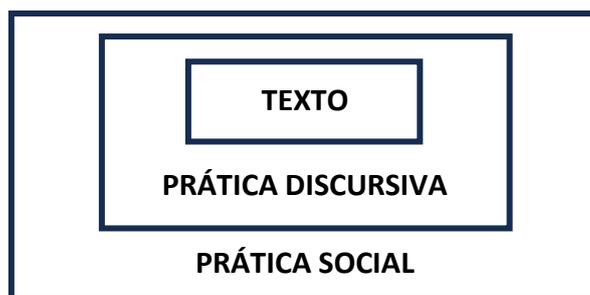


Fig. 4 – Modelo Tridimensional do Discurso (FAIRCLOUGH, 2019, p. 105).

Fairclough (2019) institui três micro dimensões do discurso enquanto prática social: ideologia, hegemonia e mudança discursiva. Abordarei as duas primeiras nesse subtópico, reservando a discussão sobre mudança discursiva para o final do capítulo, quando trarei à tona num outro momento (mais recente) da teoria faircloughiana.

A princípio, o que aqui entendemos por ideologia é o que Fairclough (2019) assume como sendo significações/construções da realidade, que acaba por constituir o mundo físico, as relações sociais e as identidades sociais. Ou seja, a ideologia é uma prática social que molda a percepção de mundo dos atores sociais, bem como as maneiras às quais eles enxergam a si mesmos e o modo pelo qual se relacionam uns com os outros. Além disso, a ideologia presente no discurso, em certas instâncias, serve para “[...] estabelecer ou manter relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 122).

Fairclough (2019) afirma ser importante ressaltar que as pessoas, genericamente, têm pouca consciência das ideologias existentes em suas práticas, pois elas acabam por se tornar naturalizadas ou automatizadas. Metaforizando, é como se, ao nascermos, nos encontrássemos em um trem já em movimento: todo o percurso já realizado por ele, além do material que o constitui, dos outros passageiros que conosco se encontram e até mesmo, e principalmente, dos maquinistas à sua frente e das pessoas na torre de controle que se encontra em algum lugar remoto, se colocam como elementos naturais da vida, pois isso tudo, *desde sempre*, está posto como algo normal, e não como uma construção histórica cuja materialidade poderia e pode ser diferente.

Seguindo, Thompson (1990), sociólogo de orientação marxista e teórico da ACD, propõe que a ideologia possui dois tipos: primeiro como um aspecto da vida social, como concepções neutras que não necessariamente reproduzem fenômenos manipuladores, ilusórios ou alinhados com os interesses de um grupo em particular – o qual possui certa semelhança com a proposta de Fairclough (2019) em afirmar que a ideologia produz construções/significações da realidade. Por outro lado, ele descreve as concepções críticas que, diferentemente das neutras, são manipuladoras, de caráter ilusório e alinhadas com

os interesses de determinados grupos sociais em detrimento de outros. Nesse sentido se estabelece um critério de negatividade para a ideologia que, sob um viés marxista, Thompson (1990, p. 55) a define como sendo “[...] um sistema de representação que camufla e manipula, e com isso serve de sustento para relações de dominação”.

Resgatando mais uma vez o caso da tentativa de proibir o brega-funk nas escolas, é possível visualizarmos que os significados ideológicos do discurso proposto tende a reproduzir relações de dominação, neste caso, a dominação de uma classe política de direita conservadora que se encontra alinhada aos interesses da burguesia do estado por sobre nós indivíduos periféricos. A relação de dominação ideológica, dessa forma, acaba por resultar em uma manutenção da segregação da periferia recifense numa provável tentativa de impedir que a representação de sua realidade ocupe outros lugares.

Acontece que, apesar da ideologia, inconscientemente, compor realidades individuais e coletivas, há a real possibilidade destas serem conscientemente transformadas, contribuindo para uma mudança discursiva, pois

[...] os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras. O equilíbrio entre o sujeito ‘feito’ ideológico e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2019, p. 126).

Como mencionei no capítulo anterior, trago o brega-funk como uma perspectiva de resistência da periferia recifense a estabelecer um conflito frente à ideologia dominante que institucionalmente lhe organiza – um conflito de classes. Com isso chegamos à discussão sobre hegemonia, a qual tem a ver com o poder que se é exercido na sociedade como um todo, porém nunca é mais do que parcial e temporariamente conquistado, havendo sempre um equilíbrio instável, um conflito em curso (FAIRCLOUGH, 1995) – eis a necessidade, por parte da classe dominante, de mantê-lo.

A relação existente entre ideologia e hegemonia é de certa forma evidente: a ideologia, por moldar as realidades individuais e coletivas, acaba por criar escalas de poder na sociedade, e as ideologias que dominam por sobre as outras resultam em uma hegemonia. Essa dominação hegemônica, por assim dizer, é em sua maioria institucional, isto é, refletem estruturas sociais dominantes em um nível macro, gerando conflitos hegemônicos que costumam acontecer na família, com os pais exercendo poder em

relação aos filhos; na escola, com os professores exercendo poder em relação aos alunos; nas empresas, com chefes e subordinados/as; etc.

A hegemonia, da mesma forma que a ideologia, pode ser reproduzida ou transformada. Essa mudança envolve transgressões e novas combinações entre elementos de diversas ordens, ocorrendo muito mais no nível social do que no discursivo; e é preciso considerar que a hegemonia não necessariamente compõe um modelo de dominação pela dominação – ela pode ocorrer através da constituição de alianças, da construção de aparentes simetrias dos interesses de grupos dominantes para com os dos grupos dominados, ganhando assim seu consentimento, entre outras formas (FAIRCLOUGH, 1995).

Dentro dessa perspectiva nós podemos repor em xeque, por exemplo, o reconhecimento do brega pela Prefeitura do Recife como patrimônio imaterial da cidade, em meio ao *estouro* do brega-funk, sua vertente mais recente, pelo restante do Brasil. Seria esse reconhecimento uma mudança social voltada para uma democratização da ocupação de espaços públicos em festivais de música e outros eventos culturais pelo brega-funk ou uma forma velada da classe dominante exercer o controle sobre onde e quando ele pode ser reproduzido?

Tomar o discurso como uma prática que perpassa o reconhecimento da abrangência das ideologias e hegemonias nas práticas sociais é também reconhecer que uma análise crítica do discurso, por sua vez, precisa se voltar para a sistematização do conhecimento sobre ambas, bem como uma constante vigilância sobre quem as está utilizando e para quê (FAIRCLOUGH, 1995).

Me encaminhando para o tópico final deste capítulo, aqui retomo as três funções da linguagem previamente abordadas na teoria social do discurso – Identitária, Relacional e Ideacional – para falar sobre um outro momento (mais recente) no qual Fairclough (2003) propõe a discussão sobre tipos de sentido, ao invés de funções da linguagem, marcando assim um maior aprofundamento na perspectiva dialética da ACD.

### **3.5 A teoria faircloughiana num segundo momento**

A concepção de estruturas sociais está relacionada a sistemas pré-estabelecidos em nossa sociedade, a exemplo da língua, do sistema econômico e das leis. Apesar disso, elas são potencialidades abstratas que podem se concretizar ou não na realidade – material ou simbólica. Se considerarmos a língua portuguesa (estrutura social) e as seguintes

potencialidades lexicais: *belezas, aquelas, mundo e do* realizadas juntas em uma ordem que resultasse na forma *aquelas belezas do mundo*, teríamos um texto (evento social), isto é, algo realizado, não uma potência. Esse texto poderia, por exemplo, ser um título de um poema (prática social).

Assim, vemos que a relação entre as estruturas sociais e os eventos sociais é mediada pelas práticas sociais. Para explicá-las um pouco melhor, retomo aqui o termo foucaultiano das ordens do discurso, sendo as práticas sociais, similarmente, “[...] formas de controlar a seleção de certas possibilidades estruturais e a exclusão de outras, e a retenção dessa seleção ao longo do tempo, em áreas específicas da vida social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 23-24, tradução minha)<sup>12</sup>. Elas podem, portanto, ser reproduzidas ou transformadas a partir dos eventos sociais, e é importante observá-las através das ordens do discurso, porque a linguagem – ou semiose, abrangendo também a comunicação para além da verbal – é uma instância que perpassa todos os elementos sociais (FAIRCLOUGH, 2003).

Nas estruturas temos então as línguas; nas práticas, as ordens do discurso; e nos eventos, os textos. Podemos ilustrar esta perspectiva com o seguinte esquema:



Fig. 5 – revisão dialética da linguagem.

Se compararmos com a tridimensionalidade do discurso, veremos um rebuscamento maior em relação ao que Fairclough (2019) apresentou num primeiro momento. Agora, ao invés do texto, prática discursiva e prática social, temos as estruturas sociais, práticas sociais e eventos sociais. O texto de antes passa a ser a língua enquanto um sistema estrutural dentre outros, como a economia, por exemplo. As práticas discursivas passam a ser as práticas sociais nas quais o discurso é uma dentre outras e que, apesar de estar presente em todas essas outras, elas não se resumem a ele. Já as

<sup>12</sup> “[...] ways of controlling the selection of certain structural possibilities and the exclusion of others, and the retention of these selections over time, in particular areas of social life.”

práticas sociais são repensadas como eventos sociais os quais compreendem tudo aquilo que foi, é e está sendo produzido no âmbito da realidade (material ou simbólica).

Antes, na tridimensionalidade do discurso (FAIRCLOUGH, 2019), as categorias analíticas de texto, práticas discursivas e práticas sociais visualizavam a linguagem abarcando os fenômenos sociais. Agora (FAIRCLOUGH, 2003) ela passa a ser tomada como uma das instâncias do social em uma proposta muito mais dialética que a anterior, de forma que os elementos sociais podem encadear um maior ou menor impacto em sua existência.

### 3.5.1 Os tipos de sentido: Ação, Representação e Identificação

A partir da Figura 2 podemos perceber que quanto mais à direita a linguagem estiver, mais ela será impactada pelos fenômenos sociais. Considerando então que o discurso está em todas as dimensões sociais, as línguas, as ordens do discurso e os textos se encontram dentro do processo dialético e interdependente que já discutimos. Porém, os textos são mais socialmente implicados que as ordens do discurso e que as línguas, ao passo que as ordens do discurso são mais implicados que as línguas, mas menos que os textos, e as línguas são menos implicadas que os outros dois.

Partindo agora para a caracterização do discurso enquanto prática e evento social, Fairclough (2003) aponta que uma das formas de agir e interagir é através da fala ou da escrita, o que faz com que a linguagem seja primeiramente tida como uma Ação. As diferentes maneiras nas quais essas ações discursivas tomam formas no mundo são os gêneros – uma conversa com amigos, uma entrevista de emprego, uma redação de vestibular e uma canção de brega-funk são exemplos.

Em segundo lugar, a linguagem é uma forma de Representação do mundo – o que se diz em uma conversa com amigos, entrevista de emprego, redação de vestibular ou canção de brega-funk são também (re)construções do mundo social. As diversas formas de representar o mundo se dão através do discurso, compreendendo que ele tem aqui dois sentidos: (1) como um substantivo abstrato – *um* discurso específico realizado em um determinado espaço-tempo; (2) como um substantivo concreto – *o* discurso socialista.

Por último, a linguagem é também uma forma de expressão das Identidades sociais ou pessoais, são formas particulares pelos quais grupos e indivíduos constituem sua Identificação. Assim, em uma entrevista de emprego é possível reconhecer o/a entrevistador/a ou o/a entrevistado/a a partir do estilo no qual cada um/a diz o que diz no

momento da interação; da mesma forma em uma reunião empresarial entre o/a diretor/a e demais subordinados/as, por exemplo.

Essas considerações se aproximam das três funções da linguagem – Identitária, Relacional e Ideacional – da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday que Fairclough (2019), em sua obra de 1992, abordou na tridimensionalidade do discurso. Já em 2003, ao invés de falar em funções da linguagem, ele prefere falar em tipos de sentido que envolvem os textos (eventos sociais) enquanto Ação, Representação e Identificação. Notemos que há uma relação entre Ação e gênero, Representação e discurso, e Identificação e estilo, e isso ocorre porque os gêneros, os discursos e os estilos são formas relativamente estáveis e duráveis de agir, representar e identificar (FAIRCLOUGH, 2003).

A proposta analítica dessa nova concepção é que possamos identificar os três tipos de sentido simultaneamente tanto em pequenos trechos dos textos como em sua totalidade. Vamos pegar como exemplo a seguinte frase dita pelo então prefeito do Recife, João Campos, na ocasião em que foi sancionada a lei que torna o gênero musical brega um patrimônio imaterial do Recife: “O brega é uma manifestação cultural nossa, um patrimônio nosso e ninguém pode diminuir isso” (RECIFE, 2021). A frase é aqui uma ação (1) no sentido de que foi realizada em um determinado espaço-tempo por uma determinada pessoa – prefeito da cidade – para outras determinadas pessoas – demais autoridades e convidados/as – com o intuito de dar abertura a uma determinada cerimônia – sancionamento de lei. Ela também é uma representação (2) por relacionar conceitos que dizem respeito à realidade da sociedade em que está inserida – o *brega*, não o *rap* ou *rock*; um *patrimônio nosso*, *recifense*, não *carioca* ou *paulista*. Por fim, ela é também uma identificação (3) na medida em que o indivíduo em questão – João Campos, prefeito do Recife – faz um determinado uso da linguagem, o qual poderia ser diferente, ao dizer *o brega é uma manifestação cultural nossa* e não *o brega é uma manifestação cultural do povo recifense*, por exemplo.

Analisar o discurso através dessa ótica é trazer uma perspectiva social para o âmago dos textos realizando duas coisas interconectadas, como

[...] (a) olhar para eles nos termos dos três tipos de sentido – Ação, Representação e Identificação – e como eles são realizados nas várias características dos textos (seu vocabulário, sua gramática e assim por diante); (b) fazer uma conexão entre o evento social concreto e as práticas sociais mais abstratas perguntando: quais gêneros, discursos e estilos são trazidos aqui, e

como os diferentes gêneros, discursos e estilos são articulados juntos no texto? (FAIRCLOUGH, 2003, p. 28, tradução minha)<sup>13</sup>

Diante dessas colocações podemos perceber que há um salto considerável em relação à sua teoria social do discurso, o qual ocorre num espaço de pouco mais de 10 anos desde a publicação de *Ideology and Power*, em 1989, e da aprimoração em *Discurso e Mudança Social*, 1992. Mais recentemente, a partir da publicação de *Discourse in Late Modernity* junto a Lilie Chouliaraki, em 1999, a qual nos traz um esboço do que viria a ser apresentado em *Analysing Discourse*, em 2003, Fairclough (2003) passa a tomar a ACD a partir de relações sociais mais complexas. Essa perspectiva dialética, consequentemente, coloca os eventos sociais (textos) como o marco-zero da mudança social propriamente dita, compreendendo que estes são uma instância específica dentro de uma cadeia de fenômenos interconectados, conforme ilustrado na Figura 2.

A mudança social é vista agora como uma consequência advinda dos textos enquanto eventos sociais e tudo o que isso implica, não mais como um fenômeno específico das práticas sociais – de acordo com o elaborado em 1992 (FAIRCLOUGH, 2019). Olhar para as Ações, Representações e Identificações dos textos (eventos sociais) é visualizar também como eles podem modificar as práticas sociais (ordens do discurso) e as estruturas sociais (línguas).

Por questões metodológicas e de espaço, busquei, nesta pesquisa, restringir a análise apenas ao eixo da Representação. Ao longo de toda nossa discussão até aqui procurei evidenciar que a grande proposta era observar o brega-funk e a desigualdade existente na cidade do Recife como uma interconexão. Assim, no capítulo seguinte apresentarei o porquê da Representação ter sido delimitada como categoria principal dentre os tipos de sentido das canções. Também abordarei o elemento linguístico estabelecido para a análise dos textos – o sistema de transitividade.

---

<sup>13</sup> “[...] (a) looking at them in terms of the three aspects of meaning, Action, Representation and Identification, and how these are realized in the various features of texts (their vocabulary, their grammar, and so forth); (b) making a connection between the concrete social event and more abstract social practices by asking, which genres, discourses, and styles are drawn upon here, and how are the different genres, discourses and styles articulated together in the text?”

## **CAPÍTULO 4 – REPRESENTANDO O MUNDO**

Procuramos entender a vida como um sistema aberto, como uma interligação de mecanismos estruturais de várias dimensões, a exemplo da física, química, biológica, econômica, social, psicológica e semiótica – na qual a linguagem está inclusa (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Não há, porém, qualquer sobredeterminação de uma dimensão por outra, mas sim um diálogo entre cada uma delas. Assim, para que haja uma língua portuguesa, é preciso que nós seres humanos existamos, e para que nós existamos há toda uma complexidade de elementos biopsicossociais, além de outras ordens, que se inserem no mundo físico do qual fazemos parte.

Dentre essas estruturas de várias dimensões, a perspectiva da ACD é se colocar como uma ciência social a fim de estabelecer, de forma crítica, relações entre a esfera política, cultural e econômica sob o prisma da linguagem. Para tanto, é preciso termos em mente que a análise de tais elementos devem ser empiricamente estabelecida em relação a um espaço-tempo específico; assim vemos, por exemplo, que as sociedades capitalistas modernas são fortemente determinadas por seus aspectos econômicos, como as classes sociais, o poder, a ideologia e a hegemonia, apesar de não serem redutíveis a eles (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Pensar nas possíveis relações entre a desigualdade social recifense e o brega-funk é pensar, aqui, no discurso como representação de uma parte específica do mundo a partir de uma perspectiva específica, baseando-se na compreensão de que também utilizamos nossa linguagem para representar o mundo, o que reflete na construção, reprodução e transformação da realidade – material e simbólica (FAIRCLOUGH, 2019; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003).

Neste capítulo discutirei concisamente como os textos (eventos sociais) se relacionam com os discursos (práticas sociais), tratando de quais maneiras seus sentidos podem articular representações do mundo.

### **4.1 O discurso como representação do mundo**

Vimos ao final do capítulo anterior que a fase mais recente da ACD faircloughiana trata a linguagem como um elemento que perpassa estruturas (línguas), práticas (ordens do discurso) e eventos sociais (textos). Como mencionei acima, a proposta deste capítulo

é tratar um pouco mais sobre a relação entre discurso e representação, e para isso julgo importante reforçar o que entendemos por discurso.

À esteira de Foucault (2014b), Fairclough (2003) concebe o discurso como uma concepção dupla: ele pode ser utilizado tanto para designar declarações de maneira geral, comportando-se como um substantivo abstrato (*um discurso, vários discursos*), quanto para designar um grupo de declarações, uma prática regulada, comportando-se como um substantivo concreto (*o discurso socialista, o discurso ambientalista etc.*).

Desse modo, quando pensamos no discurso como uma prática regulada, como algo ordenado – ordem do discurso –, levamos em consideração que ele é uma forma de representar aspectos do mundo,

[...] os processos, relações e estruturas do mundo material, o “mundo mental” dos pensamentos, sentimentos, crenças, e assim por diante, e o mundo social. Aspectos particulares do mundo podem ser representados de forma diferente, assim geralmente estamos na posição de termos de considerar o relacionamento entre diferentes discursos. **Diferentes discursos são diferentes perspectivas no mundo, e eles estão associados às diferentes relações que as pessoas têm com o mundo, o que, por sua vez, depende das posições que elas ocupam no mundo** [...] (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124, tradução e grifo meu)<sup>14</sup>.

Os discursos não só representam o mundo como este aparenta ser, eles também criam projeções, representam formas possíveis nas quais o mundo poderia ser – assim o faz, por exemplo, a literatura, a pintura e a música. Fairclough (2003) segue afirmando que os relacionamentos entre os discursos, sejam eles de que ordem for, são também relacionamentos entre diferentes indivíduos/grupos, e eles podem ser competitivos, dominantes, semelhantes, complementares etc. Assim, podemos pensar no discurso fundamentalista, discurso científico, discurso midiático, discurso político de esquerda, discurso político de direita e assim por diante.

No entanto, é possível que falemos, por exemplo, em discurso político de esquerda e discurso midiático de forma homogênea, como se fossem uma coisa só? Nesse ponto há um debate sobre os níveis de abstração dos discursos – suas classificações são como bonecas matrioskas, havendo sempre a possibilidade de uma boneca caber dentro de outra maior. Assim, teríamos algo como:

---

<sup>14</sup> “[...] the processes, relations and structures of the material world, the ‘mental world’ of thoughts, feelings, beliefs and so forth, and the social world. Particular aspects of the world may be represented differently, so we are generally in the position of having to consider the relationship between different discourses. Different discourses are different perspectives on the world, and they are associated with the different relations people have to the world, which in turn depends on their positions in the world [...]”

discurso da Rede Globo > discurso midiático hegemônico > discurso midiático  
-  
discurso comunista > discurso político de esquerda radical > discurso político de esquerda

Fig. 6 – exemplo de níveis de abstração do discurso.

Além disso, devemos levar em consideração também que os discursos podem ser internamente variáveis, ou seja, não há uma garantia de homogeneidade. Dessa forma, um discurso socialista pode apresentar discursos outros que não sejam da esquerda radical, podendo até mesmo ser de direita ou extrema direita. A proposta por trás de levantar a discussão sobre níveis de abstrações do discurso tem muito a ver com o diálogo que ele estabelece com diferentes aspectos sociais, realizando uma espécie de *tradução*;

Discursos podem, portanto, ser vistos não apenas como formas de representação em um grau de semelhança e estabilidade, mas como formas de representação nas quais constituem pontos nodais no relacionamento dialético entre a linguagem e outros elementos do social (FAIRCLOUGH, 2003, p. 126, tradução minha)<sup>15</sup>.

Nos cabe aqui refletir a respeito de quais pontos nodais a representação contida nos discursos de músicas de brega-funk pode estabelecer com outros elementos da vida social na cidade do Recife – especialmente na relação centro-periferia, classe dominante-classe explorada –, já que uma análise textual desse aspecto procura “(1) Identificar as principais partes do mundo (incluindo áreas da vida social) que são representadas – os principais ‘temas’. (2) Identificar uma perspectiva, ângulo ou ponto de vista particular pelo qual eles são representados” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 129).

Focando no segundo ponto, vemos que a partir de aspectos linguísticos podemos especificar formas pelas quais o discurso pode representar outros elementos da vida social, como a lexicalização, a nominalização, metáfora, implicaturas etc. A construção lexical *reforma agrária*, por exemplo, pode trazer à tona uma representação de mundo voltado à luta e ao direito da classe trabalhadora no discurso de esquerda radical, já no discurso de direita liberal pode representar o crime e uma ofensa ao direito da propriedade privada. Já em *intervenção militar nas favelas do Rio de Janeiro*, temos o verbo *intervir* transformado em substantivo, uma nominalização, e caso a construção fosse *militares intervêm nas favelas do Rio de Janeiro*, teríamos outras representações.

---

<sup>15</sup> “Discourses can therefore be seen as not just ways of representing with a degree of commonality and stability, but such ways of representing where they constitute nodal points in the dialectical relationship between language and other elements of the social.”

Com isso percebemos que os discursos são caracterizados e diferenciados não apenas por seus aspectos lexicais e semânticos, mas também por questões gramaticais (FAIRCLOUGH, 2003). Tais elementos, importante destacar, são observados a partir das orações dos textos, ou seja, a partir de construções linguísticas que envolvem sujeitos, verbos e predicados. Chegamos com isso à noção de Processos, Participantes e Circunstâncias, elementos que compõem o sistema de transitividade segundo a LSF.

A proposta é que “Todos os três principais tipos de sentido (Ação, Representação e Identificação) estão simultaneamente em questão nas orações, e cada um lhes confere uma perspectiva e categorias analíticas particulares [...]” (FAIRCLOUGH, 2003, p.135, tradução minha)<sup>16</sup>. No que diz respeito à Representação, vemos que sua perspectiva suscita três categorias analíticas: Processos, Participantes e Circunstâncias. Os Processos são geralmente realizados como verbos; os Participantes, como sujeitos ou objetos diretos e indiretos dos verbos; já as Circunstâncias são tidas como os mais variados tipos de elementos adverbiais, como tempo, lugar, modo etc. (FAIRCLOUGH, 2003). Vejamos alguns exemplos (dos 10 exemplos a seguir, 6 foram resgatados de outras canções fora do *corpus* definido):

Ex. 1: *Deixa a Química Rolar* (MC Sheldon)

|                       |                       |                 |                      |
|-----------------------|-----------------------|-----------------|----------------------|
| novinha               | [eu]                  | tô louco        | pra fazer amor       |
| <b>Participante 1</b> | <b>Participante 2</b> | <b>Processo</b> | <b>Circunstância</b> |

Temos dois participantes (*novinha* e *eu*<sup>17</sup>), um processo (*tô louco*) e uma circunstância (*pra fazer amor*). Indo mais a fundo nessa perspectiva, trago aqui o debate sobre a transitividade. Para a Linguística Sistêmico-Funcional, a qual serviu de base para diversas categorias de análise linguística em ACD, a transitividade fornece recursos léxico-gramaticais que ajudam a construir um panorama de ocorrências nas orações a partir dos Processos, Participantes e Circunstâncias. Com isso podemos

[...] identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso, bem como que realidade está sendo retratada, já que é através da linguagem que falamos de nossas experiências, das pessoas, objetos, abstrações, qualidades, estados e relações existentes no nosso mundo exterior e interior (MELO, 2013, p. 85).

<sup>16</sup> “All three main types of meaning (Action, Representation, Identification) are simultaneously at issue in clauses, and each gives a particular perspective on the clause, and particular analytical categories [...]”

<sup>17</sup> Inseri o participante *eu* entre colchetes por ele se encontrar em elipse na oração.

Para este momento o que mais vale perceber é que, uma vez que tais ações e atividades são identificadas, faz-se preciso então apontar quais sentidos de representação do mundo podem ser atribuídos às orações contidas nos textos. No próximo tópico apresentarei com maior detalhe a categoria analítica de transitividade, pois é a partir dela que abordarei o *corpus*.

## **4.2 Falando sobre o sistema (de transitividade)**

Ao longo de todo o capítulo discutimos sobre o uso da linguagem como parte de uma conjuntura dialética que envolve inúmeros fatores do mundo físico e simbólico, também dialogamos sobre a potencialidade de representação do mundo através do discurso, tratando, por fim, da diferença entre o discurso (ordem do discurso) e o texto (evento social). Todo esse percurso foi realizado para que chegássemos aos aspectos linguísticos a serem destacados nas análises das canções e ao principal objetivo desta pesquisa, que é verificar as formas nas quais as canções de brega-funk representam a desigualdade socioeconômica do Recife. Vamos a uma abordagem mais detalhada.

### **4.2.1 Processos e Participantes**

Michael Halliday e Christian Matthiessen (2014) classificam a transitividade oracional em seis processos: Materiais, Mentais, Relacionais, Comportamentais, Verbais e Existenciais. Os três primeiros – Materiais, Mentais e Relacionais – compõem os principais tipos de processos, no sentido de serem os mais recorrentes, ao menos em língua inglesa, e respectivamente configuram três instâncias básicas da nossa experiência: “[...] (1) ações e eventos, (2) estados e relações abstratas entre elementos do mundo real e, ainda, (3) registros mentais de nossa experiência interior” (MELO, 2013, p. 86).

Já os Processos Existenciais, Verbais e Comportamentais são tidos como complementares aos principais, encontrando-se na fronteira entre eles (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Os Comportamentais expressam comportamentos físicos e psicológicos e se encontram na fronteira entre os Materiais e Mentais; os Verbais exprimem relacionamentos simbólicos que atuam na forma de linguagem e se encontram na fronteira entre os Mentais e Relacionais; já os Existenciais são os processos que representam algo que existe ou acontece e se encontra na fronteira entre os Relacionais e

Materiais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MELO, 2013). A figura a seguir ilustra melhor toda essa classificação:

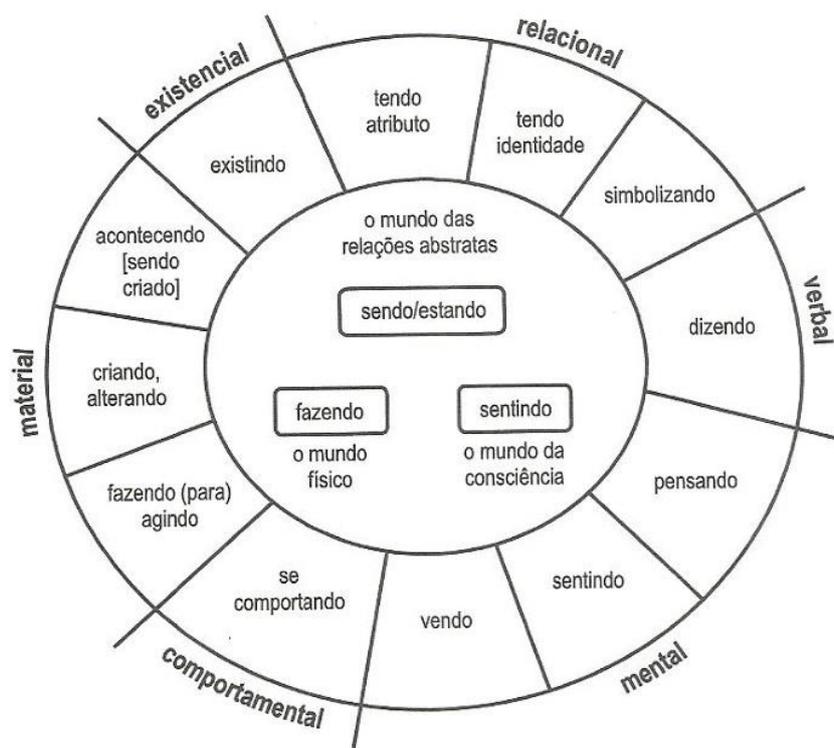


Fig. 7 – tipos de Processos (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 70).

Vamos aos exemplos:

#### 4.2.1.1 Processos Materiais

Os Processos Materiais são aqueles que expressam ações materiais do tipo “fazer”, “agir” e “criar”, ou seja, eles indicam que algo está sendo, foi ou será feito. A partir deles nós podemos perceber como as relações de poder entre os participantes são construídas no texto, no sentido de quem está sendo representado de forma ativa e quem está sendo representado de forma passiva.

Aqui é preciso estabelecer uma distinção entre *orações transitivas* e *orações intransitivas*. Cunha e Souza (2011) explicam que as primeiras representam experiências do tipo *alguém faz algo a alguém* e costumam responder à pergunta: *o que X fez a Y?*. Já as outras representam experiências do tipo *alguém faz algo* e respondem à pergunta: *o que X fez?*.

Uma vez que apresentamos essa distinção, vamos aos participantes dos Processos Materiais, que são quatro: *Ator*, *Meta*, *Extensão* e *Beneficiário*. Desses quatro, abordarei apenas os mais importantes, que são os dois primeiros – o *Ator* é quem realiza a ação e a *Meta* é a quem a ação é dirigida. De todos os participantes, somente o *Ator* pode estar presente em orações transitivas e intransitivas – os demais participantes se fazem presentes apenas nas orações transitivas.

Partindo para os exemplos, vemos que o *Ator*, por ser o responsável pela ação, é um participante inerente tanto de orações intransitivas (Ex. 1) quanto transitivas (Ex. 2). Já o *Meta* se faz presente na oração transitiva, comportando-se como um participante que é afetado diretamente pela ação do *Ator* (Ex. 2):

Ex. 2: *Sentando em Mim* (MC Troia, MC Dricka & MC Danny)

|            |   |
|------------|---|
| <b>ele</b> | <b>bota gostosinho</b>                  |
| Ator       | Processo Material (oração intransitiva) |

Ex. 3: *Tá Lelé, Tá Maluco* (MC Sheldon & MC Boco)

|             |  |             |
|-------------|--|-------------|
| [eu]        | pego   | uma novinha |
| <b>Ator</b> | <b>Processo Material (oração transitiva)</b> | <b>Meta</b> |

#### 4.2.1.2 Processos Mentais

Em comparação com os Processos Materiais, os Mentais representam nossas experiências com relação ao mundo e à autoconsciência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Eles nos possibilitam depreender quais crenças, valores e desejos podem estar sendo representados nos textos, sendo subdivididos entre: *Cognição*, aqueles relacionados a decisões e compreensões (“pensar”, “saber”, “entender” etc.); *Percepção*, relativos à observação de fenômenos (“ouvir”, “ver”, “sentir” etc.); *Afeição*, os que se voltam aos sentimentos (“gostar”, “odiar”, “amar” etc.); e *Desejo*, denotando aspiração (“desejar”, “almejar”, “querer” etc.) (MELO, 2013).

Seus participantes são do tipo *Experienciador* e *Fenômeno*, sendo o primeiro aquele que, de certa forma, está sendo sendo provido de consciência, ao passo que o segundo é a coisa correspondente ao que está sendo sentido/percebido. As orações respondem à pergunta: *o que você sente, pensa ou sabe sobre X?*, sendo assim,

representam não ações, mas reações mentais, sentimentais e perceptivas (CUNHA; SOUZA, 2011).

Ex. 4: *157 de Xoxota* (Shevchenko e Elloco, Biel Xcamoso, Maneiro na Voz, MC Denis e MC Rima)

|                       |                                    |                 |
|-----------------------|------------------------------------|-----------------|
| [eu]                  | planejei                           | um assalto pika |
| <b>Experienciador</b> | <b>Processo Mental de Cognição</b> | <b>Fenômeno</b> |

Ex. 5: *157 de Xoxota* (Shevchenko e Elloco, Biel Xcamoso, Maneiro na Voz, MC Denis e MC Rima)

|                       |                                  |                                 |
|-----------------------|----------------------------------|---------------------------------|
| eu                    | só quero                         | se for os louco da Roda de Fogo |
| <b>Experienciador</b> | <b>Processo Mental de Desejo</b> | <b>Fenômeno</b>                 |

#### 4.2.1.3 Processos Relacionais

Os Processos Relacionais representam a relação entre dois elementos do discurso e geralmente são realizados pelos tradicionalmente conhecidos verbos de ligação (“ser” e “estar”) e pelo verbo “ter”. Segundo Cunha e Souza (2011), essa relação ainda pode ser do tipo: (1) intensivo – quando uma qualidade é atribuída a uma entidade; (2) circunstancial – quando uma circunstância de tempo ou lugar é atribuída a uma entidade; e (3) possessivo – quando existe uma relação de posse.

Cada um desses tipos ainda podem ser classificados em dois modos: (i) atributivos e (ii) identificativos. Os Processos Relacionais Atributivos representam uma qualidade – participante *Atributo* – dada a alguém – participante *Portador*. Os Processos Relacionais Identificativos representam uma definição, ou identificação, de uma entidade definida – participante *Característica* – através do termo definidor ou identificador – *Valor*.

Ex. 6: *Envolvimento* (MC Loma e as Gêmeas Lactação)

|                 |                                       |                 |
|-----------------|---------------------------------------|-----------------|
| nosso bonde     | é                                     | sinistro        |
| <b>Portador</b> | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b> |

Ex. 7: *Gera Bactéria* (Shevchenko e Elloco)

|           |   |     |
|-----------|---|-----|
| a resenha | é | nós |
|-----------|---|-----|

| Valor | Processo Relacional Identificador | Característica |
|-------|-----------------------------------|----------------|
|-------|-----------------------------------|----------------|

#### 4.2.1.4 Processos Verbais

Os Processos Verbais representam o próprio ato de comunicação. Os verbos são: “falar”, “dizer”, “contar”, “perguntar” etc. Esses processos são um recurso importante para o discurso, pois contribuem para a criação de uma narrativa que enfatiza o próprio processo dialógico (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Aqui os participantes são chamados de: *Dizente* – quem diz, comunica ou aponta algo; *Receptor* – participante opcional para quem se dirige o processo verbal; e *Verbiagem* – aquilo que está sendo comunicado (CUNHA; SOUZA, 2011).

Ex. 8: *Painho Empurra* (MC Abalo & Raphaela Almeida)

|                |                        |                  |
|----------------|------------------------|------------------|
| [ele]          | disse:                 | painho empurra   |
| <b>Dizente</b> | <b>Processo Verbal</b> | <b>Verbiagem</b> |

#### 4.2.1.5 Processos Existenciais

Os Processos Existenciais representam que algo existe ou acontece. Na língua portuguesa, eles costumam se realizar pelos verbos “ser”, “existir” e “ter”. Estes processos podem servir para introduzir participantes centrais na narrativa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Aqui só há um participante, o *Existente*.

Ex. 9: *Festa na Favela* (Shevchenko e Elloco & MC Moranguinho)

|  |                             |                  |
|--|-----------------------------|------------------|
| hoje   | tem                         | festa na favela  |
| <b>Circunstância de Localização de Tempo</b> | <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b> |

#### 4.2.1.6 Processos Comportamentais

Em última instância temos os Processos Comportamentais, os quais são responsáveis pela representação de comportamentos humanos e incluem atividades psicológicas (“ouvir”, “assistir” etc.), fisiológicas (“respirar”, “dormir” etc.) e verbais (“conversar”, “fofocar” etc.); eles são em parte, *ação*, em parte, *sentir* (CUNHA;

SOUZA, 2011). Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que esse processo é o menos distinto de todos os seis porque não contém características próprias claramente definidas. Sobre seus participantes, Cunha e Souza (2014) afirmam que há obrigatoriamente um participante consciente – o *Comportante* –, e opcionalmente um participante que estende o processo – o *Comportamento*.

Ex. 10: *Cheiro Pó na Bunda Delas* (CL no Beat, MC Boyugo & MC João Maloka):

|                      |                                |                      |
|----------------------|--------------------------------|----------------------|
| Os boy de Passarinho | só anda                        | de Seaway            |
| <b>Comportante</b>   | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Comportamento</b> |

Resumindo todos os Processos e Participantes que discutimos, bem como os significados representacionais que eles realizam, temos:

| <b>Processo</b>                            | <b>Significado</b>            | <b>Participantes obrigatórios</b>             | <b>Participantes opcionais</b> |
|--|-------------------------------|---|--------------------------------|
| Material                                   | Fazer, acontecer              | Ator  | Meta, Extensão e Beneficiário  |
| Mental                                     | Sentir                        | Experienciador e Fenômeno                     | –                              |
| Relacional:<br>Atributivo<br>Identificador | Ser<br>Classificar<br>Definir | Portador e Atributo<br>Característica e Valor | –                              |
| Verbal                                     | Dizer                         | Dizente e Verbiagem                           | Receptor                       |
| Existencial                                | Existir                       | Existente                                     | –                              |
| Comportamental                             | Comportar-se                  | Comportante                                   | Comportamento                  |

Quadro 2 – Processos, Significados e Participantes (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 76).

Até então foquei nos Participantes e Processos das orações. Como vimos no começo tópico anterior, a análise da transitividade nas orações pressupõe também um outro elemento, que é o das Circunstâncias. Vejamos um pouco mais sobre.

### 4.3 As Circunstâncias

Já vimos que o sistema de transitividade compreende três elementos: Participantes, Processos e Circunstâncias. Abordando um pouco mais este último, podemos considerar que ele é menos fundamental para o processo do que os participantes – tal fato tem a ver com sua incapacidade de desempenhar o papel de sujeito na oração (CUNHA; SOUZA, 2011).

Porém, as circunstâncias são importantes para nortear nosso entendimento a respeito do contexto em que os processos ocorrem. Elas são, gramaticalmente, realizadas por advérbios ou sintagmas adverbiais, havendo nove tipos de circunstância. Os tipos são: *de extensão*; *de causa*; *de localização*; *de assunto*; *de modo*; *de papel*; *de acompanhamento*. O quadro a seguir exemplifica melhor cada um dos tipos e suas significações.

| TIPOS DE CIRCUNSTÂNCIA              | SIGNIFICAÇÃO  |
|-------------------------------------|---|
| DE EXTENSÃO<br>Espacial<br>Temporal | Constroem desdobramentos do processo em espaço (a distância no espaço no qual o processo ocorre) e tempo (a duração no tempo durante a realização do processo).                   |
| DE CAUSA                            | Constrói a razão pela qual o processo se atualiza.  |
| DE LOCALIZAÇÃO<br>Tempo<br>Lugar    | Constroem a localização espacial e temporal na qual o processo se realiza.  |
| DE ASSUNTO                          | Relaciona-se aos processos verbais e é um equivalente circunstancial da verbiagem.  |
| DE PAPEL                            | Constrói a maneira pela qual o processo é atualizado.   |
| DE ACOMPANHAMENTO                   | É uma forma de juntar participantes do processo e representa os significados de adição, expresso pelas preposições “com” ou “e”, ou de subtração, expresso pela preposição “sem”. |

Quadro 3 – tipos de circunstâncias (adpt. CUNHA; SOUZA, 2011)

Ademais, podemos visualizar que, em suma, o sistema de transitividade, ao levar em conta (i) os Processos, (ii) os Participantes e (iii) as Circunstâncias, nos permite “[...] elucidar como os sentidos foram construídos, porque podemos descrever o que está sendo dito sobre um determinado assunto e como as mudanças na construção do significado estão sendo realizadas” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 78). A partir dessa elucidação podemos analisar, de forma contextualizada, as relações entre os verbos e seus participantes, mas não somente: esse sistema nos permite identificar como as ações/atividades humanas estão sendo expressas no discurso, quais aspectos da realidade estão sendo retratados e de que maneira (MELO, 2013).

Isso é fundamental para que seja possível dar procedimento a uma análise que passa da compreensão para a explicação do texto – a ACD postula que não se pode advogar que o texto possua uma única forma de compreensão, pois entende que isso depende das combinações de diversos fatores do próprio texto e do/a pesquisador/a; por outro lado, a explicação é um processo que se insere em uma abordagem teórica particular do/a pesquisador/a sobre o texto como um evento social (FAIRCLOUGH, 2003).

Por vezes ocorre, em pesquisas na área que utilizam a transitividade como categoria linguística de análise, a não inclusão das circunstâncias como recurso analítico. Não será o meu caso. Por estar tratando de uma ordem do discurso artística, e por compreender que essa arte fala de e sobre um lugar específico – a periferia recifense –, as circunstâncias, especialmente as de localização de lugar, podem desempenhar um papel muito importante na produção de sentidos dos eventos textuais que, neste caso, são as canções do *corpus*.

No próximo e último capítulo, portanto, elucidarei, a partir do sistema de transitividade (Participantes, Processos e Circunstâncias), compreensões e explicações a respeito das canções de brega-funk que compõem o *corpus* desta pesquisa.

## CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DO *CORPUS*

A princípio, preciso destacar que, até o momento da publicação deste trabalho, não há nenhum repositório oficial em que as letras das canções estejam disponibilizadas, salvo *Envolvimento* (MC Loma e as Gêmeas Lacreção), que possui a letra na descrição do videoclipe publicado pelo canal KondZilla. Aponto esta questão porque eu realizei uma transcrição das canções do *corpus* – isto é, a tradução de um texto oral para um escrito –, cujo resultado é de inteira responsabilidade minha.

Além desta, realizei também uma retextualização que, neste caso em específico, significou transformar os versos das canções em um texto em prosa de parágrafo único. Esta ação implicou em acréscimos – pontuação, participantes e/ou processos que estavam em elipse etc. – e exclusões – interjeições e, sobretudo, repetições – de elementos do texto original. Realizei este processo por sentir a necessidade de visualizar um texto *corrido*, com orações e períodos bem definidos para facilitar a compreensão dos participantes, processos e circunstâncias das canções. Para efeitos comparativos, pensando também em uma exposição mais completa do trabalho, decidi inserir os textos com as letras versificadas – sem modificações – nos anexos ao final do documento.

Quanto ao *corpus*, escolhi a plataforma de vídeos YouTube como sua fonte de dados. Para a seleção das cinco canções de brega-funk que o compõem, considerei três parâmetros: (1) terem sido publicadas após a canção *Envolvimento*, por esta ser considerada um marco na história do brega-funk quanto à sua cosmopolitização; (2) possuírem mais de um milhão de visualizações – por julgar haver uma relação intrínseca com a representatividade difusora da canção; e (3) serem de artistas diferentes – por levar em conta a importância do fator dialógico<sup>18</sup>.

Além disso, as cinco canções foram um recorte dentre outras cinco, totalizando uma seleção inicial de dez canções. Neste primeiro momento, escolhi cinco anteriores a *Envolvimento* e outras cinco posteriores, contando com ela própria. Seguindo o critério apontado no parágrafo anterior para todas as dez canções, as não selecionadas foram: *Olha o Verão Hein* (MC Sheldon e Boco; DJ Nando)<sup>19</sup>; *Novinha Tá Querendo o Quê*

---

<sup>18</sup> Bakhtin (2017) considera que o enunciado – ou discurso – possui dois princípios absolutos: os enunciados dos outros, isto é, os que vieram antes e que historicamente contribuíram para sua existência; e os enunciados responsivos dos outros, aqueles que virão em seguida e serão por ele influenciados, alimentando assim o interminável elo da cadeia comunicativa humana.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O7zDzDszCrI>. Acesso em: 1 out. 2023

(MC Metal e Cego)<sup>20</sup>; *Balança* (MC Troia)<sup>21</sup>; *Som Paredão* (MC Vertinho)<sup>22</sup>; *Vai Toma* (Aldair Playboy e Dadá Boladão)<sup>23</sup>. O critério principal para sua não-seleção foi a quantidade de canções a serem analisadas – dez canções demandaria um fôlego que a dissertação, enquanto gênero textual, não daria conta. Sendo assim, decidi cortar a seleção prévia pela metade, deixando apenas as canções produzidas após 2018, sobretudo por conta da análise conjuntural – a qual realizei ao longo dos capítulos anteriores – que eu me propus a investigar com esta pesquisa.

Sendo assim, as canções selecionadas foram: *Envolvimento* (MC Loma e as Gêmeas Lacreção)<sup>24</sup>; *Gera Bactéria* (Shevchenko e Elloco)<sup>25</sup>; *Cheiro Pó na Bunda Delas* (CL no Beat, MC Boyugo, MC João Maloka)<sup>26</sup>; *Aponta pro Bandido – Uni Duni Duni Tê* (MC Abalo, MC Chefe Coringa, MC Reino, MC Moana, MC Magrinho)<sup>27</sup>; e *Festinha de Traficante 2* (CL no Beat, MC Chefinho da ZO, MC Zangão)<sup>28</sup>.

Posso dizer que a análise propriamente dita se iniciou com a compreensão do texto a partir da: (1) transcrição do *corpus*, (2) retextualização e (3) descrição quantitativa da transitividade. Esta última etapa consistiu em separar as orações de cada canção e classificá-las quanto aos tipos de processos existentes – materiais, relacionais etc. – e seu resultado pode ser conferido integralmente no apêndice.

Com isso parto, portanto, para a explicação do texto – processo que, inserido em toda a discussão teórica realizada até agora, culmina na minha abordagem particular sobre o tema. Trata-se, como diz Foucault (2014b), das minhas vontades de verdade, estas que se voltam criticamente à conjuntura de toda a problemática apresentada até agora, a conjuntura da desigualdade socioeconômica da cidade do Recife na qual o brega-funk se insere como um fenômeno representacional através dos eventos sociais que são seu discurso.

## 5.1 As canções

### **Envolvimento** (MC Loma e as Gêmeas Lacreção):

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CQYGYOR2F1c>. Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4FvzyBgklhk>. Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JLr8OY8CfBs>. Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ISFJ4o2sZYE>. Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lgJOJAmXIBw>. Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rWKGdtjRY>. Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zxv0SR-cFOw>. Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>27</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Yld5p\\_SG29g](https://www.youtube.com/watch?v=Yld5p_SG29g). Acesso em: 1 out. 2023.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ajcqSb9wY8w>. Acesso em 1 out. 2023.

Envolvimento diferente eu ensino a vocês. Eu vou sentar e vou quicar e vou descendo de uma vez. Esse hit é chiclete e na tua mente vai ficar. Eu sento e quico devagar. Tu não precisa exagerar, muito menos se empolgar. Tu vai sentar, tu vai sentar devagar. O nosso bonde é sinistro. Vem cá que eu vou te ensinar a descer, a subir, a quicar e rebolar. E aê, Dê-Jey! Escama é só de peixe! Cebrútius!

**Gera Bactéria** (Shevchenko e Elloco):

Liga o paredão no fluxo e vâmo gerar na gerência. Gera, gera! Gera bactéria! Esse passinho é novo e nasceu na favela. Nós manda embrasado lá dentro do brega. Ah!, eu nem queria fim de semana chegou! Tô embrasado! Hoje eu tô que tô! Cheio de gostosa em cima do camarote, balançando a bunda enquanto eu conto meu malote. E tá ligado, né? Ah!, a resenha é nós! A resenha é nós, vai! Eu tô só calado!

**Cheiro Pó na Bunda Delas** (CL no Beat, MC Boyugo, MC João Maloka):

MC Boyugo, o apelão. É o CL no Beat, é o crime. É João Maloka. Vai dizer que não? Saí da Roda de Fogo e fui parar na Guabiraba. Chegando na festinha, uma tremenda cachorrada. Bagulho louco – elas quer sentar em nós três. Os boy de Passarinho só anda de Seaway. Eu com o oitão na mão em Nova Descoberta, escamando de Seaway enquanto as bixinha joga a pepeca. Vai sarrar na peça. Vai sentar na peça. Então bate contenção que eu cheiro pó na bunda delas.

**Aponta pro Bandido – Uni Duni Duni Tê** (MC Abalo, MC Chefe Coringa, MC Reino, MC Moana, MC Magrinho):

MC Abalo é foda. Papo do Reino. Ih!, chega, petróleo! Nordestino, Chefe Coringa. Dei fuga na VT pra pegar a gostosona. A 200 por hora passei no Vasco da Gama. Pra me pegar, não vai ser fácil, não. Na subida do Morro, onde eu ganhei o peão, ela apontou pra mim e disse que só quer ladrão. Vai! Toma! Uni duni duni tê, aponta pro bandido que vai te comer! Hoje o DJ do baile vai te escolher. Hoje o beck é certo e geral vai foder. Ela fez dezoito ano e quer dar porque sabe que doi. Já que você não tem medo, então dá pra nós! Diretamente de Matinga City – Favela no beat.

**Festinha de Traficante 2** (CL no Beat, MC Chefinho da ZO, MC Zangão):

Sustenta o rei da putaria – é o Chefinho da ZO. Tu vem, ãn! É o CL no Beat. Ela subiu na favelinha pra sentar pros envolvido. Eu tô postulado no corre com a fama

de bandido. Trajado de lalá com a glock adaptada. Eu tô com 50 mil no PIX pra gastar com a cachorrada. Eu só quero se for os louco da Roda de Fogo, porque eles botam pra foder! É os amiguinho que tá de PT. Se não tiver de glock, ela nem olha pra você. Entrei pra boca e agora tô de censa. E ela vai entrar demais. Não me queria e agora quer me dar buceta só porque eu tô de pistola. Ninguém tá aguentando com ele, não. CL no Beat safado!

## 5.2 À discussão!

Todo o percurso realizado nestes pouco mais de dois anos de pesquisa deságua neste momento. Trata-se não somente de um ponto específico em meio a capítulos, tópicos e subtópicos, mas de um chamamento ao debate crítico, de um diálogo com este evento social e o contexto em que ele está inserido. A mudança do massacrante cenário de desigualdade socioeconômica atravessa o diálogo não somente como uma denúncia, mas também como uma proposta de possíveis pontos de ruptura com tamanha opressão de ordem biológica, psicológica e social.

Em primeiro lugar, a análise descritiva revelou um total de 82 processos, a saber: 21 materiais, 12 relacionais, 7 mentais, 33 comportamentais, 2 verbais e 7 existenciais. Vemos que os mais recorrentes foram, respectivamente, os comportamentais, os materiais e os relacionais. É interessante notar que, segundo Halliday e Matthiessen (2014), se levarmos em conta sua pesquisa em língua inglesa, os processos mais recorrentes são os materiais, relacionais e mentais, mas o *corpus* desta pesquisa possui uma recorrência maior de processos comportamentais.

Esse dado é muito importante porque reflete boa parte de toda a nossa discussão até aqui sobre a individualização das pessoas periféricas através do brega-funk. Os processos comportamentais foram os principais a apontarem de que forma como a representação da desigualdade socioeconômica do Recife está sendo realizada no discurso. Isso se deu não só em razão da sua recorrência face aos outros processos, mas também por conta da potencialidade de suas significações; uma vez que eles estão situados entre os processos materiais e mentais – conforme podemos visualizar na figura 7 –, há uma confluência desses elementos discursivos – expressões sobre aquilo que se faz, como se faz, que emoções estão sendo expressas neste fazer, quem realiza a ação, quem está sendo afetada por ela etc. – que, veremos, fez saltar três aspectos temáticos a princípio bem definidos: sexualidade, criminalidade e territorialidade.

Reforço que, apesar dos processos comportamentais terem sido maioria, a explicação do *corpus* não se deu apenas em função de sua existência, pois compreendo, à luz da ACD, que os textos, enquanto eventos sociais que são, precisam ser vislumbrados a partir de um todo e que sua fragmentação deve atender somente a abstrações com propósitos teórico-metodológicos. Isto significa, como tantas vezes já mencionei, partir do micro para o macro, de participantes, processos e circunstâncias para a oração, da oração para o texto como um todo, do texto como um todo para as ordens do discurso, e das ordens do discurso para elementos da linguagem<sup>29</sup>, constituindo assim o sentido representacional do discurso.

Falando nas circunstâncias, não houve uma quantidade significativa de maneira geral, tendo as de localização de lugar sido as mais frequentes. Mesmo assim optei por incluí-las na discussão devido à importância de suas significações, sobretudo as de localização de lugar, uma vez que apontam para espaços materiais e simbólicos da periferia recifense.

Partindo para as temáticas, farei, respectivamente, uma discussão sobre a sexualidade, a criminalidade e a territorialidade.

### 5.2.1 A questão da sexualidade

Quando falei sobre o brega-funk enquanto uma representação da periferia da capital pernambucana, trouxe a discussão sobre a realidade não só da periferia, mas do/a periférico/a também, considerando que ambos são uma coisa só, elementos indissociáveis do cenário urbano em que nos inserimos (Orlandi, 2004; 2017). Gostaria de retomar esse ponto falando primeiramente sobre o aspecto da sexualidade.

Podemos partir da canção *Envolvimento com eu sento, eu quico devagar* – aqui temos processos comportamentais cujos significados, como já vimos, representam ações e sentimentos dos participantes. As comportantes de ambos os processos (*eu*) realizam ações eróticas (*sento* e *quico*), mas talvez não qualquer uma – são performances ativas, o que revela uma certa força de personalidade por parte delas, sobretudo quando visualizamos a circunstância de modo (devagar), representando não só o ato sexual em si, mas também a forma na qual ele ocorre, suas particularidades.

---

<sup>29</sup> Em paralelo: eventos sociais → práticas sociais → estruturas sociais.

Tais ações e sentimentos, noto, apresentam um erotismo relacionado não só à dança do passinho, um dos elementos culturais do brega-funk, mas também ao ato sexual em si. O ponto aqui é: os bairros da periferia do Recife possuem um alto índice de gravidez na adolescência (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2019); e somente no ano de 2018, Recife e Região Metropolitana apresentaram mais de 200 partos com mães entre 10 e 14 anos, e mais de 5.000 com mães entre 15 e 19 anos (SILVA; ARAÚJO; CARVALHO, 2021).

Soma-se a isso a falta ou mau estado de conservação de espaços públicos destinados ao lazer, como parques e praças (RAINHERI, 2020; MORAES, 2022), por exemplo; também o fato da Grande Recife ter o maior percentual de pobreza entre as regiões metropolitanas de todo o país (ALVES; AGUIAR, 2022) e ainda assim ser a segunda cidade mais cara do país para se morar (CBN RECIFE, 2021).

O erotismo, a performance sexual presente no discurso da canção, pode representar não só uma perspectiva da realidade da periferia, como também de sua discriminação. O Estado que, a serviço da classe dominante, funciona na periferia pela ausência (ORLANDI, 2017), cria e mantém um permanente descaso socioeconômico ao mesmo tempo em que discrimina sua existência. Dessa forma, o escancaramento do erotismo, ou melhor dizendo, sua naturalização, seu tornar cotidiano através do discurso da canção, potencializa uma representação não só do espaço periférico a partir de suas mazelas, mas da conversão dessas mazelas em um ato de resistência, de demarcação territorial, como se dissesse: *somos assim mesmo e não temos que ter vergonha de nada*.

Esse *ser assim* não é, como diversas vezes debatido ao longo deste trabalho, um acaso do destino, um aleatório acontecimento no percurso espaço-temporal do cosmo, mas sim o resultado de políticas feitas por determinadas pessoas para atingir determinados fins. Afinal, a alta taxa de natalidade, sem considerar faixa etária das mães, está, dentre outros fatores, atrelada à desigualdade social, pobreza e falta de políticas públicas de lazer – como discutimos acima – e de saúde – como atendimento à saúde da mulher e educação sexual (FERREIRA, 2010; LAZARETTI; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2019).

Tais dados contribuem para compreendermos os processos comportamentais discutidos como uma representação desse recorte da periferia do Recife. As escolhas realizadas no texto – inconscientemente ou não – evidenciam uma relação entre a realidade em que a enunciadora vive e seu discurso. A temática sexual é relevante, pois, se a tomarmos como uma prática de lazer, veremos que, a princípio, não há nenhum custo

financeiro associado a ela, tampouco há a necessidade de intervenção governamental para que ela seja possível de existir.

A partir dessa demarcação podemos começar a pensar numa perspectiva contra-hegemônica no discurso do brega-funk, sobretudo se destacarmos o processo material *envolvimento diferente eu ensino a vocês*. Aqui temos um processo material robusto, com meta (*envolvimento diferente*), ator (*eu*) e beneficiário (*vocês*). Me interessa fazer um destaque inicial ao beneficiário – a enunciativa dialoga diretamente conosco. É curioso esse processo escolhido (*ensino*), e aqui assumo a explicação de que, ao ensinar, ensina-se aquilo que não se sabe, ou se diz ensinar de modo a reforçar um domínio temático, o que também tem a ver uma tomada de protagonismo da voz da enunciativa mulher face à predominância dos cantores homens no brega-funk.

Caso semelhante pode ser visto em *aponta pro bandido que vai te comer* (processo material em *Aponta pro Bandido*), outra ação que parte de uma voz de mulher, dessa vez de forma não só protagonista, mas também imperativa, como se estivesse na iminência do ato sexual. O próprio processo (*aponta*), apesar de se dar por um comando verbal, expressa uma significação muito mais material no sentido de que exige uma resposta física – um apontar. Nesse caso, para o *bandido* (participante meta), mas não qualquer um – apontar para o *bandido que vai te comer* (circunstância de papel). É interessante visualizar esse diálogo com participantes em ausência na sintaxe, mas em presença na semântica, pois a circunstância de papel evidencia tanto a participação do *bandido*, quanto a de quem ele vai *comer*, mas ela faz isso reforçando a voz de comando da mulher que manda apontar.

Já em *Festinha de Traficante 2* temos um processo mental, uma expressão de desejo que elucida uma relação entre o erótico e o imaginário coletivo periférico a partir do olhar da mulher jovem (*só quero se for os louco da Roda de Fogo, porque eles botam pra foder*). Esse imaginário coletivo é a realidade simbólica que se entrelaça e se funde à realidade material, e sua representação segue o percurso da contra-hegemonia, afinal, *os louco* (participante fenômeno) são desejados pela enunciativa (*eu* – participante experienciador) não por serem meninos de família ou coisa assim – dentro de uma possível leitura conservadora –, mas porque *eles botam pra foder* (processo comportamental).

Este último processo realiza uma construção semântica peculiar. À primeira vista, podemos nos enganar conjecturando outras construções sinonímicas com um propósito comparativista, como *eles tiram onda, eles arrasam* etc. Mas não. O comportamento

evidenciado é o de *foder* – há aqui uma perspectiva positivamente agressiva, afinal é esse comportamento que está sendo desejado pelo processo mental anterior (*quero*). A importância desse *botar pra foder* é que são eles, *os louco da Roda de Fogo*, e tanto o fenômeno (*os louco*) como a circunstância de localização de lugar (*da Roda de Fogo*) contribuem para a representação, ou melhor, a construção de uma representatividade do homem periférico e da periferia dentro da realidade do discurso do brega-funk partindo da voz de uma mulher.

Eis mais uma vez o destaque para este protagonismo da mulher, o que inegavelmente reflete e refrata uma estrutura patriarcalista na qual nosso país Brasil – sociedade periférica do capitalismo – está imerso, uma tal embebida em violência doméstica e feminicídio que vitimizam especialmente mulheres negras e periféricas, não estando a capital de Pernambuco aquém dessa realidade (BARBOSA, 2004; FERREIRA, 2002; MIRANDA, 2019).

Isso vai nos dando mais condições de apontar para a contra-hegemonia do elemento erótico, esta que se apresenta aqui partindo tanto da naturalização de sua abordagem como da demarcação da voz de quem o enuncia. A importância de salientar esse elemento se dá também em levarmos em conta a discussão que eu trouxe no primeiro capítulo – a questão da moralização do debate acerca do discurso de músicas do brega-funk. Por aquele ponto de vista, institucionalmente representado pelo Projeto de Lei da então deputada estadual Clarissa Tércio, o discurso mereceria censura, mereceria ficar restrito às vielas e barracos do espaço periférico, e a quebra de tal assertiva, criminalizada.

Apresentar o erótico como contra-hegemônico, portanto, é combater tal hegemonia – a hegemonia da classe dominante que escolhe moralizar e censurar o brega-funk. Vejo que essa escolha não se dá por uma questão moral apenas, mas também por uma questão de classe e raça, considerando que a periferia recifense é majoritariamente pobre e negra.

Outro processo que pode reforçar essa questão é *as bixinha joga a pepeca* – processo material em *Eu Cheiro Pó na Bunda Delas*. Por ser uma voz de homem, porém, limito o fator representacional à naturalização do tema, sobretudo por se tratar de um processo material que coloca a ação do participante (*as bixinha*) na voz ativa, o quais procedem – *elas vai sarrar, elas vai sentar na peça*.

Começando por *as bixinha* (participante ator), enxergo que a representação da imagem das mulheres por parte do autor, ao fazer uso da forma diminutiva, vai por um caminho de dominação masculina. É possível que haja também uma porção de

afetividade, mas ela estaria mais relacionada à posse de algo menor ou, melhor dizendo, menorizado. É curioso, porém, que a atuação de *as bixinha* neste processo material está se dando de forma ativa, mas não necessariamente conduz a significações de empoderamento; pelo contrário. As orações seguintes reforçam: *vai sentar, vai sentar na peça*. Há aqui uma significação dupla – os processos soam tanto como uma descrição da ação quanto como um comando.

Falarei um pouco mais sobre essa questão da naturalização mais para frente, nas considerações finais, pois creio ser necessário aprofundar um pouco mais esse ponto. Por ora, podemos visualizar que a temática da sexualidade é tratada por meio de uma considerável complexidade na diversidade do uso dos participantes, processos e circunstâncias. O fato da representação estar ocorrendo por meio de vozes de mulheres e de homens reforça a perspectiva patriarcalista e seu enfrentamento, mas não só: ela revela também diferentes performances, diferentes formas de individualização periférica por meio do discurso.

Orações discutidas na representação da sexualidade:

|                          |                                |  |  |
|--------------------------|--------------------------------|--|--|
| eu                       | sento                          |  |  |
| <b>Comportante</b>       | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Fenômeno</b>                              |  |
| eu                       | quico                          | devagar                                      |  |
| <b>Comportante</b>       | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Circunstância de Modo</b>                 |  |
| envolvimento diferente   | eu                             | ensino                                       | a vocês                                      |
| <b>Meta</b>              | <b>Ator</b>                    | <b>Processo Material</b>                     | <b>Beneficiário</b>                          |
| aponta                   | pro bandido                    | que vai te comer                             |  |
| <b>Processo Material</b> | <b>Meta</b>                    | <b>Circunstância de Papel</b>                |  |
| eu                       | só quero                       | se for os louco                              | da Roda de Fogo                              |
| <b>Experienciador</b>    | <b>Processo Mental</b>         | <b>Fenômeno</b>                              | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |
| eles                     | botam                          | pra foder                                    |  |
| <b>Comportante</b>       | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Comportamento</b>                         |  |
| as bixinha               | joga                           | a pepeca                                     |  |
| <b>Ator</b>              | <b>Processo Material</b>       | <b>Meta</b>                                  |  |
| elas                     | vai sarrar                     |  |  |
| <b>Ator</b>              | <b>Processo Material</b>       |  |  |
| elas                     | vai sentar                     | na peça                                      |  |
| <b>Ator</b>              | <b>Processo Material</b>       | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |

### 5.2.2 Sobre a criminalidade

Outro fator que gostaria de trazer à tona é o debate sobre a criminalidade no brega-funk. Vimos repetidas vezes que o gênero foi muito discriminado ao longo dos anos, beirando, inclusive, a criminalização. E quando falo o gênero, quero dizer as pessoas que fazem do brega-funk uma realidade material – os/as artistas, os/as fãs e o público em geral que reproduz o discurso de suas canções –, por isso, não poderia deixar de retomar o fato de que o discurso do brega-funk é uma expressão cultural da periferia da cidade do Recife e, como tal, reflete e refrata sua realidade.

Através desta ótica, os eventos textuais que são as canções não teriam como ser alheios ao que se passa no dia a dia da periferia<sup>30</sup>, e não poderia ser diferente em relação à criminalidade. Os bairros com maior índice de criminalidade do Recife estão na periferia, e por criminalidade falo principalmente do tráfico de drogas consideradas ilegais, assaltos, guerras de facções, os chamados *confrontos policiais* etc (VITORIANO, 2021; SANTOS, 2021).

O que dizem, portanto, as canções? Podemos começar com *eu tô embrasado, hoje eu tô que tô*, em *Gera Bactéria*, e *hoje o beck é certo*, em *Aponta pro Bandido* – todos processos relacionais atributivos. Os processos relacionais, como já vimos, estão entre uns dos principais tipos de processos, em se tratando da recorrência, e representam as formas nas quais conexões são estabelecidas os participantes.

Começo focando, em ambos os casos, na circunstância de localização de tempo (*hoje*). A relação entre o conjunto dos elementos das orações em questão (portadores, atributos, processos e circunstâncias) me faz pensar na importância do momento, do *estar* mais do que do *ser*. Levando em conta o fator criminalidade, esse *beck* ou *embrasado* (sob o efeito de drogas, mais especificamente da maconha por conta do efeito de vermelhidão nos olhos que seu fumo causa, o que lembra a brasa do fogo – brasa > embrasado), são elementos protagonistas, mesmo que um seja portador e outro atributo. A ilegalidade da droga se encarrega do peso dessa significação.

E a significação que trago aqui é a do uso recreativo da droga tornada ilícita no Brasil no ano de 1940, a qual era também conhecida como *fumo de Angola*, sendo

---

<sup>30</sup> Ainda que o discurso das canções fossem sobre temáticas que não podem não ser tão cotidianas como, por exemplo, o horror cósmico ou o futurismo africano, o texto – enquanto evento social que é – está inserido dentro de práticas sociais específicas que, por sua vez, estão inseridas dentro de conjunturas sociais específicas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003); por isso, de alguma forma, a periferia recifense acabaria se fazendo presente na (re)produção dessas temáticas.

pejorativamente associada aos/às afrodescendentes. Com o fim da escravidão institucional, ainda no século XIX, a classe dominante do Brasil seguiu com a implantação de medidas legais de restrição social à população negra, com isso foi criminalizada a umbanda, a capoeira, o candomblé, e o samba, tendo a maconha seguido o mesmo curso algumas décadas depois (BARROS; PERES, 2011).

Com isso os referidos processos relacionais (*eu tô embrasado, hoje eu tô que tô*) estabelecem uma conexão atributiva entre o autor, que se enuncia como um participante portador (*eu*) de atributos (*embrasado, que tô*). Aponto aqui para uma das formas nas quais a maconha é visualizada na periferia – um sinônimo de curtidão com os amigos, um momento de relaxamento e prazer. Esse sentido representacional pode ser reforçado sobretudo se levarmos em conta algumas orações anteriores na canção – um processo mental (*eu nem queria*) e um comportamental (*fim de semana chegou*) que expressam a importância que o enunciador aparenta atribuir a esse momento de descanso.

Reforçando a perspectiva que trouxe mais acima, é uma questão de *estar* mais do que *ser*. A emoção expressa pelo processo mental (*eu nem queria*) pode, à princípio, parecer um desejo do autor, mas se atentarmos ao elemento irônico, veremos o contrário – não se trata de uma vontade, mas sim de um prazer em degustar o momento, o que faz a oração se encaixar muito mais como um processo mental de afeição do que de desejo. Detalhe também para a oração *fim de semana chegou*: o uso do tempo pretérito no qual o enunciador expressa o processo comportamental (*chegou*) parece dizer: *ufa!; que alívio!*. E para o participante comportante (*fim de semana*) é como um evento que precisa ser aproveitado da melhor forma possível, estar no momento presente apreciando cada minuto que se passa antes que volte tudo de novo.

A partir desse ponto podemos mais uma vez visualizar o peso massivo que o sistema capitalista obriga a classe trabalhadora a carregar – vivemos por um final de semana, por um feriado perdido entre as inúmeras e incessantes horas de trabalho. Trago de volta também a discussão do tópico anterior sobre a falta de espaços de lazer na periferia recifense, a falta ou insignificância de políticas públicas voltadas ao esporte etc.

Soma-se a tudo isso o fator econômico, pois cabe apontar mais uma vez que Recife foi a capital mais desigual nos anos de 2016 e 2019, e ficou entre as cinco mais desiguais desde 2020, além de que a RMR é a região metropolitana em que as pessoas pobres são as mais pobres de todo o país. Isso tudo reforça que não há como desvencilhar a conjuntura recifense atual – criminalidade, consumo de drogas, precarização do trabalho etc. – da prática discursiva que é o brega-funk da nossa cidade.

A temática das drogas segue, e agora trago o processo comportamental *eu cheiro pó na bunda delas*, que também é título de uma das canções do *corpus*. Aqui também temos um processo no qual o enunciador se coloca no enunciado a partir do participante comportante (*eu*). O comportamento (*pó*), por sua vez, aparenta remeter à cocaína, e aqui a situação é diferente da maconha, primeiro porque não é uma droga que costuma ser consumida por pessoas pobres – uma pesquisa da FGV (GAIER, 2007) aponta que mais de 60% dos usuários possuem uma renda mensal familiar de mais de R\$9.000 que, à época, consistia em mais de 25 salários mínimos, além de que 99% dos consumidores eram homens. Apesar da pesquisa não ser recente, ela nos ajuda a compreender o perfil histórico do consumo da droga no país e, a julgar pela crescente desigualdade socioeconômica em que nos encontramos, é provável que ele tenha se mantido.

O fato de não ser uma droga que costuma ser consumida por pessoas pobres me faz levantar o seguinte ponto: seu discurso tem um potencial poder representativo da ostentação. Vimos, no primeiro capítulo, o quão crucial foi o elemento ostentação no funk paulista, o qual se tornou uma grande influência para o nosso brega-funk. Reforço aqui o debate realizado anteriormente – ostenta-se porque não a norma é não possuir; ostenta-se porque, dentro das relações capitalistas, nós pobres periféricos/as sabemos que *ser é ter*, logo, para mostrar que *é*, seria preciso mostrar que *tem*. Esse mesmo entendimento pode ser trazido à questão da cocaína – cheira o *pó* quem tem condições de cheirar.

Um detalhe aqui, porém, vai para a circunstância de localização do lugar (*na bunda delas*). Eu visualizo a mulher, ou melhor, as mulheres – genericamente – como um fator de ostentação também, e para ostentar é preciso *ter, possuir*. A construção como um todo endossa essa perspectiva: a forma na qual o enunciador se coloca, sem elipsar o pronome pessoal (*eu* – participante comportante), seguido da ação ilícita (*cheiro pó* – processo comportamental e participante comportamento) e da ostentação do corpo da mulher (*na bunda delas* – circunstância de localização de lugar) lança mais luz a uma questão fortemente enraizada em nossa sociedade, a qual perpassa todas as classes, da explorada à oprimida, que é a estrutura do patriarcalismo. É tanto que eu certamente não estaria trazendo esta mesma explicação se sua produção fosse de uma enunciativa mulher; mesmo que a construção sintática fosse a mesma, a semântica não seria.

Ademais, é preciso compreender que, apesar do capitalismo não ter criado o patriarcalismo, ele se aproveitou de sua estrutura, esta que consiste na opressão psicológica e física das mulheres, sobretudo em limitar seu papel social ao serviço familiar e, quando muito, ao trabalho precarizado fora dele, sempre considerando-as

como seres inferiores aos homens (LOPES, 2017). O capitalismo, para além disso tudo, estende o patriarcalismo à criação e manutenção do chamado exército industrial de reserva<sup>31</sup>, e a mulher – especificamente a mulher cis –, apesar das *conquistas* de direito ao voto, à igualdade salarial etc., passa a existir primariamente para a reprodução da prole(tariado).

É fundamental para nossa discussão que haja esse entendimento da objetificação da mulher, pois essa ótica nos permite visualizar que a ostentação de seu corpo por parte dos homens passa pela estrutura capitalista – se a ostentação de joias, carros de luxo, roupa de grife e drogas caras podem significar *status* de superioridade de uns homens pobres sobre outros, no auge do simulacro de uma ascensão de classe, ostentar que cheira pó na bunda delas se torna um bônus.

Seguindo na discussão sobre a criminalidade, temos o discurso sobre o bandido/ladrão. Essa figura é, ao menos neste *corpus*, exclusivamente masculina. São exemplos iniciais: *é o CL no Beat, é o crime*, em *Eu Cheiro Pó na Bunda Delas*; e *eu tô postulado no corre com a fama de bandido*, em *Festinha de Traficante 2*. No primeiro, o enunciador coloca *o crime* como substituição de *o CL no Beat*, sendo ambos participantes existentes dentro de processos existenciais – como se o CL no Beat realmente fosse o crime. Não à toa o enunciador realiza os processos relacionais através do verbo *ser* no tempo presente (*é*) – CL no Beat não foi ou será, ele *é* o crime.

Qual crime ele *é* parece não ser relevante discorrer sobre, o que me faz pensar na relação de individualização do jovem periférico homem como a individualização adversa de que tanto discuti anteriormente, tendo por base Orlandi (2004; 2016) – *ser* o crime, genericamente falando, *é ser do contra*, seguir na contramão de práticas hegemônicas que cobram certas posturas e atitudes de uma determinada parcela da população quando, ao mesmo tempo, nega-lhe as condições simbólicas e materiais para que tais posturas e atitudes sejam possíveis.

Já no segundo (*eu tô postulado no corre com a fama de bandido*), temos um processo relacional atributivo em que a figura do bandido aparece não como um participante, mas como uma circunstância de papel – uma atuação, uma performance,

---

<sup>31</sup> No mês de setembro deste ano, o empresário australiano Tim Gurner viralizou na internet ao afirmar que nós trabalhadores ficamos arrogantes depois da Covid-19 e que o setor empresarial deveria promover o desemprego para nos colocar em nosso devido lugar (ICL ECONOMIA, 2023). Esse discurso – evento social – ilustra bem o que é a ordem do discurso neoliberal – prática social – e o capitalismo – estrutura social – em que vivemos, para resgatar os termos faircloughianos vistos no terceiro capítulo. Quanto mais precarizadas estiverem as condições de trabalho, quanto mais a classe trabalhadora estiver na miséria, melhor estará a classe dominante (TRINDADE, 2017).

uma *persona*. O autor, em primeiro lugar, apresenta – mais uma vez neste *corpus* – uma imagem passageira, um *estar* momentâneo (*tô*) que se coloca em primeira pessoa como portador (*eu*) de um atributo que traz uma significação assertiva a respeito de suas práticas, inclusive discursiva. A *fama de bandido* (circunstância de papel) provoca também reflexões sobre relações interpessoais, uma vez que a fama vem *dos outros*, e o destaque que dou aqui é à representação de uma certa valorização dessa fama de bandido.

Entendo, portanto, que essa representação do bandido destoa da que costumamos ver em programas policiais nos canais abertos da rede de televisão local e nacional, como uma pessoa que põe em xeque a vida dos *cidadãos de bem* com assaltos etc., mas sim através de um *status* elevado dentro da realidade periférica. Novamente trago essa perspectiva do *status* porque não há como escapar das relações capitalistas.

Explico: dentro das relações da classe dominante do centro da cidade – reforçando nossa discussão sobre centro-periferia, pobres e ricos – o poder social, sobretudo dos homens, se dá muito por relações econômicas, ou seja, pela posição que ocupam nas empresas e nas suas casas – são os CEOs da vida, diretores, presidentes, e em casa são os chefes da família, os *doutores* etc. E na periferia? Quais as figuras masculinas de maior poder na periferia senão os bandidos e os traficantes? É sobre isso.

Não quero, contudo, modalizar o meu discurso ao ponto de ignorar que o tráfico e o banditismo, de maneira geral, trazem problemas para os cidadãos da periferia, suas vítimas. Porém, acima de tudo, quero reforçar que o tráfico e o banditismo não existem por acaso<sup>32</sup>, que o traficante e o bandido não são, possivelmente, as figuras de maior poder na periferia porque *é assim mesmo; fazer o quê?*, não. Para que a classe dominante se isole no centro da cidade, para que não haja tanta criminalidade em Casa Forte, Espinheiro, Jaqueira etc., é preciso que haja em Dois Irmãos, na Várzea, no Vasco da Gama, na Roda de Fogo, e por aí vai. Nesse sentido é possível que o Estado crie e mantenha o que Orlandi (2004) apresenta como bolsões de isolamento que cada vez mais segrega o/a periférico/a na sua realidade precarizada em contraste com a vida boa dos bairros nobres do centro.

É evidente, portanto, que a representação da criminalidade existente na marginalidade geográfica recifense e, conseqüentemente, da desigualdade social, perpassa essa dicotomia centro-periferia; é preciso que a classe trabalhadora trabalhe no

---

<sup>32</sup> Peço licença para uma retomada dialógica com o Mangubeat: *banditismo por pura maldade / banditismo por necessidade / banditismo por uma questão de classe* (Chico Science & Nação Zumbi).

centro, mas viva na periferia, pois o direito que temos de acessar o *melhor da cidade* se dá apenas através da nossa condição de trabalhadores/as.

Sendo assim, não é à toa que *se você não tiver de glock, ela nem olha pra você* (processo comportamental e material em *Festinha de Traficante 2*), e que *ela disse que só quer ladrão* (processo verbal em *Aponta pro Bandido*). O comportante da primeira oração (*você*), pronome de tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, pode ser qualquer homem – com fama de bandido –, ao passo que o comportante da segunda oração (*ela*) pode ser qualquer mulher que se identifique com o homem *bandido/ladrão*. Detalhe para o processo verbal em questão (*ela disse que só quer ladrão*): quem diz que o comportante *ela* diz o que diz é o enunciador homem, e essa terceirização do discurso, por assim dizer, revela tanto a perspectiva da mulher quanto a perspectiva que o homem tem da perspectiva da mulher.

Atendo-me a uma visão mais macro dessa questão, chego até a visualizar essas representações sob a ótica do gene egoísta<sup>33</sup> – seria uma questão de sobrevivência, de garantir a reprodução da espécie dentro da realidade periférica. Aponto, por exemplo, que o mais próximo que pode haver da figura de um empresário na periferia – dentro da legalidade jurídica – é o dono de um mercado, farmácia ou coisas assim; fora da legalidade, porém, eu enxergo o traficante/bandido como verdadeiramente semelhante ao empresário, pois seu poder seria tanto material como simbólico – um poder de fala, de acesso ao discurso e ao controle de relações sociais.

Orações discutidas na representação da criminalidade:

|  |   |   |                 |  |
|--|---|---|-----------------|--|
| eu   | tô  | embrasado                                 |                 |  |
| <b>Portador</b>                                  | <b>Processo Relacional<br/>Atributivo</b> | <b>Atributo</b>                           |                 |  |
| hoje   | eu  | tô  | que tô          |  |
| <b>Circunstância de<br/>Localização de Tempo</b> | <b>Portador</b>                           | <b>Processo Relacional<br/>Atributivo</b> | <b>Atributo</b> |  |
| hoje   | o beck                                    | é   | certo           |  |
| <b>Circunstância de<br/>Localização de Tempo</b> | <b>Portador</b>                           | <b>Processo Relacional<br/>Atributivo</b> | <b>Atributo</b> |  |
| eu   | nem queria                                |   |                 |  |
| <b>Experienciador</b>                            | <b>Processo Mental</b>                    |   |                 |  |
| fim de semana                                    | chegou                                    |   |                 |  |
| <b>Comportante</b>                               | <b>Processo<br/>Comportamental</b>        |   |                 |  |

<sup>33</sup> Richard Dawkins, em sua teoria sobre o gene egoísta (1989), apresenta nossa espécie enquanto uma máquina evolutiva cujo real propósito é dar continuidade à sobrevivência dos genes que nos compõem.

|                             |                                       |                      |  |                               |
|-----------------------------|---------------------------------------|----------------------|--|-------------------------------|
| eu                          | cheiro                                | pó                   | na bunda delas                               |                               |
| <b>Comportante</b>          | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b> | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |                               |
| é                           | o CL no Beat                          |                      |  |                               |
| <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b>                      |                      |  |                               |
| é                           | o crime                               |                      |  |                               |
| <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b>                      |                      |  |                               |
| eu                          | tô                                    | postulado            | no corre                                     | com a fama de bandido         |
| <b>Portador</b>             | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b>      | <b>Circunstância de Modo</b>                 | <b>Circunstância de Papel</b> |
| se você                     | não tiver                             | de glock             |  |                               |
| <b>Comportante</b>          | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b> |  |                               |
| ela                         | nem olha                              | pra você             |  |                               |
| <b>Comportante</b>          | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b> |  |                               |
| ela                         | disse                                 | que só quer ladrão   |  |                               |
| <b>Dizente</b>              | <b>Processo Verbal</b>                | <b>Verbiante</b>     |  |                               |

### 5.2.3 Entre territorialidades

Uma outra temática que destaco na explicação do *corpus* é a da territorialidade. Vamos tomar três orações da canção *Envolvimento* como ponto de partida para essa discussão – *o nosso bonde é sinistro; esse hit é chiclete; escama é só de peixe* (todos processos relacionais atributivos). Estes processos são aqui apresentados no tempo presente (*é*), e isso faz toda uma diferença para compreendermos que o que *é* não é o que *será* ou o que *foi*.

Os participantes portadores (*nosso bonde, esse hit, escama*) e os atributos (*sinistro, chiclete, só de peixe*) estão atrelados a uma variação lexical muito característica de jovens indivíduos periféricos que produzem e reproduzem o brega-funk. Com isso considero pertinente observar que há um destaque para participantes que transmitem um sentido de coletividade, especialmente na primeira (*nosso bonde*) e na terceira oração (*escama*), o que contrasta com os participantes dos processos comportamentais da mesma canção (*eu, tu*).

É interessante notar que para se referir a ações e sentimentos, a enunciadora fazem uso de participantes singulares, mas para tratar de existência, elas fazem uso de participantes coletivos. O primeiro portador (*nosso bonde*) suscita um significado que pode comportar não só a autora, mas um grupo mais amplo de amigos/as da vizinhança e

até mesmo, em uma perspectiva mais macro, a própria periferia. Tomando a potencialidade desta última referência, a enunciadora representam-na como uma turma, uma comunidade íntima e sem delimitação mais específica, podendo ser qualquer um/a que compartilhe da mesma realidade.

O mesmo vale para os outros portadores. Na segunda oração (*esse hit*) há novamente um sentido de coletividade que se refere à música em questão que é performada – o que seria diferente de *meu hit*, por exemplo. No terceiro processo destacado a enunciadora resgatam um sentido particular da palavra que está atrelado a indivíduos do gênero masculino que se comportam de uma maneira específica dentro da periferia, são os *galerosos*, *maloqueiros*, *escamosos*, talvez debochando de seu comportamento (*escama é só de peixe*).

Ademais, esse sentido de coletividade que aponto haver nos processos relacionais vai ao encontro do senso de comunidade que há nas periferias. Reforço, dentro da perspectiva de Orlandi (2004), que os muros que isolam os condomínios não são uma realidade comum nas periferias, o que contribui para que haja um maior e mais amplo senso de comunidade – nos bairros da periferia recifense há, por exemplo, mais de 120 entidades sindicais, movimentos sociais e associações populares com atuações ligadas à temática urbana, ambiental e demais articulações (RECIFE, 2018).

Pensando em outros extratos do *corpus*, as circunstâncias de localização de lugar nos darão um significativo suporte para seguir na discussão, uma vez que elas apontam para territórios específicos da periferia recifense, mas não só – a própria compreensão da periferia é expressa pelos autores nos textos em questão. Em *Gera Bactéria* temos um processo material (*esse passinho nasceu na favela*) que estabelece uma isomorfia entre a periferia (*favela*) e o brega-funk (*passinho*) através do processo *nasceu*, uma vez que o que nasce passa a existir a partir de um determinado momento no espaço-tempo. Tudo isso reverbera nossa discussão sobre a relação entre o discurso e a realidade – não haveria o brega-funk se não houvesse a periferia recifense.

Reforço essa colocação com o processo que vem logo em seguida na canção – *nós manda embrasado lá dentro do brega* (processo comportamental). Assim como em *Envolvimento*, aqui também há uma alternância dos participantes no que diz respeito à primeira pessoa do singular e do plural (*eu, nós*), e assim como na outra, o senso de coletividade é expresso mediante *nós* (participante), apesar do destaque aqui ser para onde *eles* fazem o que fazem, que é *lá dentro do brega* (circunstância de localização de lugar).

Por mais que *Gera Bactéria* seja de 2018, ano em que o brega-funk não estava mais restrito às periferias recifenses e os shows (privados) em diversos pontos do centro da cidade já era uma realidade, é interessante notar que, no aspecto linear do discurso, a oração *nós manda embrasado lá dentro do brega* ocorre logo em seguida à *esse passinho nasceu na favela*. As duas orações terminam em circunstâncias de localização de lugar e podemos mais uma vez apontar que ambas – *favela* e *brega* – se confundem; por mais que o brega(funk) possa não mais estar apenas na favela, ele *é* da favela (recifense), pois nela *nasceu*.

Essa relação transitiva entre o brega(funk) e a favela ilustrada pelo verbo *nascer* me faz pensar muito no que discutimos no segundo capítulo a respeito da relação com a terra periférica que os/as recifenses desde os tempos coloniais sempre tiveram com o espaço em questão: *nascer na favela é, dentre outras coisas, nascer na lama, no esgoto a céu aberto e na constante falta de água encanada nas torneiras de casa*. Toda essa situação não é de hoje. Apesar do brega-funk ser contemporâneo, ele fala de e a partir de reformulações, ou atualizações históricas, de uma desigualdade socioeconômica estrutural.

Seguindo na discussão, em *Eu Cheiro Pó na Bunda Delas*, as circunstâncias de localização de lugar apontam para locais específicos da periferia recifense – Guabiraba, Roda de Fogo e Nova Descoberta. Interessante notar que todas estão presentes em processos comportamentais nos quais os autores representam suas ações em conjunto a um apontamento para os locais específicos (*eu saí da Roda de Fogo; eu fui parar na Guabiraba; eu estava com o oitão na mão em Nova Descoberta*). O mesmo ocorre em *ela subiu na favelinha pra sentar pros envolvido*, em *Festinha de Traficante 2*; já em *Aponta pro Bandido*, temos a circunstância em um processo material (*na subida do morro ela apontou pra mim*).

O fato da periferia estar sendo representada nominalmente é um dado interessante na medida em que os bairros e/ou comunidades apontadas são postas quase como sinônimos do termo favela. A disposição histórica de urbanização da cidade, sobretudo com a terceira e atual configuração centro-periferia – a qual empurrou a classe trabalhadora da cidade para os locais mais afastados do centro em um processo de urbanização majoritariamente desorganizado pelo poder público que, como já vimos diversas vezes – não se deu por acaso, mas sim em razão do funcionamento do capitalismo.

O fato é que não podemos subestimar a consciência coletiva da imensa maioria da classe trabalhadora que vive nas periferias recifenses. Se não houver uma ampla percepção de uma definição acadêmica sobre o capitalismo, há, não duvido, uma percepção empírica de seu funcionamento – a classe trabalhadora sabe que é explorada quando reflete sobre suas 8h diárias de trabalho, nas mais de 2h, 3h de deslocamento via transporte público, na falta de saneamento básico em suas casas, nas ruas que alagam em qualquer chuva forte por falta de calçamento, nas barreiras que desabam e por aí vai.

Em razão disso, levanto o seguinte ponto: é possível que o termo *periferia* não seja representativo aos/às artistas de brega-funk – ele talvez não carregue todo o descaso que o termo *favela*, por outro lado, pode carregar. Não por acaso o lema *a favela venceu!*, cunhado por KondZilla lá em São Paulo, foi bem difundido por aqui à época. É possível, inclusive, que o termo *favela* seja utilizado pelos/as artistas de brega-funk numa tentativa de aproximação com a cultura periférica sudestina, especialmente as de São Paulo e do Rio de Janeiro (capitais), a fim de melhor se adaptar ao público desses locais – o que reforçaria nossa discussão sobre a cosmopolitização do gênero.

A territorialidade, seguindo esta linha de raciocínio, perpassa não só a periferia recifense, mas ao menos a carioca e paulistana também – por isso falo em territorialidades. Uma coisa, no entanto, é compreender que o brega-funk não é um fenômeno culturalmente isolado – coisa impossível se levarmos o dialogismo em consideração –, outra seria tomá-lo como uma simples variação do que é produzido em SP e no RJ. Sabemos que não se trata disso; já ficou claro que o brega-funk, apesar das influências, tem suas características próprias, e que fala a partir de uma conjuntura específica com raízes históricas bem definidas.

Retomando Fairclough (2003), isso me faz olhar para quais elementos da territorialidade estão sendo incluídos e quais estão sendo excluídos no discurso das canções. Sobre os incluídos, aponto os seguintes: a favela, os/as favelado/as e a polícia; como excluídos: os ricos, os bairros nobres, os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE). Quero dar uma maior ênfase na polícia enquanto ARE a partir do seguinte ponto: a sua representação nas canções me aparenta ser a de um elemento combativo; em outras palavras, vejo a polícia sendo representada como inimiga – inimiga da favela e dos/as favelados/as, reforçando parte discussão tida no primeiro capítulo.

Essa representação não seria por acaso, uma vez que todas as pessoas que os/as policiais pernambucanos mataram no estado, no ano de 2021, foram negras (VERAS, 2022), dado que ilustra bem – mais uma vez – o racismo estrutural no qual nosso país está

inserido, principalmente quando olhamos para o perfil dos bairros recifenses e vemos que todos os periféricos têm maioria populacional negra.

O processo material *eu dei fuga na VT pra pegar a gostosona* (*Aponta pro Bandido*) pode ilustrar essa percepção a respeito da polícia. A ação em questão e sua consequente meta (*dei fuga*) revelam que a importância maior de todo o processo é a circunstância de causa (*pra pegar a gostosona*). No entanto, por estarmos tratando agora da territorialidade, quero focar no elemento anterior à circunstância em questão. A VT (*extensão*), ou viatura, faz rondas e persegue, mas ronda onde e persegue quem? Como Aparelho Repressivo do Estado, a polícia atua na periferia a fim de garantir que o sistema capitalista continue sendo normalidade em nossa sociedade, e já discutimos o que ele significa para a população periférica, para a classe trabalhadora – a exploração não só da nossa força de trabalho, mas das nossas vidas como um todo.

A norma, portanto, é que a disposição centro-periferia seja mantida, que a população pobre continue pobre e que a favela continue sendo favela. A representação territorial aqui expressa a desigualdade socioeconômica recifense a partir de um embate material da luta de classes – a Polícia (Militar) versus o bandido (pobre, negro e periférico). O primeiro elemento é uma abstração desprovida de individualização – há, quando muito, a colocação *o/a policial*, mas (quase) nunca seu nome; trata-se, portanto, de uma realidade simbólica, ao passo que o segundo (quase) sempre tem nome e até rosto – é material, palpável, para que fique visível a distinção entre a posição que cada um/a possui e o espaço que podem ocupar na cidade<sup>34</sup>.

Por esse caminho reafirmo que, a partir deste *corpus*, a demarcação da periferia recifense nos discursos das canções de brega-funk representa também uma ideologia contra-hegemônica, contra a normalidade capitalista no sentido de afirmação do nosso território periférico, da nossa realidade, e, sobretudo, da nossa cultura. Talvez não se fale do centro da cidade nem da *playboyzada* porque não importa falar, porque a história e a ideologia dominante através de políticas governamentais já deram e dão todo o espaço possível a essa realidade, em detrimento da nossa.

É preciso reforçar a importância do discurso do brega-funk como um discurso de resistência, de autocompreensão dos/as artistas sobre suas condições de periféricos/as, e

---

<sup>34</sup> É interessante também refletirmos sobre o poder da classe dominante no sentido de que os/as policiais também são trabalhadores/as, além de que é muito provável que a maioria deles/as também resida em bairros periféricos; porém, a ideologia que perpassa sua formação e a Polícia (ARE) como um todo, reforça a visão de que a consciência de classe é mais um dos campos de batalha da luta de classes, talvez o mais importante de todos.

por mais que ele possa apontar para uma reprodução das condições da periferia a partir da ostentação – algo que tratei melhor no primeiro capítulo –, uma análise conjuntural mais aprofundada tende a revelar que há muito mais por trás disso. Foi o que busquei realizar neste momento, e por mais que eu tenha feito uma abstração seccionada dos elementos (sexualidade, criminalidade, territorialidade), entendo que ela opera muito mais de forma entrelaçada.

As canções de brega-funk, como eventos sociais que são, atuam como representações da periferia recifense por meio de sua incorporação dentro do contexto de outros eventos sociais, de forma a recontextualizá-los – estes outros eventos são os recorrentes casos de criminalidade, de gravidez na adolescência, falta de água, saneamento básico etc. Recontextualizá-los, portanto, não significa apenas interpretá-los através de diferentes óticas, mas inseri-los dentro de práticas sociais e, em última instância, de estruturas sociais; é compreender que, não cansarei de reforçar, as coisas são o que são não por acaso, mas porque atendem à demanda da classe dominante em sustentar a base do capitalismo que lhes favorece, a saber: a exploração da nossa força de trabalho, pois somente como trabalhadores/as ativamente inseridos no *mercado de trabalho* é que somos considerados indivíduos, e por muitas vezes nem isso.

Processos discutidos na representação da territorialidade:

|                    |                                       |  |  |  |
|--------------------|---------------------------------------|--|--|--|
| o nosso bonde      | é                                     | sinistro                                     |  |  |
| <b>Portador</b>    | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b>                              |  |  |
| esse hit           | é                                     | chiclete                                     |  |  |
| <b>Portador</b>    | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b>                              |  |  |
| esse passinho      | nasceu                                | na favela                                    |  |  |
| <b>Ator</b>        | <b>Processo Material</b>              | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |  |
| nós                | manda                                 | embrasado                                    | lá dentro do brega                           |  |
| <b>Comportante</b> | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b>                         | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |
| esse passinho      | nasceu                                | na favela                                    |  |  |
| <b>Ator</b>        | <b>Processo Material</b>              | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |  |
| eu                 | saí                                   | da Roda de Fogo                              |  |  |
| <b>Comportante</b> | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |  |
| eu                 | fui parar                             | na Guabiraba                                 |  |  |
| <b>Comportante</b> | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |  |

|  |                                       |  |  |                               |
|--|---------------------------------------|--|--|-------------------------------|
| eu   | estava                                | com o oitão na mão                           | em Nova Descoberta                           |                               |
| <b>Comportante</b>                           | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b>                         | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |                               |
| ela  | subiu                                 | na favelinha                                 | pra sentar pros envolvido                    |                               |
| <b>Comportante</b>                           | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> | <b>Circunstância de Causa</b>                |                               |
| na subida do morro                           | ela                                   | apontou                                      | pra mim                                      |                               |
| <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> | <b>Ator</b>                           | <b>Processo Material</b>                     | <b>Meta</b>                                  |                               |
| eu   | dei                                   | fuga   | na VT  | pra pegar a gostosona         |
| <b>Ator</b>                                  | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Meta</b>                                  | <b>Extensão</b>                              | <b>Circunstância de Causa</b> |

### 5.3 Mas então, o que fazer?

Este trabalho acadêmico, assim como qualquer outro, tem suas limitações. Limitações quanto ao seu formato de escrita, subjetividade e quanto ao tempo em que será publicado. Mas a principal limitação com certeza se dá quanto ao seu alcance. Um dos passos a serem tomados em uma pesquisa na área da ACD é a identificação de formas viáveis de superação do problema (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Reitero que nosso problema em questão é a desigualdade socioeconômica do Recife, conjuntura social na qual o brega-funk está inserido, sendo que o olhar específico para este problema, nesta pesquisa, é como o discurso das canções do referido gênero musical pode estar representando tal desigualdade.

Uma vez identificada e discutida esta representatividade, reverbero a colocação de Gunther Kress (FOWLER, 2004) em sua autoavaliação a respeito da Linguística Crítica: o que fazer agora? A primeira coisa que me vem à mente como forma de levar adiante este trabalho é que ele seja discutido nas escolas, sobretudo as escolas públicas da periferia recifense. Seria interessante, para nós, inserir essa discussão nas formações continuadas dos/as professores/as, por exemplo, em formato de palestras e capacitações, tudo isso para que o olhar dado ao brega-funk dentro do ambiente escolar não seja uma reprodução do discurso dominante, do *status quo* moralista – e até racista – que tende a relegar as canções ao desprezo e até a proibição.

Outra forma seria reivindicar espaço ao brega-funk nos eventos culturais públicos da cidade do Recife e do estado como um todo. O carnaval de 2024 se aproxima e é preciso que a Prefeitura do Recife e o Governo do Estado de Pernambuco, através de suas

secretarias, insira o brega-funk em seu devido lugar de cultura popular; é possível pressionar as autoridades (prefeito João Campos, governadora Raquel Lyra, secretários/as etc.) em seus perfis oficiais no Instagram e Facebook, por exemplo, para que isso venha a acontecer.

Rodas de debate a partir desse olhar crítico sobre o brega-funk podem ser promovidas, de preferência com a presença de artistas para que seus olhares sejam postos em destaque. Apesar de todas as dificuldades, é mais que necessário esse comprometimento por parte da universidade a partir de seus programas de pós-graduação – e aqui falo especificamente do PROGEL junto à UFRPE. Essas são algumas das possibilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de iniciar as considerações finais falando sobre um momento específico da discussão feita neste último capítulo. Ao falar sobre a sexualidade, apontei diversas vezes para uma possível naturalização do tema em sua abordagem nas canções. Eu preciso ponderar o seguinte: a naturalização é uma perspectiva subjetiva minha.

Quero com isso dizer que, apesar do meu posicionamento face ao brega-funk cá exposto, carrego comigo certas contradições que já me inseriram na reprodução de discursos contra o gênero musical. Já fui alguém que dizia *com a boca cheia* que brega-funk não prestava. Apesar de acreditar ter superado esse discurso, creio também que essa exposição ajuda a ilustrar o poder da hegemonia discursiva da classe dominante no que diz respeito à periferia recifense e uma de suas grandes – se não a maior – expressões culturais contemporâneas.

Quando falei em naturalização, acredito que algum resquício dessa contradição tenha se revelado, pois, por naturalização compreendo tornar natural algo que antes não o era. Não poderia ser, portanto, que o olhar dos/as artistas de brega-funk sobre a sexualidade já fosse natural? O mesmo vale para os outros temas apontados – criminalidade e territorialidade –, pois apesar do meu olhar sobre o problema, apesar de me ver imerso na realidade da periferia e desde sempre ouvir brega-funk pelas ruas, não é um olhar de representatividade, porque eu não consumo brega-funk.

Tomo essa questão como exemplo, porém todas as outras perspectivas sobre o *corpus* também poderiam ser. Há pouco falei das limitações da pesquisa, pois falo agora das minhas limitações enquanto pesquisador. A passagem da compreensão para a explicação do discurso, conforme o critério da ACD (FAIRCLOUGH, 2003), abarca nesta última uma fundamentação muito mais subjetiva do que na outra. Na compreensão fazemos uma abordagem muito mais ampla e contextualizada sobre o tema, algo que busquei realizar nos quatro primeiros capítulos – especialmente no primeiro e no segundo. Já na explicação, a abordagem requer uma maior assertividade, afinal, trata-se realmente de uma explicação – subjetiva – sobre tudo o que é previamente abordado.

Essa explicação, por sua vez, buscou responder a como o discurso de canções de brega-funk podem representar a desigualdade socioeconômica da cidade do Recife – objetivo geral da pesquisa. Vimos aqui que a representação se deu a partir da sexualidade, criminalidade e territorialidade, conforme ilustra a figura a seguir:

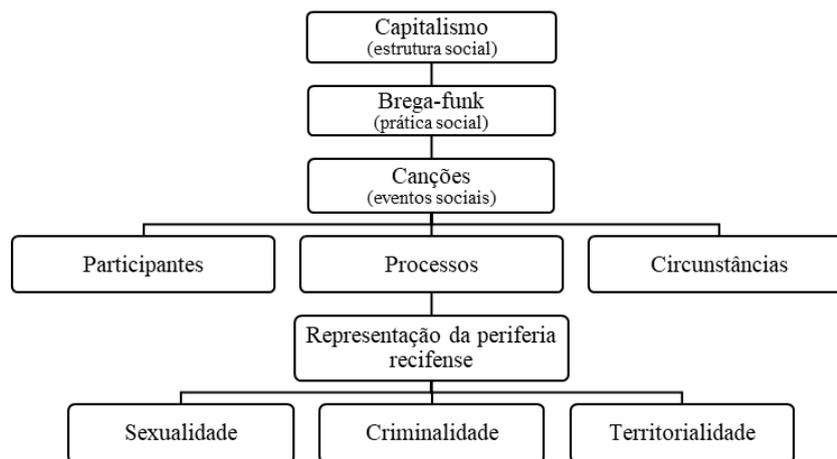


Fig. 8 – encadeamento discursivo do brega-funk enquanto representação da periferia recifense.

As temáticas, reproduzidas através de processos, participantes e circunstâncias, são muito mais que elementos sintáticos e semânticos. São discursos de pessoas de uma determinada realidade que, apesar de imersos em um tempo presente, ecoam uma realidade de outrora – passados remotos e recentes. O brega-funk é cultura periférica, mas acima de tudo é popular, porque afirmar e reafirmar o lugar do brega-funk na periferia é declarar o óbvio, a questão é que ele transcende a periferia no sentido de ser uma cultura do povo, da classe trabalhadora, algo que está além de limitações urbanísticas impostas pelo Estado Burguês.

A sexualidade, a criminalidade e a territorialidade não necessariamente criam o brega-funk, mas a ele se misturam de forma a criar uma codependência. É neste sentido que a burguesia busca censurar seu discurso, seja moralmente ou até mesmo em tentativas jurídicas de criminalização. Se o evento social é produzido, significa que ele está inserido em práticas sociais que estão inseridas em estruturas sociais, ou seja, há reflexos e refrações de todo o contexto no qual ele está inserido.

Quando visualizamos pessoas da classe trabalhadora, pessoas pobres e periféricas que criticam o discurso do brega-funk dentro dessa lógica da classe dominante – conforme eu mesmo já fiz –, é preciso levarmos em conta o fator hegemônico que pressiona, de cima para baixo, o poder ideológico desta mesma classe, seus interesses e propensões. É preciso lembrar que a luta de classes não é um embate de constantes divergências; há negociações, pontos de interesses mútuos entre diferentes aspectos culturais da classe trabalhadora e da classe dominante. Dentro da visão de mundo do cristianismo pentecostal, por exemplo, há um predomínio moralismo em torno da sexualidade,

principalmente no que diz respeito ao corpo da mulher, como ela deve se vestir e se comportar dentro daquele meio religioso, o que tende a causar uma discriminação sobre quem não se encaixa naquele padrão estabelecido, sendo membra da igreja ou não<sup>35</sup>.

O pentecostalismo é só um exemplo de vários; a grande questão é perceber que a ideologia dominante está em todo lugar. Quando falo da contra-hegemonia do discurso do brega-funk, quero dizer que ela se constitui como uma ameaça ao *status quo* na medida em que aponta para uma outra perspectiva de individualização que não a da reprodução dos meios de produção, que não a do capitalismo. Isso é tido como perigoso, pois a partir do brega-funk os/as periféricos/as e, por consequência, a periferia, podem se deslocar de uma lógica de individualização por meio exclusivo do trabalho. Com isso ele nos faz considerar que mesmo que não tenhamos diplomas de ensino superior ou estejamos em um emprego formal, nós podemos ser alguém na vida; em verdade, já somos.

À luz de Fairclough (2003), as mudanças sociais só são possíveis por meio da ação, por meio dos eventos sociais. Os eventos, por sua vez, transformam as práticas sociais, que transformam as estruturas. Que este trabalho tenha contribuído para a conscientização do lugar de onde viemos e muitas vezes ainda estamos – seja na classe trabalhadora da periferia do Recife ou de outra cidade. E que essa conscientização, por sua vez, nos leve cada vez mais a um ponto de ruptura com a estrutura em que estamos inseridos/as, pois sem essa mudança estrutural, os anos passarão, o brega-funk poderá ser *normalizado* e então outro fenômeno da cultura popular recifense surgirá para ser o discriminado do momento.

Enquanto linguistas, temos um compromisso científico com essa mudança, e o científico é também o social, pois não há ciência mais verdadeira que a feita pelo povo, com o povo e para o povo.

Venceremos!

---

<sup>35</sup> O pentecostalismo é a vertente evangélica do cristianismo que mais cresce nos últimos anos, sendo Pernambuco o estado nordestino com o maior número de adeptos/as. Pesquisas indicam que, dentre todas as denominações evangélicas tradicionais (Batista, Anglicana, Luterana etc.) fiéis pentecostais no Brasil já são mais de 2/3, e é provável que até a próxima década ocorra a chamada transição religiosa no país, com o evangelismo – liderado pelas igrejas pentecostais – sendo maioria, ultrapassando o catolicismo. Dentre as perspectivas teológicas do pentecostalismo, destaco o ascetismo que se caracteriza pelo desprezo às *coisas do mundo* em busca de elevação espiritual, o que deságua no moralismo de que falo aqui (FERREIRA, 2015).

## REFERÊNCIAS

ABRAMUS. **Brega-funk, o grande fenômeno musical do ano**. Disponível em: <https://www.abramus.org.br/noticias/16130/brega-funk-o-grande-fenomeno-musical-do-ano/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

ALSANNE, José. **6 fatos sobre o bregafunk, gênero que incendiou o Recife e ganha o país**. Disponível em: <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/14422/6-fatos-sobre-o-bregafunk-genero-que-incendiou-o-recife-e-ganha-o-pais>. Acesso em: 13 out. 2021.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Tradução Walter J. Evangelista; Maria L. V. de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ALEPE. **Brega é reconhecido como expressão cultural pernambucana**. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/2017/08/18/brega-e-reconhecido-como-expressao-cultural-pernambucana/>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ALEPE. **Projeto de Lei Ordinária 494/2019**. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/proposicao-texto-completo/?docid=4966&tipoprop=p>. Acesso em: 6 jan. 2023.

ALMEIDA, Pauline. **Branços têm rendimento cerca de 40% maior que negros, mostra pesquisa do IBGE**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/brancos-tem-rendimento-cerca-de-40-maior-do-que-negros-mostra-pesquisa-do-ibge/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

ALVES, Pedro. **Mortes por chuvas no Grande Recife chegam a 109 e tragédia ultrapassa total de vítimas da cheia de 1975**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/01/mortes-por-chuva-no-grande-recife-total-de-vitimas-da-cheia-de-1975.ghtml>. Acesso em: 3 fev. 2023.

ARAÚJO, Tania Bacelar de; SANTOS, Valdeci Monteiro dos. A economia de Pernambuco: dinâmica econômica, mudanças recentes e perspectivas. **BNB Conjuntura Econômica**, Fortaleza, v. esp., p. 343-352, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BARROS, Maria Lígia. **PE: Recife e Jaboatão estão entre as 20 cidades do país com pior saneamento básico**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/13/pe-recife-e-jaboatao-estao-entre-as-20-cidades-do-pais-com-pior-saneamento-basico>. Acesso em: 2 fev. 2023.

BARROS, Ilena Felipe; TRINDADE, Hiago. A (re)produção do capital na periferia: o desenvolvimento e o “subdesenvolvimento” do Nordeste em questão. *In*: JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, 8., 2017, São Luís. **Anais**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão.

BENTO, Emmanuel. **MC Loma relembra calote de empresário**: “Abusou da nossa inocência”. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2021/10/13611253-mc-loma-relembra-calote-de-empresario-abusou-da-nossa-inocencia.html>. Acesso em: 2 jun. 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução Marco Antônio Escobar. Campinas: Pontes, 1989.

BEZERRA, Daniel U. C. **Alagados, mocambos e mocambeiros**. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

BPRP. **BPRP – Batalhão de Polícia de Radiopatrulha**. Disponível em: <https://www.pm.pe.gov.br/bprp/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRAGA, Carolina. **Evolução do brega-funk, o ritmo nordestino que ganhou o Brasil**. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/evolucao-do-brega-funk-o-ritmo-nordestino-que-ganhou-o-brasil/>. Acesso em: 13 out. 2021.

BRESSIANI, Morgana. **Conheça melhor o empresário KondZilla e seu lema: a favela venceu!**. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/conheca-melhor-o-empresario-konzilla-e-seu-lema-a-favela-venceu/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity - Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CNI. Indústria fica menos concentrada regionalmente. **Nota Econômica**, Brasília, v. 7, n. 19, p. 1-14, abr. 2021.

CORREIA, Mariama. **Passinho**: racismo policial reprime encontros e já fez a primeira vítima. Disponível em: <https://marcozero.org/racismo-policial-reprime-encontros-de-passinho-e-ja-fez-a-primeira-vitima/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

CUNHA, Maria A. F. da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e Seus Contextos de Uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

DEEZER. **Brega-funk**: confira os hits que estouraram em todo o Brasil. Disponível em: <https://www.deezer-blog.com/br/brega-funk/>. Acesso em: 5 jan. 2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **MCs Troinha e Tocha são impedidos de fazer show com Márcia Fellipe em Caruaru**. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/06/mcs-troinha-e-tocha-sao-impedidos-de-fazer-show-com-marcia-fellipe-em.html#:~:text=MCs%20Troinha%20e%20Tocha%20s%C3%A3o,Caruaru%20%7C%20Viver%3A%20Diario%20de%20Pernambuco&text=Os%20MCs%20Troinha%20e%20Tocha,na%20noite%20desta%20quinta%20feira>. Acesso em: 2 jun. 2022.

DIAS, Gabriel dos Santos A. **Veja qual o preço médio de venda de imóveis no Recife por bairro**. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2021/10/05/veja-qual-o-preco-medio-de-venda-de-imoveis-no-recife-por-bairro-217542/index.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

DOSSIÊ IPHAN. **Frevo**. Brasília: Iphan, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. Londres: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução André R. N. Martins *et al.* 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. Ascetismo e sectarismo no protestantismo clássico. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 39, p. 21-35, set./dez. 2015.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Ação no Recife faz alerta sobre riscos de gravidez precoce**. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/acao-no-recife-faz-alerta-sobre-riscos-da-gravidez-precoce/95012/>. Acesso em: 10 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014b.

FREIRE, Wanderson. **Brega assume seu lugar no carnaval do Recife**. Disponível em: <https://www.anf.org.br/brega-assume-seu-lugar-no-carnaval-do-recife/>. Acesso em: 17 jan. 2023.

FREYRE, Gilberto. O nordeste do açúcar. *In: Os canaviais e os mocambos* – Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Diaulas Riedel (org.). São Paulo: Cultrix, 1959.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

G1. **Grande Recife já teve ao menos mil tiroteios em 2023; saiba cidades e bairros mais violentos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/08/01/grande-recife-ja-teve-ao-menos-mil-tiroteios-em-2023-saiba-cidades-e-bairros-mais-violentos.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2023.

G1. **Recife tem maior desigualdade entre capitais em 2019 e PE fica em terceiro no país em concentração de renda, diz IBGE**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/11/12/recife-tem-maior-desigualdade-entre-capitais-em-2019-e-pe-fica-em-terceiro-no-pais-em-concentracao-de-renda-diz-ibge.ghtml>. Acesso: em 14 out. 2021.

G1. **Pobreza e extrema pobreza batem recorde em Pernambuco: 1,8 milhão de pessoas vivem com menos de R\$ 171 por mês**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/12/03/pobreza-e-extrema-pobreza-batem-recorde-em-pe-18-milhao-de-pessoas-vivem-com-menos-de-r-171-por-mes.ghtml>. Acesso em: 4 jul. 2023.

GAIER, Rodrigo Viga. **62% dos usuários de droga no Brasil são da classe A, diz FGV**. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/ibrecps/EDJ/midia/jc1055.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

GAMA, Aliny. **Polícia investiga se músicas com duplo sentido de MCs incentivam pedofilia em Pernambuco**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/08/17/policia-investiga-se-musicas-com-duplo-sentido-de-mcs-incentivam-pedofilia-em-pernambuco.htm>. Acesso em: 2 jun. 2022.

GOMES, Jaciara. **“Do Recife para o mundo”**: os significados do (brega) funk pernambucano. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

GUERRA, Raphael. **Com mês mais sangrento em 41 meses, veja ranking dos bairros mais violentos do Recife**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/05/12125464-com-mes-mais-sangrento-em-41-meses-veja-ranking-dos-bairros-mais-violentos-do-recife.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. Abingdon: Routledge, 2014.

HAMMES, Bárbara. **Negros são 56% da população, mas presença na Câmara Federal ainda não chega a 30%: ‘Representação é necessária para toda a sociedade’**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/11/19/negros-sao-56percent-da-populacao-mas-presenca-na-camara-federal-ainda-nao-chega-a-30percent-representacao-e-necessaria-para-toda-a-sociedade.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2023.

ICL Economia. **Economistas do ICL avaliam que fala do CEO australiano sobre demissões em massa representa a “lógica do capitalismo selvagem”**. Disponível em: <https://icleconomia.com.br/economistas-do-icl-ceo-demissoes-em-massa/>. Acesso em: 31 out. 2023.

IPHAN. **Patrimônio cultural do Brasil**: pareceres de registro dos bens culturais imateriais. Brasília: Iphan, 2021.

JC. **Rolezinho assusta clientes e lojistas em shopping no Recife**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2014/05/04/rolezinho-assusta-clientes-e-lojistas-em-shopping-no-recife-126902.php>. Acesso em: 2 jun. 2022.

JUCÁ, Gisafran N. M. O processo de ocupação e crescimento do espaço urbano do Recife. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 118, p. 125-152, 2004.

KONDZILLA. **Quem somos**. Disponível em: <https://kondzilla.com/quem-somos>. Acesso em: 2 jun. 2022.

LEHAN, Richard. **The City In Literature**. Berkeley: University of California Press, 1998.

LEIAJÁ. **MCs são expulsos do Parque da Jaqueira ao gravar clipe**. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2019/02/14/mcs-sao-expulsos-do-parque-da-jaqueira-ao-gravar-clipe/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

LOPES, Nirleide Dantas. A violência contra a mulher no capitalismo contemporâneo: opressão, exploração e manutenção do sistema. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th WOMEN'S WORLDS CONGRESS. 2017, Florianópolis. **Anais**. p. 1-15.

LINS, Larissa. **Brega-funk em revisão: MCs pernambucanos inspiram tese de doutorado e dão voz à periferia**. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2015/08/brega-funk-em-revisao-mcs-pernambucanos-inspiram-tese-de-doutorado-e-dao-voz-a-periferia.html>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Lisboa: Avante!, 1997.

MATOS, Thaís. **MC Loma processa empresário por receber R\$ 3 mil em shows que pagavam R\$ 20 mil de cachê**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2018/09/10/mc-loma-processa-empresario-por-receber-r-3-mil-em-shows-que-pagavam-r-20-mil-de-cache.ghtml>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p: 1335-1346, set-dez 2011.

MELO, Iran Ferreira de. **Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de São Paulo**. 2013. 384 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MONCAU, Gabriela. **Indígenas são reprimidos pela PM em ato contra marco temporal na rodovia Bandeirantes em SP**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/30/indigenas-sao-reprimidos-pela-pm-em-ato-contramarco-temporal-na-rodovia-dos-bandeirantes-em-sp>. Acesso em: 31 maio 2023.

MORAES, Katarina. **As várias faces da fome no Recife**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/04/12113933-as-varias-faces-da-fome-no-recife.html>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MORAES, Lucas. **Do Pina à Várzea, veja os bairros mais caros e os mais baratos para morar de aluguel no Recife**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2021/05/12125363-do-pina-a-varzea-veja-os-bairros-mais-caros-e-os-mais-baratos-para-morar-de-aluguel-no-recife.html>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MORAES, Lucas. **Pobreza**: Grande Recife tem 40% da população sobrevivendo com R\$275 per capita. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2022/04/14989939-pobreza-grande-recife-tem-40-da-populacao-sobrevivendo-com-rs-275-per-capita.html>. Acesso em: 2 jun. 2022.

OLIVEIRA, Derli Machado de; OLIVEIRA, Daisy M. Moreira de. Análise Crítica do Discurso: perspectiva crítica de investigação da linguagem em relação com as mudanças sociais e culturais. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL, 7., 2013, São Cristóvão. **Anais**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, p. 1-15.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.

PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade**: favelas e política no Rio de Janeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PSC. **Missão e valores**. Disponível em: <https://psc.org.br/missao-valores/>. Acesso em 6 jan. 2023.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2016.

RECIFE. **Movimento Brega se torna patrimônio imaterial do Recife**. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/01/07/2021/movimento-brega-se-torna-patrimonio-imaterial-do-recife>. Acesso em: 24 abr. 2023.

RECIFE. **Perfil dos bairros**. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/perfil-dos-bairros>. Acesso em: 1 jan. 2023.

RESENDE, Viviane de Melo; RESENDE, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p: 185-207, jul-dez, 2004.

REYNALDO, Amélia; ALVES, Paulo R. M. **Origem da expansão do Recife - divisão do solo e configuração da trama urbana**. Disponível em: <https://documentcloud.adobe.com/gsuiteintegration/index.html?state=%7B%22ids%22%3A%5B%2210SBH-gX7pNzxpLnAX81ay5tGoSor7FQk%22%5D%2C%22action%22%3A%22open%22%2C%22userId%22%3A%22108155466266980099419%22%2C%22resourceKeys%22%3A%7B%7D%7D>. Acesso em: 30 jan. 2023.

RIBEIRO, Rafael Gaia. Movimento Manguebeat: manifestações, fenômenos, musicais e diálogos de uma cultura híbrida e globalizada. **Música em Foco**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 45-53, 2020.

SANTANA, Danielle. **Aluguel no Recife é o 2º mais caro do país, indica pesquisa FipeZap**. Disponível em:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2021/09/aluguel-no-recife-e-o-2-mais-carro-do-pais-indica-pesquisa-fipezap.html>. Acesso em: 29 dez. 2022.

SANTOS, José Matheus. **Recife tem aumento no número de homicídios no acumulado de oito meses em 2021 e fica na contramão das demais regiões de Pernambuco, revela balanço da SDS**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jamildo/2021/09/13043239-recife-tem-aumento-no-numero-de-homicidios-no-acumulado-de-oito-meses-em-2021-e-fica-na-contramao-das-demais-regioes-de-pernambuco-revela-balanco-da-sds.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

SILVA, Leonardo Dantas. Nota do Editor. *In: Atlas Histórico Cartográfico do Recife*. José L. M. Menezes (org.). Recife: Massangana, 1988.

SOARES, Thiago. **Ninguém é perfeito e a vida é assim**: a música brega em Pernambuco. 2. ed. Recife: Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2021.

SOUZA, Murilo. **Número de deputados pretos e pardos aumentam 8,94%, mas é menor que esperado**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/911743-numero-de-deputados-pretos-e-pardos-aumenta-894-mas-e-menor-que-o-esperado/#:~:text=Apesar%20do%20aumento%20de%2036,eles%20eram%2021%20e%20102..> Acesso em: 21 jul. 2023.

SYMPLA. **A favela venceu**. Disponível em: <https://images.sympla.com.br/5c4f8e243177f-xs.jpg>. Acesso em: 5 jan. 2023.

THE WASHINGTON POST. **The world's best and worst cities**. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/wellness/1990/11/20/the-worlds-best-and-worst-cities/b5305fd4-98e6-4eb1-9073-648f7f5e29d6/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

TRINDADE, Hiago. Crise do capital, exército industrial de reserva e precariado no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 129, p. 225-244, maio/ago. 2017.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

VAN DIJK, Teun A. Principles of critical discourse analysis. **Discourse & Society**, London, v. 4, n. 2, p. 249-283, 1993.

VIANA, Hermógenes. **A fundação do Recife**. Recife: Imprensa Industrial, 1959.

VITORIANO, Agnes. **Em 2020, a PF de Pernambuco registra o maior número de apreensões de cocaína em 10 anos**. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/em-2020-a-pf-de-pernambuco-registra-o-maior-numero-de-apreensoes-de/170734/>. Acesso em: 10 out. 2021.

WEISS, Gilbert; WODAK, Ruth. Introduction: Theory, Interdisciplinarity and Critical Discourse Analysis. *In: WEISS, Gilbert; WODAK, Ruth (org.). Critical Discourse Analysis: Theory and Interdisciplinarity*. 1. ed. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.

## APÊNDICE

---

### TABELAS DE ORAÇÕES

#### Envolvimento (MC Loma e as Gêmas Lacração)

| Orações                |                                       |                              |                     | Tipo de Processo |
|------------------------|---------------------------------------|------------------------------|---------------------|------------------|
| envolvimento diferente | eu                                    | ensino                       | a vocês             | Material         |
| <b>Meta</b>            | <b>Ator</b>                           | <b>Processo Material</b>     | <b>Beneficiário</b> |                  |
| eu                     | vou sentar                            |                              |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        |                              |                     |                  |
| eu                     | vou quicar                            |                              |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        |                              |                     |                  |
| eu                     | vou descendo de uma vez               |                              |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        |                              |                     |                  |
| esse hit               | é                                     | chiclete                     |                     | Relacional       |
| <b>Portador</b>        | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b>              |                     |                  |
| esse hit               | vai ficar na tua mente                |                              |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        |                              |                     |                  |
| eu                     | sento                                 |                              |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        |                              |                     |                  |
| eu                     | quico                                 | devagar                      |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Circunstância de Modo</b> |                     |                  |
| tu                     | não precisa                           | exagerar                     |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b>         |                     |                  |
| tu                     | não precisa                           | se empolgar                  |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b>         |                     |                  |
| tu                     | vai sentar                            | devagar                      |                     | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>     | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Circunstância de Modo</b> |                     |                  |
| o nosso bonde          | é                                     | sinistro                     |                     | Relacional       |
| <b>Portador</b>        | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b>              |                     |                  |
| eu                     | vou ensinar                           | te                           | a descer            | Material         |

| Ator      | Processo Material    | Meta                   | Extensão  |             |
|-----------|----------------------|------------------------|-----------|-------------|
| eu        | vou ensinar          | te                     | a subir   | Material    |
| Ator      | Processo Material    | Meta                   | Extensão  |             |
| eu        | vou ensinar          | te                     | a quicar  | Material    |
| Ator      | Processo Material    | Meta                   | Extensão  |             |
| eu        | vou ensinar          | te                     | a rebolar | Material    |
| Ator      | Processo Material    | Meta                   | Extensão  |             |
| escama    | é                    | só de peixe            |           | Existencial |
| Existente | Processo Existencial | Circunstância de Papel |           |             |

### Gera Bactéria (Shevchenko e Elloco)

| Orações                 |                                |                                       |                                       | Tipo de Processo |
|-------------------------|--------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|------------------|
| liga                    | o paredão                      | no fluxo                              |                                       | Material         |
| Processo Material       | Meta                           | Circunstância de Modo                 |                                       |                  |
| nós                     | vâmo gerar                     | na gerência                           |                                       | Comportamental   |
| Comportante             | Processo Comportamental        | Circunstância de Modo                 |                                       |                  |
| gera                    | bactéria                       |                                       |                                       | Comportamental   |
| Processo Comportamental | Comportante                    |                                       |                                       |                  |
| esse passinho           | é                              | novo                                  |                                       | Relacional       |
| Portador                | Processo Relacional Atributivo | Atributo                              |                                       |                  |
| esse passinho           | nasceu                         | na favela                             |                                       | Material         |
| Ator                    | Processo Material              | Circunstância de Localização de Lugar |                                       |                  |
| nós                     | manda                          | embrasado                             | lá dentro do brega                    | Comportamental   |
| Comportante             | Processo Comportamental        | Comportamento                         | Circunstância de Localização de Lugar |                  |
| eu                      | nem queria                     |                                       |                                       | Mental           |
| Experienciador          | Processo Mental                |                                       |                                       |                  |
| fim de semana           | chegou                         |                                       |                                       | Comportamental   |
| Comportante             | Processo Comportamental        |                                       |                                       |                  |
| eu                      | tô                             | embrasado                             |                                       | Relacional       |
| Portador                | Processo Relacional Atributivo | Atributo                              |                                       |                  |
| hoje                    | eu                             | tô                                    | que tô                                | Relacional       |

| Circunstância de Localização de Tempo | Portador                                 | Processo Relacional Atributivo               | Atributo |                |
|---------------------------------------|--|--|----------|----------------|
| está                                  | cheio de gostosa                         | em cima do camarote                          |          | Existencial    |
| <b>Processo Existencial</b>           | <b>Existente</b>                         | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |          |                |
| eu                                    | conto                                    | meu malote                                   |          | Material       |
| <b>Ator</b>                           | <b>Processo Material</b>                 | <b>Extensão</b>                              |          |                |
| eu                                    | gosto                                    | de mandar o passinho                         |          | Mental         |
| <b>Experienciador</b>                 | <b>Processo Mental</b>                   | <b>Fenômeno</b>                              |          |                |
| tá                                    | ligado                                   |  |          | Comportamental |
| <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b>                     |  |          |                |
| a resenha                             | é  | nós  |          | Relacional     |
| <b>Valor</b>                          | <b>Processo Relacional Identificador</b> | <b>Característica</b>                        |          |                |

### Cheiro Pó na Bunda Delas (CL no Beat, MC Boyugo, MC João Maloka)

| Orações                     |                                |  |  | Tipo de Processo |
|-----------------------------|--------------------------------|--|--|------------------|
| é                           | MC Boyugo                      |  |  | Existencial      |
| <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b>               |  |  |                  |
| é                           | o apelão                       |  |  | Existencial      |
| <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b>               |  |  |                  |
| é                           | o CL no Beat                   |  |  | Existencial      |
| <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b>               |  |  |                  |
| é                           | o crime                        |  |  | Existencial      |
| <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b>               |  |  |                  |
| é                           | João Maloka                    |  |  | Existencial      |
| <b>Processo Existencial</b> | <b>Existente</b>               |  |  |                  |
| tu                          | vai dizer                      | que não?                                     |  | Verbal           |
| <b>Dizente</b>              | <b>Processo Verbal</b>         | <b>Verbiagem</b>                             |  |                  |
| eu                          | saí                            | da Roda de Fogo                              |  | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>          | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |                  |
| eu                          | fui parar                      | na Guabiraba                                 |  | Comportamental   |

|                                |                                |  |  |                |
|--------------------------------|--------------------------------|--|--|----------------|
| <b>Comportante</b>             | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |                |
| elas                           | quer sentar                    | em nós três                                  |  | Mental         |
| <b>Experienciador</b>          | <b>Processo Mental</b>         | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |                |
| os boy de Passarinho           | só anda                        | de Seaway                                    |  | Comportamental |
| <b>Comportante</b>             | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Circunstância de Modo</b>                 |  |                |
| eu                             | estava                         | com o oitão na mão                           | em Nova Descoberta                           | Comportamental |
| <b>Comportante</b>             | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Comportamento</b>                         | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |                |
| eu                             | estava                         | escamando                                    | de Seaway                                    | Comportamental |
| <b>Comportante</b>             | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Comportamento</b>                         | <b>Circunstância de Modo</b>                 |                |
| as bixinha                     | joga                           | a pepeca                                     |  | Material       |
| <b>Ator</b>                    | <b>Processo Material</b>       | <b>Meta</b>                                  |  |                |
| [elas]                         | vai sarrar                     |  |  | Material       |
| <b>Ator</b>                    | <b>Processo Material</b>       |  |  |                |
| [elas]                         | vai sentar                     | na peça                                      |  | Material       |
| <b>Ator</b>                    | <b>Processo Material</b>       | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |  |                |
| bate                           | contenção                      |  |  | Comportamental |
| <b>Processo Comportamental</b> | <b>Comportamento</b>           |  |  |                |
| eu                             | cheiro                         | pó   | na bunda delas                               | Comportamental |
| <b>Comportante</b>             | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Comportamento</b>                         | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> |                |

**Aponta pro Bandido – Uni Duni Duni Tê** (MC Abalo, MC Chefe Coringa, MC Reino, MC Moana, MC Magrinho)

|                 |                                       |                 |       |                       |                         |
|-----------------|---------------------------------------|-----------------|-------|-----------------------|-------------------------|
| <b>Orações</b>  |                                       |                 |       |                       | <b>Tipo de Processo</b> |
| MC Abalo        | é                                     | foda            |       |                       | Relacional              |
| <b>Portador</b> | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b> |       |                       |                         |
| eu              | dei                                   | fuga            | na VT | pra pegar a gostosona | Material                |

| Ator   | Processo Material              | Meta                                  | Extensão                      | Circunstância de Causa |                |
|--|--------------------------------|---------------------------------------|-------------------------------|------------------------|----------------|
| a 200 por hora                               | eu                             | passei                                | no Vasco da Gama              |                        | Material       |
| <b>Circunstância de Modo</b>                 | <b>Ator</b>                    | <b>Processo Material</b>              | <b>Meta</b>                   |                        |                |
| me pegar                                     | não vai ser                    | fácil                                 |                               |                        | Comportamental |
| <b>Comportamento</b>                         | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Circunstância de Modo</b>          |                               |                        |                |
| na subida do morro                           | ela                            | apontou                               | pra mim                       |                        | Material       |
| <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> | <b>Ator</b>                    | <b>Processo Material</b>              | <b>Meta</b>                   |                        |                |
| eu   | ganhei                         | o peão                                |                               |                        | Material       |
| <b>Ator</b>                                  | <b>Processo Material</b>       | <b>Meta</b>                           |                               |                        |                |
| ela  | disse                          | que só quer ladrão                    |                               |                        | Verbal         |
| <b>Dizente</b>                               | <b>Processo Verbal</b>         | <b>Verbiante</b>                      |                               |                        |                |
| aponta                                       | pro bandido                    | que vai te comer                      |                               |                        | Material       |
| <b>Processo Material</b>                     | <b>Meta</b>                    | <b>Circunstância de Papel</b>         |                               |                        |                |
| hoje   | o DJ do baile                  | vai escolher                          | te                            |                        | Material       |
| <b>Circunstância de Localização de Tempo</b> | <b>Ator</b>                    | <b>Processo Material</b>              | <b>Meta</b>                   |                        |                |
| hoje   | o beck                         | é                                     | certo                         |                        | Relacional     |
| <b>Circunstância de Localização de Tempo</b> | <b>Portador</b>                | <b>Processo Relacional Atributivo</b> | <b>Atributo</b>               |                        |                |
| hoje   | geral                          | vai                                   | foder                         |                        | Comportamental |
| <b>Circunstância de Localização de Tempo</b> | <b>Comportante</b>             | <b>Processo Comportamental</b>        | <b>Comportamento</b>          |                        |                |
| ela  | fez                            | dezoito ano                           |                               |                        | Comportamental |
| <b>Comportante</b>                           | <b>Processo Comportamental</b> | <b>Comportamento</b>                  |                               |                        |                |
| ela  | quer                           | dar                                   | porque sabe que doi           |                        | Mental         |
| <b>Experenciado r</b>                        | <b>Processo Mental</b>         | <b>Fenômeno</b>                       | <b>Circunstância de Causa</b> |                        |                |
| você   | não tem                        | medo                                  |                               |                        | Mental         |
| <b>Experenciado r</b>                        | <b>Processo Mental</b>         | <b>Fenômeno</b>                       |                               |                        |                |

|                          |                     |  |  |  |          |
|--------------------------|---------------------|--|--|--|----------|
| dá                       | pra nós             |  |  |  | Material |
| <b>Processo Material</b> | <b>Beneficiário</b> |  |  |  |          |

### Festinha de Traficante 2 (CL no Beat, MC Chefinho da ZO, MC Zangão)

| Orações                                  |  |  |                               |                               | Tipo de Processo |
|--|--|--|-------------------------------|-------------------------------|------------------|
| sustenta                                 | o rei da putaria                         |  |                               |                               | Comportamental   |
| <b>Processo Comportamental</b>           | <b>Comportamento</b>                     |  |                               |                               |                  |
| é  | o Chefinho da ZO                         |  |                               |                               | Relacional       |
| <b>Processo Relacional Identificador</b> | <b>Valor</b>                             |  |                               |                               |                  |
| tu                                       | vem                                      |  |                               |                               | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>                       | <b>Processo Comportamental</b>           |  |                               |                               |                  |
| é  | o CL no Beat                             |  |                               |                               | Relacional       |
| <b>Processo Relacional Identificador</b> | <b>Valor</b>                             |  |                               |                               |                  |
| ela                                      | subiu                                    | na favelinha                                 | pra sentar pros envolvido     |                               | Comportamental   |
| <b>Comportante</b>                       | <b>Processo Comportamental</b>           | <b>Circunstância de Localização de Lugar</b> | <b>Circunstância de Causa</b> |                               |                  |
| eu                                       | tô                                       | postulado                                    | no corre                      | com a fama de bandido         | Relacional       |
| <b>Portador</b>                          | <b>Processo Relacional Atributivo</b>    | <b>Atributo</b>                              | <b>Circunstância de Modo</b>  | <b>Circunstância de Papel</b> |                  |
| eu                                       | tô                                       | trajado de lalá                              |                               |                               | Relacional       |
| <b>Portador</b>                          | <b>Processo Relacional Atributivo</b>    | <b>Atributo</b>                              |                               |                               |                  |
| eu                                       | só quero                                 | se for os louco da Roda de Fogo              |                               |                               | Mental           |
| <b>Experienciador</b>                    | <b>Processo Mental</b>                   | <b>Fenômeno</b>                              |                               |                               |                  |
| os amiguinho                             | que tá                                   | de PT  |                               |                               | Relacional       |
| <b>Característica</b>                    | <b>Processo Relacional Identificador</b> | <b>Valor</b>                                 |                               |                               |                  |

|  |   |   |                     |             |                    |
|--|---|---|---------------------|-------------|--------------------|
| eles   | botam   | pra foder                                     |                     |             | Comportament<br>al |
| <b>Comportante</b>                                   | <b>Processo<br/>Comportament<br/>al</b>       | <b>Comportament<br/>o</b>                     |                     |             |                    |
| se você  | não tiver                                     | de glock                                      |                     |             | Comportament<br>al |
| <b>Comportante</b>                                   | <b>Processo<br/>Comportament<br/>al</b>       | <b>Comportament<br/>o</b>                     |                     |             |                    |
| ela  | nem olha                                      | pra você                                      |                     |             | Material           |
| <b>Ator</b>  | <b>Processo<br/>Material</b>                  | <b>Meta</b>                                   |                     |             |                    |
| eu   | entrei  | pra boca                                      |                     |             | Material           |
| <b>Ator</b>  | <b>Processo<br/>Material</b>                  | <b>Meta</b>                                   |                     |             |                    |
| agora  | eu  | tô  | de censa            |             | Comportament<br>al |
| <b>Circunstância<br/>de Localização<br/>de Tempo</b> | <b>Comportante</b>                            | <b>Processo<br/>Relacional<br/>Atributivo</b> | <b>Atributo</b>     |             |                    |
| ela  | vai entrar                                    | demais  |                     |             | Comportament<br>al |
| <b>Comportante</b>                                   | <b>Processo<br/>Comportament<br/>al</b>       | <b>Circunstância<br/>de Modo</b>              |                     |             |                    |
| ela  | não queria                                    | me  |                     |             | Mental             |
| <b>Experienciador</b>                                | <b>Processo<br/>Mental</b>                    | <b>Fenômeno</b>                               |                     |             |                    |
| agora  | ela   | quer dar                                      | me                  | a buceta    | Material           |
| <b>Circunstância<br/>de Localização<br/>de Tempo</b> | <b>Ator</b>                                   | <b>Processo<br/>Material</b>                  | <b>Beneficiário</b> | <b>Meta</b> |                    |
| eu   | tô  | de pistola                                    |                     |             | Comportament<br>al |
| <b>Comportante</b>                                   | <b>Processo<br/>Relacional<br/>Atributivo</b> | <b>Comportament<br/>o</b>                     |                     |             |                    |

## ANEXOS

---

### TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS*

**Envolvimento** (MC Loma e as Gêmeas Lactação – 2018):

Envolvimento diferente eu ensino a vocês  
Eu vou sentar e vou quicar e vou descendo de uma vez  
Esse hit é chiclete e na tua mente vai ficar

Sento, sento, sento, sento  
Sento e quico devagar  
Sento, sento, sento, sento  
Sento e quico devagar  
Sento, sento, sento, sento  
Sento e quico devagar

Tu não precisa exagerar  
Muito menos se empolgar

Tu vai sentar, tu vai sentar, tu vai sentar devagar  
Tu vai sentar, tu vai sentar, tu vai sentar devagar  
Tu vai sentar, tu vai sentar, tu vai sentar devagar

O nosso bonde é sinistro  
Vem cá que vou te ensinar  
A descer, a subir, a quicar e rebolar  
A quicar e rebolar  
A quicar e rebolar

E aê, Dê-jey!  
Escama só de peixe!  
Cebrútius!

**Gera Bactéria** (Shevchenko e Elloco – 2018):

Liga o paredão no fluxo  
E vamo gerar na gerência

Gera, gera, gera, gera  
Gera, gera, gera bactéria  
Gera, gera, gera bactéria

Esse passinho é novo e nasceu na favela  
Nós manda embrasado lá dentro do brega

Gera, gera, gera bactéria  
Gera, gera, gera bactéria

Esse passinho é novo e nasceu na favela  
Nós manda embrasado lá dentro do brega

Ah, eu nem queria! Fim de semana chegou  
Tô embrasado, hoje eu tô que tô  
Cheio de gostosa em cima do camarote  
Balançando a bunda enquanto eu conto meu malote

Quando eu tô embrasado, eu gosto de mandar o passinho  
Quando eu tô embrasado, eu gosto de mandar o passinho

E tá ligado, né?  
Ah, a resenha é nós  
A resenha é nós, vai  
Eu tô só calado

**Cheiro Pó na Bunda Delas** (CL no Beat, MC Boyugo, MC João Maloka – 2021):

MC Boyugo, o apelão  
É o CL Beat, é o crime  
É João Maloka, vai dizer que não

Saí da Roda de Fogo e fui parar na Guabiraba  
Chegando na festinha, uma tremenda cachorrada  
Bagulho louco elas quer sentar em nós três  
Os boy de Passarinho só anda de Seaway  
Os boy de Passarinho só anda de Seaway

Eu com o oitão na mão em Nova Descoberta  
Escamando de Seaway, as bixinha joga a pepeca  
Vai sarrar na peça  
Vai sentar na peça  
Então bate contenção que eu cheiro pó na bunda delas

**Aponta pro Bandido – Uni Duni Duni Tê** (MC Abalo, MC Chefe Coringa, MC Reino, MC Moana, MC Magrinho – 2021):

MC Abalo é foda  
Papo do Reino  
Ih, chega, petróleo  
Nordestino, Chefe Coringa

Dei fuga na VT pra pegar a gostosona  
A 200 por hora, passei no Vasco da Gama  
Pra me pegar, não vai ser fácil, não  
Na subida do Morro onde eu ganhei o peão  
Ela apontou pra mim e disse que só quer ladrão  
Vai, toma

Uni duni tê, aponta pro bandido que vai te comer  
Hoje o DJ do baile vai te escolher  
Hoje o beck é certo e geral vai foder

Ela fez dezoito ano e quer dar porque sabe que doi  
Já que você não tem medo  
Então dá pra nós  
Dá pra nós

Diretamente Matinga City  
Favela no beat

**Festinha de Traficante 2** (CL no Beat, MC Chefinho da ZO, MC Zangão – 2021):

Sustenta o rei da putaria  
É o Chefinho da ZO  
Tu vem, ãn, é o CL no Beat

Subiu na favelinha pra sentar pros envolvido  
Postulado no corre com a fama de bandido  
Trajado de lalá, com a glock adaptada  
50 mil no PIX pra gastar com a cachorrada  
Só quero se for os louco da Roda de Fogo  
Porque eles botam pra foder

É os amiguinho que tá de PT  
Se não tiver de glock ela nem olha pra você  
Entrei pra boca e agora eu tô de censa  
E ela vai entrar demais  
Não me queria e agora  
Quer me dar buceta só porque eu tô de pistola

Ninguém tá guentando com ele, não  
CL no Beat, safado